

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director: J. B. MAGALHÃES

Secretario: MARIO TRAVASSOS

Gerente: A. CHAVES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Novembro de 1928

N. 179

Edição de 60 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

15 DE NOVEMBRO!

COLLABORAÇÃO

<i>A missão do official e o seu prestigio na Sociedade</i>	Frederico Duarte
<i>A Fraternidade Americana</i>	Cap. J. B. Magalhães.
<i>A concentração e o plano austriaco contra a Russia</i>	Cel. Meira Vasconcellos.
<i>Anno de Instrução 1928—7º R. I. (La Provincia...)</i>	Cel. Paes de Andrade.
<i>Flexibilidade as regras de leitura de cartas (Notas á margem de exercicios tacticos)</i>	Cap. Mario Travassos.
<i>A resposta ao Bertha que atirou contra Paris (O problema dos grandes alcances)</i>	Major Pericles Ferraz.
<i>A combinação dos jogos da I. com os da A. e da Av. — A ligação na offensiva (VI conferencia — Tactica de Infantaria)</i>	Ten. Cel. Hugue.

DA REDACÇÃO

REEDUCAÇÃO (Excerpto) NOVA LEI DE PROMOÇÕES (exc.) A SITUAÇÃO MILITAR DA ARGENTINA (trad.) COMO SE FAZEM OS EXERCITOS EFFICIENTES (Methodos de accesso e processos de selecção dos quadros no Exercito Argentino) UM GAZ NOVO (transc.) O QUE VALEM OS QUADROS (excerptos de uma circular do Ministro da Guerra Chileno) AS CRISES DOS QUADROS DE OFFICIAES DA ARMADA. A AVIAÇÃO NA AMERICA DO SUL (trans.) A INSTRUÇÃO DOS QUADROS E DA TROPA DA 1.ª. D. I (trans.) BIBLIOGRAPHIA E EXPEDIENTE

“Lembrae=vos da Guerra,”

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

J. B. Magalhães, Mario Travassos, Alexandre Chaves, (Directores) —
Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) —
A. Pamphiro, Sayão Cardoso, Verissimo, Osvino Alves, Bina Machado,
Fernando Saboya (da Red.) — Toscano, Lage Sayão (da Adm.)

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

Q. G. 1.^a R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — Ten. Jorge B. Guimarães.
S. G. M. — Cap. Heraldio.
E. E. M. — Cap. Pery Bevilacqua.
E. A. O. — Ten. Octavio Paranhos.
E. Av. M. — Ten. Dubois.
E. M. — Cap. Luiz Procopio.
Alumno João Binã Machado.
E. Int. — Ten. Ferich.
C. M. — Ten. Berzelius.
E. S. I. — Ten. Ignacio Rolin.
2.^o R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3.^o R. I. — 1.^o Ten. Aristoteles Ribeiro.

1.^o R. C. D. — Ten. Alfredo A. Silva.
15.^o R. C. I. — Ten. Pletz Espindola.
1.^o R. A. M. — Ten. Antonio H. A. Moraes.
2.^o R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1.^o G. I. A. P. — Ten. João M. Lebrão.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Leblon Regis.
For. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
1.^o G. A. Meth. —
1.^o B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1.^a Cia. Ferroviaria —
C. C. C. — Ten. Adalberto Coelho.
F. S. D. — Ten. Waldemar Fretz.
Regimento Naval —
P. M. D. F. — Cap. Souto Mayor.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1.^a R. M. — Ten. João M. Lebrão.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. — 2.^a D. I. — São Paulo —
Q. G. 3.^a D. I. — P. Alegre — Cel. Amílcar Magalhães.
Q. G. 4.^a D. I. — Juiz de Fôra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. Circums. Matto-Grosso — Cap. Alcêu.
Q. G. 5.^o R. M. — Curitiba — Sarg. Affonso Fink.
Q. G. 7.^o R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Q. G. 8.^o R. M. — Pará —
Fab. de Polvora — Estrella — Cap. Waldemar Santos.
rs. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. M. — Porto Alegre — Ten. Nestor Souto.
C. M. — Pará —
Quatana — Cap. Augusto J. Souza.
Caçapava — Ten. Arlindo Nunes.
1.^a R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.

8.^o R. I. —
9.^o R. I. — Rio Grande — Ten. Edgard Buxbaum.
10.^o R. I. — Juiz de Fôra — Ten. Armando B. Moraes.
11.^o R. I. — S. João d'El-Rey — Ten. Hugo Faria.
13.^o R. I. — Ponta Grossa — Cap. Raymundo Fontinelli.
1.^o B. C. — Petropolis — Ten. Bonorino.
2.^o B. C. — S. Gonçalo — Ten. Francisco P. Quedes.
3.^o B. C. — Victoria —
4.^o B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
6.^o B. C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
17.^o B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
9.^o B. C. — Caxias — Ten. João J. Vieira.

(Continúa)

10° B.C. — Ouro-Preto — Cap. Mariano Chaves.
 15° B.C. — Curitiba — Ten. Domingues dos Santos.
 19° B.C. — Bahia —
 21° B.C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
 22° B.C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.
 24° B.C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.
 25° B.C. — Therezina —
 2° R.C.D. — Pirassununga — Alcides Lauriodo.
 3° R.C.D. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
 4° R.C.D. — Tres Corações —
 1° R.C.I. — Boqueirão — Ten. Ortegual Novaes.
 2° R.C.I. — São Borja — Ten. Garrastazú.
 3° R.C.I. — São Luiz —
 4° R.C.I. — Sto. Angelo — Major Soares da Silva.
 5° R.C.I. — Uruguayana —
 6° R.C.I. — Alegrete —
 8° R.C.I. — Rosario —
 10° R.C.I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
 11° R.C.I. — Ponta Porã — Major Valentino Benicio.
 12° R.C.I. — Bagé — Ten. Emilio Medice.
 14° R.C.I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.
 R.A.Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
 4° R.A.M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
 6° R.A.M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.

8° R.A.M. — Pouso Alegre — Ten. Clovis S. Barros.
 9° R.A.M. — Curitiba — Ten. Oscar G. Amaral.
 3° G.I.A.P. — Cachoeira — Ten. Orlando Geisel.
 5° G.A.Mth. — Valença — Cap. Hermes de M. Portella.
 1° G.A.Cav. — Itaquí — Cap. Euclides Sarmento.
 2° G.A.Cav. — Alegrete — Cap. Fabricio.
 3° G.A.Cav. — Bagé — Ten. Balthazar.
 5° G.A.Cav. — Sta. Anna do Liv. — Cap. Americano Freire.
 Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
 Guarnição de Bello Horizonte — Ten. Coelho Reis.
 Guarnição de Florianopolis —
 Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
 Força Publica — Recife — Cap. José A. Figueiredo.
 Força Publica do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1° Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1° Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Acaacio F. Oliveira.
 Força Estadual — Ceará — Ten. R. Jourdan.
 Força Estadual — Sta. Catharina — Ten. Durval Magalhães.
 Força Estadual — Matto-Grosso —
 C.P.O.R. 3° R.M. — Porto Alegre — Capitão Salvador Obino.

Director de publicidade Odilon de Queiroz Jucá

DOS ESTATUTOS DE A DEFESA NACIONAL

Art. 1° — Sob a denominação de A DEFESA NACIONAL, fica instituída, com sede na Capital Federal, uma sociedade civil composta de officiaes da activa do Exercito, destinada a pugnar pelas questões que, directa ou indirectamente, interessem á defesa militar da Nação, em todos os seus aspectos.

Paragrapho unico — A sociedade actuará pelo estudo dessas questões e pela propaganda dos seus ensinamentos, e da forma por que a sua direcção julgar conveniente, mas, como instrumento precioso da sua actividade, manterá a publicação de uma revista, intitulada — A DEFESA NACIONAL.

Art. 2° — O funcionamento da sociedade e a consecução de seus fins são assegurados pelos respectivos membros, em numero de 12 e constituindo o GRUPO MANTENEDOR de A DEFESA NACIONAL, e, em suas relações com o meio exterior, também por um CORPO DE REPRESENTANTES, composto de illimitado numero de membros.

Sempre que possível, deve fazer parte do G. M. um official arregimentado por arma. A titulo de ligação com o meio civil e com a Marinha de Guerra poderão ser acreditados, junto ao G. M., um civil e um official em serviço activo da Armada.

§ 3° — O Corpo de Representantes será organizado pela Direcção (art. 4°), por indicação de qualquer membro do G. M. ou do C. R., sempre com a aprovação unanime dos membros da Direcção, conforme aos interesses superiores de A Defesa Nacional.

Art. 8° — Compete ao Representante zelar pelos interesses administrativos e pela maior repercussão do programma de A Defesa Nacional, no meio em que exerça sua actividade.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — J. B. Magalhães

Secretario — Mario Travassos

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Novembro de 1928

N. 179

EDITORIAL

15 DE NOVEMBRO!

“Todo progresso que se produz nos organismos sociais resulta da acção de um ser exterior. Pensava-se outr’ora que este ser era um Deus. Hoje é um povo reagindo sobre outro e pôde ser também um grande homem. Neste caso o que ha de notavel, é que a força exterior emana do proprio systema. Em sociologia os grandes homens são forças exteriores que se devem ligar do meio ambiente. E são tanto mais poderosas quanto mais delles se desprendem.”

P. LAFFITE.

Por mais que certos espiritos neguem, ainda hoje, a falta de *preparação nacional* para o advento da Republica em 89, os annos já decorridos do acto memoravel de sua proclamação parecem attestar haver exaggero em tal modo de ver, em regra manifestado com character de negativismo.

Não obstante as accusações que se podem formular justamente contra os erros da Republica, é incontestavel que o Brasil tem assás progredido sob o novo regime. E grande somma dos erros actuaes nada mais é que a consequencia de contingencias fataes ou repercussão de faltas anteriores.

Os prejuizos e retardos causados por taes erros devem, sobretudo, ser levados a conta da insufficiencia dos homens e não do regime republicano. Foi essa mesma insufficiencia, existindo na Monarchia, que fez vencedora, sem lucta, a Republica, colhida como um fructo maduro, muito embora faltasse á nação a *preparação sufficiente para assimilal-a*.

Sem incidirmos na falta de menosprezar o passado, e antes preferindo resaltar e amar suas virtudes; sem adoptarmos o máo habito de transformar as imperfeições de tempos idos em supernas qualida-

des, para causticar o presente dos dissabores que nos causa; preferimos crer que a Republica veio a proposito para beneficiar a Patria e que o tem feito, muito embora haja ainda muito a corrigir-se.

Verdade é que, nascida de uma *crise aguda do monarchismo, manifestada no abalo da abolição e na incompreensão das classes armadas*, parece ter tido seu natural advento precipitado, dando apparencias de razão aos que a consideram *temporã*. Mas seria util esperar mais?

Nada, ao que nos parece, indicava positivamente que a eliminação natural do velho monarcha seria breve e que sua successão hereditaria asseguraria ao Brasil a *preparação necessaria* para a era republicana.

Ao contrario, os acontecimentos parecem provar a oportunidade do gesto feliz de Deodoro, da actividade e discernimento revolucionario de Benjamin Contant, como da agitação eloquente dos conspiradores e propagandistas civis. Taes acontecimentos parecem mesmo indicar que *todos os patriotas eminentes pelo character e pela intelligencia*, que dirigiam as correntes activas da opinião, sentiram que, no momento, a Republica era a salvação da Patria. E, então, fizeram-na ou deixaram-na vir.

* * *

A Republica, mesmo que a inaptidão a deturpe ou diminua tem sempre a seu favor a vitalidade que lhe empresta o *rythmo natural de sua existencia* e a renovação constante de suas fontes de energia.

De quatro em quatro annos refazem-se aqui as influencias propulsoras da vida nacional ou a aceleração do progresso mais e mais se accentúa, ou as acções retardadoras tenham repercussão naturalmente limitada.

Si em cada *periodo rythmico* o sentido das vibrações não é contrariado e os que exercem o mando não manifestam tendencia em desvirtuar o regime, tentando a perpetuidade dos elementos que occupam centros donde parte a impulsão, a evolução apresentar-se-á continua, methodica, crescente e sem macula.

A fecundidade propensa a cada periodo depende, tanto em extensão como em generalidade, do valor dos homens que governam, o que é evidente.

Quando a homens de genio corresponde effectivamente a direcção, ou mesmo é esta servida apenas por um bom senso esclarecido, o progresso é suave, traz a tranquillidade e a felicidade, manifestando-se por toda parte, por que elles sabem discernir na tumultuosidade dos problemas os que são fundamentaes e quando e como convém atacal-os.

O retrocesso e as perturbações vêm apenas daquelles que se mostram á quem de suas missões.

Mas o *rythmo da vida republicana* assegura a facil conjuração das crises e facilita á nação a marcha ascendente na escalada perenne da civilisação. Contra ella só se pôde arguir pelas agitações que as renovações dos postos de mando provocam em cada periodo governamental. Mas dadas as diversidades de opiniões politicas reinantes, outro systema não parece mais conveniente e isso de algum modo atenua as irritações e neutraliza as tendencias ás soluções violentas.

* * *

Das manifestações de vida de um povo, as que se referem ás questões da *organisação de sua defesa militar*, são as mais sensíveis á acção dos *homens-governo*.

Visando oppôr-se ás causas dissolventes internas; exprimindo a resultante das

energias convergentes que dão vida ás nacionalidades; constituindo-se de tudo que nos povos representa força; resentem-se ellas das insufficiencias que se manifestem em qualquer parte do paiz ou da nação.

O *valor militar* de uma nação resulta tanto do gráo, da natureza e da extensão da cultura num povo, como da logica observada em sua politica de communicações, da orientação e do desenvolvimento de suas industrias fabris e agricolas, do criterio mantido em relação á formação ethnographica, dos cuidados na defesa eugénica, da comprehensão da cultura physica, etc., etc.

A *força militar* é bem a resultante das energias nacionaes que formam a potenciaalidade da vida nacional; é bem a reveladora da intelligencia e cultura civica dos homens de élite, quer exerçam ou não o governo directo e pratico.

Exercito e Marinha apenas são os instrumentos de trabalho desses homens, instrumentos de incalculavel acção social, até hoje incomprehendida entre nós. Productos da concepção delles e de seu modo de agir, destinam-se apenas a dar expressão propria ás energias nacionaes para quando tiverem de ser applicadas nas *crises sangrentas*. Representam tambem *centros de forças estylizadas* em torno dos quaes se deverão congregar, no momento opportuno, todas as outras forças nacionaes. Taes organismos só ficam exóticos e de influencia perturbadora ou retrogada, quando não se lhes comprehende a significação e não se os sabe aproveitar para fomentar o progresso, mantendo-se-os, por isso, sob forma retardada.

* * *

As etapas de nosso progredir militar têm sido sempre penosas e deturpadas em

“O generalato é a viga mestra da hierarchia, exigindo qualidades pessoais não communs; é indispensavel accelerar-se a carreira dos que mostram possuir as qualidades que lhe são primordiales: — caracter, intelligencia, cultura technica, cultura geral, boa saude.”

seus deslizes, nunca até o fim realizados. Não estudaremos aqui as causas desse phenomeno singular. Elle começa a ser comprehendido. Homens de talento e civismo, isentos de suspeições naturaes, estudam-no, e ferem já em pontos justos. Breve o Brasil deverá á Republica este novo serviço: ter instituições militares capazes de suas legitimas funcções, sendo verdade o que assignala a historia de que ellas têm estado sempre aquem das necessidades do paiz.

Do que affirmamos existem já traços vehementes e um dos mais eloquentes é, sem duvida, o decreto que creou o Conselho da Defesa Nacional.

Com elle surgiu o *orgão consciente e definido* a quem incumbe *balancear os valores nacionaes*; orientar a politica em face dos supremos interesses da defesa do paiz e exercer a *acção coordenadora das actividades dirigentes*, falta talvez originaria dos males que até hoje nos têm affligido.

Creando tal orgão a nação assume a *responsabilidade explicita da situação de sua defesa* e não mais sómente sobre o Exercito e a Marinha ella recahirá.

De um anno a esta parte ficou claro, que a taes orgãos *devem-se atribuir apenas os erros commettidos na preparação technica*. Sendo elles dirigidos e não directores vão actuar sómente conforme o *plano de guerra* que o C. D. N. formular. Terão de *propôr as operações* a effectuar para alcançar os objectivos fixados pelo *plano de guerra* e as medidas necessarias para tornar taes operações possiveis.

Depois actuarão conforme os meios que lhes forem postos á disposição e terão sua actividade naturalmente controlada.

Se não houver directivas, isto é, *se a nação não tiver a idéa de defender-se*, se os orgãos technicos não funcionarem, se não houver actividade sufficiente, é ao C. D. N. que deverá a nação tomar contas porque, a vista de sua composição tudo tem elle para seu bem succedido.

* * *

Commemorando este anniversario da Republica cremos que melhor não poderiamos fazel-o do que assignalando os beneficios que ella nos tem trazido e expressando firme confiança no futuro.

E, como não ser assim, quando vemos o Exercito *começar a retomar a sua cadencia normal*, apesar de todos os pezares; crear-se o C. D. N.; resurgir a aviação militar; fundar-se uma grande industria siderurgica; desenvolverem-se nossas rêdes de estradas; ultimarem-se experiencias decisivas sobre o carvão nacional; pesquisarem-se activamente outros combustiveis; desenvolverem-se as sociedades de cultura e educação nacional; e homens de talento e civismo começarem a cogitar dos problemas militares?

Certo o rythmo do progresso republicano carece de ser normalisado e em tudo ha ainda por fazer e ajustar; certo faltanos disciplina, coordenação, o espirito de um conjuncto que domine as partes secundarias; mas a grande obra do Brasil se ha de ir a pouco e pouco accommettendo...

REEDUCAÇÃO! "O aspecto de caracter mais urgente da grandiosa obra da nossa definitiva restauração militar é o de se convencerem todos — militares e civis — da gravidade do nosso problema militar e ao mesmo tempo da importancia que assume para a vida politica e social da Nação a estabilidade e efficiencia de suas forças armadas.

Para se chegar a conseguil-o ha que se fazer verdadeiro, sincero, consciente esforço de reeducação da mentalidade dos militares, como da mentalidade militar dos civis. Sem que se tenham rompido alguns preconceitos que escravizam os pensamentos e as acções de todos, nada se concretizará dos elevados ideaes que, temos a certeza, inspiram a melhor parte da nossa gente."

"As promoções devem exprimir sempre o resultado de verdadeira depuração entre as capacidades de cada posto, visando a efficiencia dos quadros do posto immediato e a do alto commando.

A missão do official e o seu prestigio na sociedade

Por FREDERICO DUARTE

Os profissionais modernos, á altura desse nome, são, antes de tudo, *educadores*. O medico, ainda o mais especializado, que só veja doentes, individualmente, que só veja *casos*, que só se empolgue por sua technica, será no maximo um curandeiro ganhador; como não passará de réles trapaceiro o jurista que só arranque do seu cabedal scientifico os elementos para defender interesses, quaesquer que sejam, sem outra consideração; e, assim, de esteril mestre d'obras não iria além o engenheiro que lançasse uma estrada de ferro, sem outra preocupação, sem outro ideal que o de enterrar dormientes, pregar trilhos, e a volupia technica de varar obstáculos.

Ora, *educador* sem prestigio social, sem ascendencia entre os que o cercam, seria titulo sem significação, ócio de finalidade, verdadeiramente guardanacionalizado. Compreende-se o curador, o chicanista ou o tarefeiro, embora com os triumphos e os proventos de sua pericia e de sua habilidade — desconceituados em seu meio ou esmagados pela indiferença. Não se concebe, porém, um profissional, um *educador*, sem o respeito do meio em que exerça a sua actividade.

Dos educadores modernos, poucos terão a efficacia, a repercussão util, que advem dos profissionais das armas, da missão que compete aos officiaes dos exercitos de hoje.

Argumentam os simplistas, os mediocres, os maus observadores das realidades, que a missão do soldado é odiosa e esteril, pois não lhe compete senão organizar o morticínio, o extermínio do semelhante. Seria de lhes perguntar se, em lhes ameaçando, individualmente, a vida, a propriedade ou a honra, não se julgariam no direito de matar o aggressor; e de lhes lembrar, aos pobres ingenuos, que a sociedade, sendo composta de homens, todos com esse direito sagrado, tem por isso mesmo igual direito, que se converte até em dever, pois, não cumprido, importaria restricção ao direito dos seus componentes.

E para cumprir esse dever, para reivindicar esse direito, que é o do primeiro dos direitos do homem, reconhecido por todos os códigos, por todas as consciencias, e até pelos instinctos, tem a sociedade, que é um organismo complexo, de apparellhar-se de maneira necessariamente complexa. A ninguém repugna que um homem, atacado, saque de uma arma e abata o aggressor; e não repugna, porque a reacção partiu de quem foi directamente aggreddido, e não tinha por profissão realizal-a. O que aos simplistas, aos vesgos horroriza é que haja quem, profissionalmente, se encarregue de, dia a dia, preparar a defesa da collectividade. A sua missão, dizem, na parvoice dos juizos simplistas, é organizar os meios para matar.

Mas se assim acontece, se a sociedade está na contingencia de criar um orgam que se prepare, dia a dia, para defendel-a, é porque, sendo um conglomerado de milhões de individuos, organismo formidavelmente complexo, não pôde prover á sua defesa, na hora do perigo, tal um individuo isolado, com o primeiro porrete que lhe caia ás mãos ou com o

revolver que traga, pelas duvidas, no códs das calças. Mesmo porque, quem o aggreddirá será um outro conglomerado de alguns milhões de individuos...

E, dahi, da complexidade da organização dos exercitos, de terra ou mar, resulta a complexidade da missão fecunda do soldado. Seu escopo ultimo é, sem duvida, ferir, matar, aggreddir, defender, armas na mão. Mas conseguir que, com essa finalidade, se preparem collectividades inteiras, de homens de educações diversas, de credos dispaes, de temperamentos em conflicto, e dahi se tire a resultante de uma vontade unica, orientada para um objectivo unico — eis tarefa que se não alcança com o simples ensino do officio de matar.

E' preciso alguma coisa mais — *educar*.

Donde, a imprescindivel necessidade de cercar-se o official de crescente prestigio na sociedade em que vive e serve. Educador sem ascendencia no meio em que exerce o seu apostolado — é uma idéa vasia.

Tal ascendencia, porém, não se obtem só com o titulo, a função, o lantejoulante dos uniformes. São necessarias qualidades pessoaes que a imponham, além de certos requisitos materiaes, prosaicos, mas de importancia decisiva. Educador sem compostura, sem o pudor das attitudes recatadas, nunca se imporá aos educandos. Como guardar compostura o homem em difficuldades financeiras? Como ter-se ascendencia sobre quem nos conhece as pequenas mazellas? E se á ausencia de compostura, alliar-se a ausencia de qualidades de character, o educador, isto é, o usurpador desse titulo, só conseguirá deseducar e estadear o grotesco.

Ora, se assim é com qualquer educador, muito mais nitidamente se observará quando elle fôr um official. Não que o sentimento de dignidade seja maior no soldado que no civil. Mas os imponderaveis da tradição, os deveres do uniforme e a propria finalidade da profissão, como que tornam mais susceptiveis os melindres do soldado. Uma falha no official educador, por isso mesmo cresce e avulta.

A acção de commando, inherente ao educador militar e da qual nenhum outro dispõe, determina consequencias extremas. Ou o educando admira o seu commandante, e quando isso succede, dedica-se-lhe commovedoramente, como aquellos sinistros malandros do *bas-fond* parisiense, enquadados, ao rebentar a guerra, no pelotão de um menino sahido emergentemente de St. Cyr, tal nos contou Barbusse, se não me engano; ou o sente creatura inferior, e, então, se o tolera, pelas contingencias da subordinação, fal-o com a intima, a justissima revolta, a invencivel repugnancia moral de quem vê a sua vontade submetida a quem não estaria em condições de commandal-a.

Dahi, a delicadeza do papel do educador militar. Com o educador civil, sem a acção de commando, — e por educadores estão comprehendidos não só os professores como todos os homens de responsabilidade na sociedade — ha mais ductilidade nas suas relações com os educandos. Se elle não está á altura da sua missão, desmoraliza-se, prejudica o ideal a que desgraçadamente serve, mas contra este não levanta o odio, a indignação, a revolta, a repugnancia, que só nascem virulentas, inapagaveis,

quando provocadas pela humilhação. E o educador civil, sem a acção de commando, — instrumento maravilhoso de educação, mas perigosissimo quando em mãos de individuos inferiores — não pôde verdadeiramente humilhar.

Tenho, com o interesse de quem alcança a relevancia destas questões, procurado sondar os nossos conscriptos, sobre as suas impressões do estagio nas fileiras. E o resultado é sempre uniforme, guardadas as distancias advindas do grau de cultura de cada um: se o seu tenente, o seu capitão estavam à altura da sua missão, se eram educados, querem exaltar a caserna, sem alludirem, senão a sorrir, a hora má e a cama ruim; mas se os seus commandantes immediatos não mereciam o posto de que estavam investidos, todas as suas impressões envenenadas traduzem um odio immenso, uma como que sede de vingança pelas torturas das humilhações sofridas. A caserna surge, então, exaggeradamente pela face má, pelo lado canceroso que todas as obras possuem. Na cama, dura, tetrica, asquerosa, infamante, passeiam então varias especies zoologicas, classificadas e por classificar; na boia má, que a seu vêr, terá por causa a deshonestidade dos administradores, botões de ceroulas e pontas de cigarros sobreoadas, systematicos e insolentes... E o peor é que todos os actos dos seus chefes, são traduzidos, justa ou injustamente, pela mais decidida vontade de amesquinhal-os.

O ensinamento a tirar-se destas incontestaveis observações, é de que o maior cuidado deve presidir à escolha dos educadores, mórmente do educador militar.

Merece, pois, ser olhada com muita attenção e muita sympathia, a serie de artigos que *A Defesa Nacional* vem publicando em pról de uma nova lei de promoções — mais consentanea com a sua verdadeira finalidade — que sobreponha á ferocidade dos interesses individuaes, os interesses da collectividade. Que os interesses individuaes se agitem energeticamente, que procurem, por todos os meios, vencer, é humano, bem humano, profundamente humano; mas que haja lei que lhes facilite a tarefa, quasi a ella os convidando, é que não me parece humano. Parece-me *bêsta*...

E' bem claro, no entanto, que não basta regular, com normas sadias, o accesso, para assegurar o nivel de um quadro, principalmente de educadores. Mistér se faz cuidar, principalmente, da fonte, da origem desse quadro.

Em nosso paiz, onde, além de muitas vitaliciedades que a lei garante, ha a vitaliciedade advinda do nosso feitiço sentimental, quasi não se comprehende a demissão por incapacidade funcional. Quem entra para um quadro só d'elle será demittido se commetter a asneira de praticar acto delictuoso liquidamente capitulado nas malhas impertinentes do Código Penal. E se conseguir, por uma chicana fofense, a absolvição, volta com todos os atrasados e accessos. Pôde não ser promovido por merecimento gritantemente incapaz, mas pelo principio da antiguidade vae elle subindo, ante o systema de cremaheira vigente em todos os quadros e mais sensível nas classes militares. Supprimir, de vez, o criterio da antiguidade? A mentalidade brasileira ainda não o supportaria, e, digamos sinceramente, com muita razão, pois, com a nossa deseducação, ainda é uma valvula de segurança preciosa. Logo, é imprescindível a escolha, a eleição, á entrada dos quadros, no vestibulo. O gritante incapaz não deverá,

sequer, cruzar a soleira. Porque, se a cruzar, sóbe tranquillamente toda a escadaria nobre, e se duvidarem muito, vae ao salão de honra...

De conversas que tenho entretido com officiaes do Exercito, dos mais abnegados e esclarecidos, e com a observação continuada que ao assumpto tenho dedicado, creio haver formado idéa precisa do caótico e illogico por que se ha filtrado o elemento destinado a constituir o quadro de seus officiaes. E' certo que dessa filtragem, embora sem um norte preciso e inflexível, têm sahido, e em bella percentagem, brilhantissimos rapazes, que, exactamente, são os que, máo grado todos os formidaveis obstaculos que condicionam nossa vida nacional, têm creado um fundo, uma *sedimentação*, que só será aquilataada com justiça no dia da adversidade, que, praza aos ceus, nunca nos chegue. Mas ninguem, que possua os dados da questão, recusará, d'animo sereno, que, no Exercito, existe, nos quadros de seus elementos profissionaes, uma como que heterogeneidade, prejudicialissima. *E não recusará tambem, não julgá impertinente que um brasileiro, POR SER CIVIL, se interesse por essa questão e procure, assim, focalizá-la, dizendo, como diz, a interesses primaciaes da nacionalidade.*

As escolas militares, entre nós — e quero-me referir ás escolas formadoras de officiaes — têm sido verdadeiros orphanatos. Os moços têm casa, comida, roupa e ainda por cima uma mesada. Creio ser um erro.

Sinto nesta altura punhos cerrados e exclamações indignadas: — "Paisano atrevido! Mas isso é uma tradição de nossa classe, é a formação *democratica* dos quadros! O Exercito é o mais genuino orgam de uma democracia." E o paisano, que é bacharel, responde a esses argumentos, com o classico — *distinguo!*, das formulas empoeiradas da velha escolastica.

Distinguo! Que é tradição, não contesto. Mas é uma má tradição. As boas tradições são de defender-se, "concedo"; mas que todas as tradições sejam boas, "nego". E quando são más, cumpre batel-as, a todo o transe. O kiosque era uma tradição, e havia muita gente que a julgava indispensavel á vida da cidade, classificando Passos de vandalo. Mas nem por isso, no entanto, era uma boa tradição.

E quanto á invocação das taboetas kabalisticas — "democracia", "formação democratica", e adjacencias suburbanas, cumpre que não nos entreguemos, sem mais aquella, ao vasio do seu verbalismo. Temos que distinguir aqui tambem. Ha democracia e democracia, como diria Voltaire. *O tão bão como tão bão — não é democracia.* Democracia é a egualdade. E a egualdade não é o tratar egualmente os seres deseguaes; é o tratar desegualmente a seres deseguaes. Democracia é regimen que só se faz possivel pela *representação*, isto é, — para os postos de responsabilidade, de influencia nos destinos da collectividade, só devem ser chamados os que os *possam* occupar. Seria um absurdo que, por se tratar de democracia, se permittisse que um homem com taras de inferioridade, viesse a tornar-se, pelas virtudes mirificas de uma cultura relativamente facil de adquirir, em detentor de posto que se destine, finalisticamente, a homens de qualidades fortes. Ha creaturas que, por suas origens, por temperamento ou por outras quaesquer condições personalissimas, não nasceram para mandar, para exercer ascendencia, para impor a sua personalidade. E se para desempenhar o papel social que lhe foi distribuido, é

preciso impor a personalidade, exercer ascendencia, mandar, o desastre é fatal, e de nada valerá que tenha aprendido ou decorado uma porção de coisas bonitas, de compendios e cartapacios esfalfantes.

As nossas escolas militares têm soffrido essa orientação má, de amparo da mocidade desamparada. Certamente, dos moços que assim ingressaram em seus porticos, muitos affirmaram, depois, na vida profissional, qualidades eminentes; mas esses, exactamente, porque possuíam, em si, as qualidades eminentes que os fizeram vencer, brilhar, fulgurar, não se teriam detido, no ingressar na carreira, pela circunstancia de não os favorecer a Nação com o enxoval e a mezada. Venceriam esse obstaculo inicial, e, por isso mesmo, a sua victoria de maior merito se cercaria.

Em todas as carreiras se vêem rapazes pauperismos triumpharem e se fazerem profissionais notáveis, sem que do Estado tenham recebido, gratuitamente, senão o ensino, e, muitas vezes, nem isso. Por que só na militar se fará preciso que a Nação tome o candidato em seu regaço, e lhe garanta até o dinheiro para os cigarros?

O fruto dessa errada orientação é que aos seus vestibulos accorram muitos mancebos que, por temperamento proprio ou por educação domestica, se arripiam ao espectáculo da luta pela vida, e aspiram assim, antes de tudo, um emprego, que, por demais, e como a pescada famosa, antes de o ser já seja.

E' communissimo ouvir-se dizer que o Tonico ou o Zezinho (quem fala quasi sempre é a familia carinhosissima) destina-se á carreira militar, *por ser a que não acarreta despesas*. De vocação não se indaga. Agora mesmo, tenho conhecimento de um caso typico. Uma familia, que não é rica, é mesmo pobre, mas dispõe de elementos para, com algum sacrificio, custear o encarreiramento de seus filhos, tem um garoto a terminar o curso gymnasial gratuito. Estudioso, agarrado aos livros, mas não lhe souberam fazer brotar nenhuma chamma idealista. Todavia, estando a concluir os preparatorios, mistér se fazia decidir da estrada a trilhar. Reuniu-se a familia, escogitou o assumpto, e assentado ficou que o menino irá para a Escola Militar. Desse conselho domestico ficou muito patente que o rapaz não tem a mais leve quédia para essa carreira; e, o que é mais espantoso, a propria familia, em tocante unanimidade, verdadeiramente parlamentar, acha abominavel a profissão das armas. Mas é que, paradoxalmente, tanto o mancebo como a familia, apesar das suas tendencias anti-militaristas, organizaram um maravilhoso plano estrategico, que muito os honra: matricula-se o garoto na Escola Militar, onde tem casa, comida, ensino, enxoval e mezada, e, depois de official, menino ainda e com bons vencimentos, irá cursar a Polytechnica, pois a sua vocação, segundo a familia, é para engenheiro civil, ballela em que, por conhecel-o, sinceramente não acredito, antes me parecendo que a sua vocação é para sacerdote ou archivista... Terminado o curso, alcançada a saphira, demitir-se-ha elle da carreira das armas. Se assim acontecer, fielmente, ainda o Exercito estará de parabens. Mas o diacho é que o rapaz poderá gostar do emprego, reconhecer tardiamente, já com a saphira espetada no dedo, que tambem não dá para essa coisa de engenharia — e ficar. Que bello official, que magnifico educador dahi não sahirá!

Essa orientação tem de ser mudada, para bem do Exercito. E uma das primeiras medidas seria a extinção do curso preparatorio, que avoluma o desastre incrivelmente. O moço precocemente vencido,

matricula-se quasi analfabeto até. Com um pouco de esforço intellectual vae a official. Depois vem a cremalheira...

O barateamento da entrada na Escola Militar dá em resultado que os elementos socialmente mais capazes, della se afastem, por uma lei natural, que Gresham fixou no terreno de economia politica, para os phenomenos monetarios.

E' preciso reagir. Se ha profissão que exija o concurso dos elementos sociaes mais capazes, de maior repercussão, de maior prestigio no meio em que vivem — é a das armas, na sua acceção moderna de *instrumento de educação*.

Nova lei de promoções

"O espirito profissional vive para o Exercito e para a collectividade, porque elle se orienta pelas mesmas necessidades, mesmas regras, mesma finalidade. O espirito politico é individual, exclusivista, concentrico. O individuo que o pratica cuida de si numa acção toda excentrica ao meio. Então toda a sua força, toda a sua actividade nada tem de corrente. Pelo contrario, diverge do meio sobre todos os aspectos.

O maior mal da actual lei de promoções não está, especialmente, em permittir accesso a reconhecidamente incapazes, ou em não precisar o merecimento; seu mal capital, e de onde derivam todos os outros, está em consentir a interferencia de razões politicas nas decisões de medidas essencialmente technicas. Comprehende-se que a escolha de um embaixador ou para qualquer outra função representativa, possa ser observada como tendo alguma cousa de commum com a politica, com as idéas da collectividade que o individuo representa; mas que a de um official, cuja missão superior é commum a todos que vestem farda e cujas características individuaes são as que o podem distinguir, é de todo inadmissivel. Fundamentalmente o traço de distincção entre dois officiaes é de *caracter tecnico*, porque as nuances a estabelecer, envolvem, na profissão do official, não só a *cultura*, as *aptidões pessoais* mas o *seu proprio caracter*.

E' justamente a ausencia desse principio superior que vem tornar ainda mais falha a já tão falha lei das promoções. Modifica-la nas suas condições technicas, dando-lhe uma estrutura mais efficiente, é já um grande passo, mas não nos esqueçamos de que toda a sua estabilidade e toda a garantia de seus principios, por melhores que sejam, estão justamente em poder applical-a com liberdade. Applical-a com liberdade é não submettel-a aos caprichos, ás oscillações das correntes partidarias, ás incertezas do meio."

À Fraternidade Americana

"EM COMMEMORAÇÃO A 12 DE OUTUBRO" (*)

Pelo Cap. J. B. MAGALHÃES

"Deux souverains, deux peuples ont de desirs ou des besoins contraires. Les diplomates causent, personne ne veut céder, c'est la guerre."

GAMELIN.

"L'Occident se place donc chaque jour davantage dans une situation profondément instable."

P. LAFITTE.

Em 1926, nesta mesma revista, tivemos oportunidade de, em comemoração á descoberta da America pela perseverança genial de Colombo, fazer um appello á fraternidade americana, no sentido de, perscrutada a marcha da politica geral que a historia regista e tomado em consideração o momento actual da civilização, tornarem-se fortes as nações sul-americanas, de modo a assim contribuir para o progresso mais accelerado da humanidade.

Relembrando o papel que a marcha dos acontecimentos historicos parecia indicar a ser desempenhado pela America, procuramos ressaltar a necessidade de haver aqui uma força capaz de permittir o cumprimento de seu dever no mundo, ao abrigo de perturbações acaso produzidas pelos remanescentes retrogradados do espirito das velhas civilizações.

Esforçamo-nos, então, por chamar as atenções para a situação geographica da America, como que collocada no centro do mundo entre as civilizações oriental e occidental, e para as circumstancias de seu descobrimento e colonização, donde parece surgir o indício de que a ella caberá a honra de aprimorar a civilização, livrando-a das más herança. Crescendo e desenvolvendo-se, sem os velhos preconceitos, possue riquezas sem par e recebe immigrações de todos os matizes, tal destino parece-lhe reservado e, mesmo, para elle caminha, apesar das influencias perturbadoras dos maus conselheiros e dos maus directores, que copiam os vícios da conducta olheia, em vez de ser guiarem só pelas suas virtudes.

Da falta de madureza americana, dos maus habitos e pessimos exemplos de seus velhos educadores, os europeos, cuja norma de conducta internacional ainda é Machiavel quem dicta, devem certamente resultar os desvios que aqui se notam na conducta das nações.

Agora, porém, seu novo espirito mais e mais se firma e mostra claras de emancipação começam a apparecer, amiudamente e por toda parte: — os seculos de paz entre suas nações começam a ser contados.

✱ ✱ ✱

Esse espirito pacifico claramente definido, e aqui praticamente reinante, tende a fazer

olhar com desconfianças todo progresso militar ou accrescimento de força nacional de qualquer visinho, considerado sempre inconprehensivel, por desnecessario.

Taes desconfianças têm razão de ser e isso principalmente em face dos argumentos que em regra se apresentam para pugnar pelas questões das defesas nacionaes, sempre encaradas sob pontos de vista restrictos e egoisticos.

Os espiritos pacifistas mais avançados, mais sinceros talvez e sobre tudo mais audaciosos, porém menos cautos e talvez reflectidos avançam ao extremo, dão de hombros e pregam a paz e o desarmamento dos respectivos povos, desde já e de modo completo. (Os mais notaveis são brasileiros.)

Paizes ha, onde tal modo de ver se apresenta de uma maneira flagrante e praticamente, generalizada em extremo. Não só os governos descuram ou lançam para segundo plano tudo que é organização militar, como os homens de talento e cultura parecem desconhecer, por absoluta despreocupação, a existencia de um tal aspecto da vida nacional.

✱ ✱ ✱

Em tal procedimento não ha logica, se se admittem ainda possibilidades de guerras. Governos e homens cultos, em tal hypothese dão prova de espirito infantil. Entretanto, alguns justificam-se affirmando decisivamente que as guerras são de uma outra era e que desaparecerão da terra, desde que haja a eliminação de seus instrumentos. E num gesto de sinceridade propõem, elles a gendarmisação de seus próprios exercitos e marinhas, crentes de que uma tal metamorphose lhes assegurará a paz, por falta de excitamento á pratica da guerra, pelo desenvolvimento do espirito pacifico do proprio povo; e pelo exemplo que dão aos outros povos.

Sem desconhecer a grandeza moral de um tal sentimento, é preciso, no entanto, assigna-

N. DA R. — Este artigo deixou de sahir no numero de Outubro, por absoluta falta de espaço.

lar o erro que encerra esse modo de compreender o problema da paz. Tomam-se ali as organizações militares como causa da guerra, não sendo ellas senão méros effeitos.

De facto, só as possibilidades de guerra justificam nos orçamentos nacionaes as despesas militares, muitas vezes causando graves prejuizos para a economia geral. Mas existem exercitos porque ainda existem guerras...

Deve, portanto, a discussão do problema ser debatida em torno desta questão e a procura do estado de paz deve ser encaminhada em torno da eliminação das causas guerras e não dos instrumentos de guerra.

Hoje é incontestavel que o mundo anseia por uma paz perenne. Um tal sentimento é francamente externado por toda parte e os esforços em alcançal-o são constantes e persistentes. Só os melos empregados parecem inefficazes, por isso que seus proprios autores não mostram acreditar em seu successo.

E' que sentem que decretando a guerra fóra da lei ou fazendo tratados de arbitramento obrigatorio, só com isso não eliminam as causas de guerra. Por isso fazem pactos de Lucarno, accordos navaes e põem fóra de questão a potencialidade que julgam necessaria ás suas forças de mar e terra.

As causas de guerra têm evoluído com o progresso da sociedade, o que é natural porque a guerra não é senão um phenomeno social: — a manifestação violenta de um desequilíbrio social, um estado de crise aguda de uma enfermidade chronica que é, em synthese, a anarchia mental e moral ainda reinantes. Não havendo entendimento entre os homens como pode haver-o perfeito entre as nações? Si os homens, por insufficiencia de educação, por excesso de egoismo, resolvem ainda hoje muitas vezes suas contendas, seus choques de interesses, pela fraude e pela força bruta, não obstante todo aparelhamento policial das sociedades modernas; não conseguem equilibrio politico interno e appellam para a violencia dos despotismos ou das revoluções, como poderão as nações evitar a guerra, ás soluções violentas?

Ford, o grande pratico moderno, referindo-se á guerra, acha que ella existirá emquanto houver miseria no mundo e, nisso, entra elle na corrente dos que tomam para causas da guerra moderna as desavenças economicas entre as nações e mesmo no interior destas.

Supponmos mais remotas as verdadeiras causas, porque a miseria existirá, emquanto os homens não houverem em massa attingido á cultura necessaria para sobreporerem os interesses sociaes acima de seus proprios egoismos.

As manifestações desse desequilíbrio que, perdurando no mundo, fazem com que perdurem as guerras, assumem varios aspectos que o ameaçam por muito tempo ainda de crises sangrentas.

Carlos Martins Pereira de Souza, numa correspondencia de Heidelberg, de Junho de 1913

para "O Jornal do Commercio", muito bem exprime esse phenomeno e particularmente no ponto de vista que mais interessa ao Brasil e á America do Sul:

"A historia do mundo ensina que a invasão de um povo em territorios alheios corresponde sempre á sua super povoação; assim a historia dos diversos povos da Europa, não é, em ultima analyse, senão a historia das diversas invasões.

Apezar de sua immensa civilização, de toda a sua força, o Imperio Romano succumbiu á avalanche demolidora dos barbaros de cultura rudimentar. O Imperador Augusto, vendo a despovoação crescente de Roma previa esse perigo, e quiz que a Lei Julia o evitasse.

Identica foi a sorte dos gregos, dos assyrios e babilonios. A faculdade de um povo o crescimento desproporcionado de uma população — é uma ameaça constante que não pôde passar desapercibida.

Não só na Europa como na Asia, o elemento humano augmenta dia a dia. O Japão que ha apenas meio seculo abrigava 33 milhões de habitantes conta hoje 66 milhões, e não sabendo onde collocar-os procurou levar esse excesso aos Estados Unidos que o recusou. A India apresenta um desenvolvimento de população desproporcionado, e a Russia que se compunha de 1850 de 65 milhões de homens se vê agora com 170 milhões!

Segundo as lições renovadas da Historia Universal, desde que uma população ultrapasse suas possibilidades de existencia ella terá ou que emigrar, ou que invadir brutalmente.

Em um trabalho recente o Almirante Rodger, ex-Commandante da esquadra norte-americana, na Asia, citado por Gustave Le Bon no seu ultimo livro, diz: "quando a população norte-americana attingir a 200 milhões, os Estados Unidos ver-se-ão forçados a lançar mão de guerras aggressivas, para dar novos territorios a seus habitantes..."

Será esse, quiçá, juizo um tanto pessimista ou talvez amante de originalidade...

No entanto, mistér será não fecharmos os olhos ao que se passa fóra do Brasil, precisamos comprehender o resto do mundo. A questão da immigração, pois, além de vital para o desenvolvimento de nossa economia deve ser encarado seriamente como um alto problema politico.

Ao Brasil, possuidor de um immenso territorio de riqueza sem igual — terras capazes de alimentarem centenas de milhões de habitantes se impõe o augmento de população, adduzindo ao crescimento natural uma immigração escolhida e seleccionada que se venha fundir em nossa nacionalidade, mantendo as qualidades da raça, só assim guardaremos então no mundo o logar de grande Potencia, que nos compete e ao qual temos direito."

A comprehensão de taes phenomenos faz com que em torno dos tratados de paz, ainda

os mais avançados e nos centros mesmos onde são elaborados, a duvida de sua eficiencia invada os espiritos. Basta, para se ter uma idéa, lançarem-se as vistas sobre as correspondências que vêm do estrangeiro, dos locais mesmo onde gestos magnanimos se elaboram e onde homens de boa vontade procuram fazer progredir a humanidade.

Vejamos o que se nos escreve de Paris, em Agosto de 1928:

"O grande acontecimento deste mez é a reunião, em Paris, dos Embaixadores das grandes potencias, em que será assignado o tratado plurilateral contra a guerra, que, por ter sido da iniciativa do Ministro das Relações Exteriores dos Estados Unidos da America do Norte, passará á Historia sob o titulo de Pacto Kellogg... A Europa inteira tem, pois neste momento os olhos fixados em Paris, como na Méca, no Ararat de onde, definitivamente, com um ramo de oliveira no bico, voará sobre a humanidade a alva pomba da Paz..."

Apezar disso, todavia, só um grande, um inabalavel optimismo poderá acreditar em resultados definitivos, ou sequer praticamente efficazes decorrentes desse tratado. Em primeiro lugar, porque uma longa experiencia nos ensina que perante as circumstancias, como dizia o chanceller Bethmann-Holweg, os tratados não são mais que "farrapos de papel"... Em segundo, porque as proprias negociações preliminares do Pacto Kellogg se encarregaram de restringir-lhe o alcance, de sorte a tornalo quasi anodino e a transformalo apenas numa oportunidade de reunir diversos diplomatas que procurarão surprehender reciprocamente as verdadeiras intenções da politica exterior dos paizes representados pelos seus collegas: nada mais.

Tal é, pelo menos, a impressão que deixam restricções formuladas á primitiva proposta de Sr. Kellogg pela França, pela Inglaterra, pelo Japão e, finalmente, até pelos Estados Unidos!... Embora, assegurando bombasticamente as mais ardentes aspirações de paz, de cordialidade e de fraternidade, cada qual, procurou, entretanto, salvaguardar as hypotheses belicosas previsaveis pelo seu imperialismo, depois da restricção geral da "guerra defensiva" que, mediante uma boa e habil intriga diplomatica, poderá, quando fôr opportuno, desencadear uma conflagração identica á de 1914...

Desse modo, o Pacto Kellogg que, a um momento dado, a França e a Inglaterra parecem considerar como destinado a diminuir a esphera de influencia da Sociedade das Nações, vae provavelmente resultar uma panacéia politica tão inoperante como aquella assembléa do inoffensivo bonzos internacionais."

Por outro lado, a irreverencia do correspondente jornalístico parece vir confirmada pelos acontecimentos, porque, ao mesmo tempo, nações signatarias do Pacto que põe a guerra fóra da lei, depois de sua assignatura ou parallelamente a ella, firmam tratados de guerra, sob a fórma de accordos navaes.

E desde logo surgem pensamentos reaccionarios aos quaes não ficam estranhas as nações da America Latina:

"NOVA YORK, 6 — J. W. T. Masson, conhecido escriptor, especialista em assumptos internacionais e correspondente em Nova York do "Daily Express" de Lodres, escreveu um artigo em que discute a reacção americana ao recente accordo naval entre a França e a Grã-Bretanha e no qual sustenta a these da possibilidade de ser concluido um accordo naval entre os Estados Unidos e o Brasil.

E diz o Sr. Masson:

"No hemispherio occidental existe em menor escala a possibilidade de um accordo naval um tanto identico entre as autoridades navaes dos Estados Unidos e as Brasileiras.

A marinha brasileira é instruida por americanos e é crença entre muitos europeus de que, no caso dos Estados Unidos, empenhados em um conflicto, necessitam de um augmento immediato do seu poder naval, o Brasil immediatamente se declararia aliado da America.

"Com os planos technicos elaborados antecipadamente para uma cooperação naval e militar entre qualquer das duas potencias, apenas depois se tornaria necessario um breve entendimento entre os politicos para ficar estabelecida uma alliança formal." — (U. P.).

Nenhuma razão ha, pois, para que a America Latina, e particularmente a massa do sul, queira viver sem cogitar da guerra. Poderá mesmo a seu pezar ser de um momento para outro envolvida na guerra, de que são symptomas as cogitações que em torno della se fazem. Claro é, porém, que taes cogitações não giram em torno de seus legitimos interesses e lastimavel é que se apresentem algo irreverentes. Pretende-se consideral-a ainda tutelada: E' o que transparece da orientação que tomam as discussões em torno da sua adhesão ao Pacto Kellogg, como se vê do seguinte telegramma:

PARIS, 11 — A posição da America Latina em face do pacto contra a guerra continua a ser objecto da preocupação da imprensa europeia e muito especialmente da imprensa franceza. Um editorial de hoje do "Temps" é ainda dedicado a esse assumpto, tratado aliás com a reserva e a ponderação habituaes. O "Temps" reconhece que o pacto, sem a adhesão dos paizes da America Latina, perde muito do seu valor; mas de outro lado a adhesão America Latina importaria no enfraquecimento da doutrina de Monroe, com o que difficilmente concordaria o Sr. Kellogg. Trata-se na opinião do "Temps", de um caso deveras embaraçoso, e que requer muita habilidade e diplomacia, para conseguir-se a adhesão da America Latina sem sacrificar a doutrina de Monroe.

Outro jornal francez, "L'œuvre", occupa-se tambem do assumpto, afinando pelo mesmo tom. Segundo o orgão radical, seria preciso, para que os paizes da America Latina adherissem ao pacto Kellogg, que recebessem do secretario do Estado norte-americano as

mesmas promessas tranquilizadoras com que a Sociedade das Nações socegou os receios da Costa Rica. — (H.)."

Tudo isso prova que os olhos estão para ella voltados, mas que a vêm de uma fórmula pouco amavel, embora concorde com a realidade.

✱ ✱ ✱

Não é, pois, uma attitude de quem quer viver, e viver livre, o abandono do cultivo e do desenvolvimento de suas forças, que aqui ainda se manifesta de um modo chocante. Além disso, como procuramos salientar em 1926, prepara-se sobre a America Latina do Sul o entrechoque de duas correntes imperialistas, cada vez mais intensas, e donde começam a surgir manifestações que requebrem toda attenção: a expansão amarella e o imperialismo europeu ou yankee, cujos expoentes mais elevados são no momento o despotismo fascista e o trust de ouro americano. Essas ameaças não incidem particularmente sobre um paiz, porque, onde quer que se apresentem, tendem, desde logo, a envolver todos os outros.

Em taes condições será um grave erro que os povos sul americanos se armem uns contra os outros ou restrinjam o desenvolvimento de sua potencia militar para não despertar suspeitas nos visinhos.

Preciso é, ao contrario, que todos elles desenvolvam ao maximo sua capacidade guerreira para, com perfeito espirito de fraternidade, aqui constituírem uma força capaz, não de vencer as grandes potencias, mas de tornar difficil qualquer idéa de conquista.

No momento actual, só a Republica Argentina tem cumprido seu dever sul americano, não se descurando de sua força militar. Todos os outros paizes devem, portanto, imital-a e tanto mais quanto, longe de trazer os embaraços que causam na Europa as instituições militares, são ellas aqui decisivo instrumento de progresso, pela contribuição que offerecem á educação do povo, pela facilidade que apresentam para a solução dos problemas nacionaes por se prestarem a servir de centro de coordenação dessas necessidades.

✱ ✱ ✱

A situação internacional apresenta ainda uma nova variante, que a complica, mas que favorece a existencia das solidas organizações militares. Foi a força desse argumento que deu ao Fascismo italiano o valor de serviço universal, até ao ponto em que elle passa a se constituir ameaça pelos seus gestos de imperialismo romano ressuscitado.

O "olho de Moscow" tenta devassar o mundo, e, para impedil-o de realizar seus planos subversivos da ordem secular, é necessario recorrer á organização nacional, tal como fez a Italia e certamente sem seus exaggeros.

A incultura dos povos analfabetos, é campo vasto e propicio á propaganda dos embalos e chimeras perigosas dos bolchevistas; as populações rarefeitas favorecem-nas, como lhes favorecem as indisciplinas quaesquer e rebeldias aqui tão generalizadas. Nenhum meio é mais efficaç a prevenir e combater taes perigos que a organização militar moderna, com seu serviço obrigatorio generalizado com tanto que seja intelligente, honesta e patrioticamente praticada.

Ainda que seja só por este aspecto, a America ro Sul precisa organizar e desenvolver seus exercitos nacionaes. As vistas de Moscow acariciam-na seductoramente.

✱ ✱ ✱

De todos os paizes da America do Sul é o Brasil aquelle sobre que recaem as maiores responsabilidades. Desde a extensão e sua posição territoriaes, suas riquezas naturais e sua população, até suas tradições historicas como as suas immensas possibilidades, tudo parece indicar, terá elle de ser o leader da situação Sul Americana; e que será em torno delle que se hão de congregar todos os outros povos deste continente para a defesa commum. Nenhum paiz, porém, parece aqui menos preparado para um tal papel, porque o abandono relativo de seus problemas militares revêla quanto esse papel fica delle mesmo incomprehendido. De resto, todo movimento de coordenação de forças sul-americanas para uma acção defensiva commum deveria delle partir, e que é absurdo emquanto no balanço internacional elle não puder apresentar, sem illusões, seus valores de facto realizados e correspondentes á propria potencialidade...

Para conduzir todos os outros ao desenvolvimento de suas capacidades militares maxima — como a Republica Argentina está a pique de ultimar a sua propria — tornando possivel a apresentação do Mundo de uma ponderavel força sul-americana, apenas é preciso que seus homens estudem a situação militar do paiz e emprehendam resolver as questões que lhe dizem respeito.

Nesse momento hão de vêr que tudo ha aqui que seja necessario para crear um poder militar sensível e hão de ver surgir da procura da solução ás necessidades militares as dos proprios problemas da nacionalidade e do paiz.

Preciosas indicações para promover a consolidação da Patria e seu desenvolvimento.

"Os exercitos — e nessa expressão comprehendendo tanto as forças de mar quanto as de terra — valem pelo que sentem. O patriotismo é a metade da victoria." — (BAPTISTA PEREIRA — O BRASIL E A RAÇA).

A situação militar da Argentina

HOMOGENEIDADE POLITICA, COMUNICAÇÕES SYSTEMATIZADAS, ORGANIZAÇÃO MILITAR DA NAÇÃO, CRESCENTE CAPACIDADE INDUSTRIAL, COOPERAÇÃO DA MARINHA.

N. DA R. — *Este artigo é um resumo do estudo feito pelo Tte. Cel. Frank Geere (do Corpo de A. Costa dos E. U.) sobre o poder militar da Republica Argentina, e publicado na Revista Militar deste paiz. Resumindo igualmente os commentarios feitos a elle por seu traductor, "A Defesa Nacional" pensa offerecer aos seus leitores — uma impressão de conjuncto sobre a situação militar dessa Republica amiga.*

"A falta de informações faz crer ainda hoje aos nossos concidadãos (*norte americanos*) que todos os paizes Sul-americanos são, como no passado, terras quentes, habitadas por maus mestiços, de civilização apagada, tendo por productos bananas e revoluções. Poucos se dão conta, mesmo quando relativamente intelligentes, da grandeza da America do Sul, de seu phenomenal progresso e de suas immensas possibilidades. A area occupada pelas dez republicas da America do Sul é duas vezes e meia a dos E. U. e tres dellas exercem já notada influencia no commercio mundial.

Uma é territorialmente maior que os E. U. e pôde ser um dia o paiz de maior produção e manufactura da Terra. Outra é dois terços dos E. U. e é já um dos maiores exportadores de carnes, cereaes e couros do mundo. E' um paiz que pôde comportar 100.000.000 de habitantes e produzir para alimentar muito mais. A terceira produz 60 % de nitratos, do mundo — substancia vital para a agricultura de muitos paizes.

No conjunto, a America do Sul produz tudo que é essencial á vida e á civilização, o que se não dá com qualquer outro continente.

Nosso interesse na paz dessas republicas é immenso. Qualquer guerra estrangeira que as possa envolver ou sua neutralidade ou alliança numa guerra em que tomemos parte, podem ser vitas para nós. Foi o que James Monroe comprehendeu, embora prematuramente. E dessa forma crescendo, com o progresso dessas republicas, o interesse nas suas possibilidades de defesa, os technicos são, irresistivelmente, attrahidos para o estudo da situação militar de cada uma dellas. A Republica Argentina é a que mais desperta a nossa attenção e sympathia porque é a que, por muitas razões, mais se approxima de nosso proprio paiz (E. U.). Surgiu como estado livre de uma guerra pela independencia e realizou, por um processo analogo, uma forma de governo

como já havemos salientado desde 1926, surgem espontaneamente da analyse das necessidades da guerra, porque estas exigem um povo culto, rico e patriótico, e um paiz tanto agricola como industrial em nivel mínimo, para poder ser conduzida com efficacia; e porque estas exigem conhecimento dos dados em jogo e exame continuo das possibilidades de sua utilização.

Por outro lado, taes cogitações farão preponderar o espirito de coordenação que tem faltado á nossa politica, a necessidade das acções logicamente seriadas conforme a urgencia das necessidades e a idéa de preponderancia do todo sobre as partes, que nada valem quando tomadas isoladamente. E este erro

similar á nossa. Para conservar nossa federação sustentamos uma guerra civil e assim tambem ella teve que lutar cerca de cem annos para chegar a uma federação equivalente.. Em consequencia, formouse um forte espirito nacional no povo de hoje.

O povo se constitue de uma mescla de europeus, como aqui (E. U.); mescla essa que supplantou as raças nativas, em vez de com ellas se misturar como em outros paizes latino-americanos. Adopta ella, por outro lado, uma politica de immigração semelhante á que seguimos outr'ora, obtendo rapido crescimento da população, que é, cerca da metade, nascida nos estrangeiro. Em dez annos sua população cresceu de 20 %.

Tambem na Argentina a literatura, a cultura, reflectem a influencia de seus antigos colonizadores.

Sua raça é vigorosa, progressista e tem em forte conta a liberdade e os direitos individuaes. Mais que qualquer outra republica sul-americana esta se distanciou já da intriga, da corrupção e do despotismo, herança das épocas remotas, e que é a responsavel por tantas revoluções na America Latina.

Os argentinos comprehenderam bem a correlação que ha entre o direito, a ordem, a paz e a prosperidade, desde que, praticando a doutrina de Sarmiento, o *Lincoln argentino* (*) fizeram educação popular, fundaram bibliothecas, escolas publicas e estabeleceram o voto secreto.

Um clima admiravel contribue muito para as boas condições physicas da raça e tambem para a evolução social e politica deste povo.

Taes são os factores humanos que concorrem poderosamente para o potencial militar daquela nação. Este povo com 9.500.000 habitantes occupa um territorio cuja extensão é dois terços da dos E. U., isto é, igual á parte *Leste* do

(*) "...fundando escuelas se terminará con las revoluciones."

das soluções isoladas tem sido sempre o flagello de nosso verdadeiro progresso.

✱ ✱ ✱

E que se não descurem os nossos homens cultos e responsaveis politicos do **comunismo**, que, habilmente explorado, progride. Não vencerá, mas perturbará consideravelmente pelas explosões que saberá provocar em torno das crises nacionais.

Para combater-o com successo é preciso actuar energicamente em prol do sentimento nacional, da cultura intellectual do povo e da educação do espirito de **disciplina**, de **ordem**.

Nenhum instrumento mais efficaz que um bem orientado aparelhamento militar...

Mississipi mais *Yowa*, *Minnesota* e *Dakotas*. Seu limite O. é a muralha dos Andes com 3.000 milhas de N. a S.; a L. é o Atlantico, tendo apenas menos 200 milhas que nossa costa desde *Maine* a *Key West*. Sua fronteira do N. se estende por 1.000 milhas, sendo cerca de dois terços caudaloso rio navegavel (o segundo, depois do *Amazonas*). A maior largura é de cerca de 800 milhas enquanto que nos confins do S. não passa de 200 milhas.

Este territorio é quasi todo formado de vastas planicies bem providas de agua, á excepção de um trecho N. e ao longo da metade S. de sua fronteira O.

O clima é mais quente ao N., mas sem calores extremos e mais frio ao S., tambem sem extrema severidade; no centro, em cerca de metade da área do paiz o clima é mais uniforme ainda.

Este clima e um solo muito fertil, formam o grande potencial agricola da Argentina.

No ponto de vista militar, pôde encetar a Argentina uma campanha em qualquer época, porque não encontra serios embaraços, taes como estações chuvosas ou seccas que constituam problema serio para a saúde das tropas.

A Argentina, sob nenhum ponto de vista, poderia estar melhor situada em relação á sua defesa militar. Tendo os estados do N. como para-choques num caso de guerra com o Brasil, o estreito corredor entre o *Paraguay* e o *Uruguay* pôde ser facilmente fechado, não obstante estes pequenos estados apresentarem serio problema.

Do lado do *Chile*, o caso é mais facil ainda, porque as passagens atravez dos Andes são faceis de defender; pelo sul, atravez os imensos pampas, com linhas de communicacões difficeis e longas, uma invasão é quasi inverosimel. Assim, com obstaculos em todas as frentes e uma rede ferroviaria que irradia do coração da Republica em todas as direcções, a Argentina está relativamente segura em caso de guerra com qualquer vizinho. Em tal caso, porém, ella precisa do mar para obter metaes e machinas. Mas essa debilidade só tomará vulto em face de inimigo forte. Dadas as difficuldades terrestres ao Sul, a área vital para ella é a provincia de Buenos Aires, que se acha exposta pelo lado do mar.

Mas, para se avaliar as forças necessarias á defesa nacional, preciso é conhecer a aspiração e a politica nacionaes, que se chocam com as de outros povos e, em consequencia, as probabilidades de guerra.

As guerras que a Argentina ha sustentado com seus vizinhos têm origem em questões de territorio, limites e soberania.

Em 1825 houve guerra com o *Brasil*, pelo territorio que hoje é o *Uruguay*, tornado independente, como solução á crise, desde 1828.

De 1864 a 1870, guerra com o *Paraguay*. O governo revolucionario do *Uruguay* havia levantado complicações com a Argentina e o Brasil, por causa do tratamento por elle dado aos filhos destas nações, em seus paiz. Em seu apoio o governo uruguayo procurou fazer uma "entente" com o dictador do *Paraguay* que ambicionava a conquista do *Rio Grande do Sul*, para ter uma sahida para o mar.

Desprezadas as reclamações que fez, o *Brasil* invadiu o *Uruguay*, dando o pretexto ao dictador paraguayano de invadir seu territorio e tambem o territorio argentino.

Tendo o *Brasil* restaurado o governo de jure no *Uruguay*, os tres Estados atacaram o Paraguay, terminando a guerra com a morte do dictador.

Em 1898 houve uma ameaça de guerra com o *Chile*, com quem sempre teve rivalidades por questões de primazia em assumptos sul-americanos. Qual-

quer questão de limites entre os dois se transformava logo em disputa séria.

Taes questões surgiram duas vezes no passado: em 1878 e 1888 complicadas então com a *Bolivia*. A primeira acabou num accordo em que interveio o nosso presidente (americano). A questão voltou em 1888 e durou mais ou menos intensa até 1898, quando houve ameaça de guerra. Mas a arbitragem conjurou o perigo acabando a questão por um tratado, sem reservas, em 1902.

Assim, a independencia do *Uruguay* elimina difficuldades com o *Brasil*. Com o *Paraguay*, em reconstituição desde 1870, não ha verosimilhança de guerra, e com o *Chile* as fronteiras definitivas prognosticam a paz.

As barreiras commerciaes pôdem causar complicações, mas não parece possam causar guerras. A probabilidade de guerra com um paiz europeu é igualmente remota, não havendo por sua politica liberal de immigração animosidades de raças. E' um paiz proprio á actividade de estrangeiros e não é competidor commercial de nenhum dos paizes europeus, que por sua vez dependem em grande parte de suas enormes exportações de productos alimenticios.

Além disso, a doutrina de Monroe, que é uma garantia tacita de protecção, influe em seu favor. Estes factos diminuem suas necessidades de defesa maritima.

O systema e organização militares argentinos têm muito de nossa nova organização.

As forças terrestres comprehendem: o Exercito Regular, a Guarda Nacional e a Guarda Territorial, com analoga organização tactica.

O primeiro é formado pelo Exercito Activo e suas reservas que recebem um treinamento periodico. O segundo é administrado pelas provincias, mas convocados para instrucção (são fardados, equipados, armados e mantidos pelo governo federal). O terceiro não é mais que um arrolamento dos que já passaram pelos outros dois e só pôdem ser convocados em tempo de guerra para serviço local.

Todos servem dos 20 aos 45 annos, mas o alistamento se faz aos 18 annos. As classes dos 20 annos formam o Exercito Regular. As dos 30 a Guarda Nacional e as outras a Territorial.

O exercito activo é formado de voluntarios engajados e sorteados, na proporção de 5.000 voluntario para 12.000 conscriptos, variavel com a previsão orçamentaria. Actualmente este numero é de 22.000. O tempo de serviço é de um anno, mas nem todos completam o anno. Muitos dos voluntarios passam, após tres mezes, para a reserva com o posto que possuem, depois de um exame, quando são aspirantes a officiaes de reserva e foram approvados. O ultimo alistamento accusa 2.000.000 de homens alistados entre 18 e 45 annos, approximadamente; destes 40 %, ou sejam 800.000 pertencem ao Exercito Regular. Assim, vê-se que somente 35 % recebem instrucção regular, os 65 % restantes ficam, porém, sujeitos a chamadas por periodos que não excedem de um mez, enquanto não passam á Guarda Nacional.

Os reservistas são destinados á passagem ao effectivo de guerra das unidades existentes e á formação das que devem completar a organização, constituindo então a primeira linha e onde não se comprehende a Guarda Nacional.

Esta constituição da primeira linha deve ser compensada pela excellencia do quadro de officiaes e sub-officiaes. Esta necessidade é perfeitamente atendida.

O Exercito Activo comporta 1.500 officiaes, sahidos, exclusivamente, do Collegio Militar, onde fazem um curso de quatro annos sob rigorosa disciplina. E' excellente escola, *comparavel á dos maiores paizes.*

O quadro é bem remunerado, sendo sómente o valor PROFISSIONAL A BASE PARA PROMOÇÕES e, POR ISSO, E' ZELOSO, COMPETENTE E VIVE SATISFEITO.

Desempenham todas as funcções do Exercito Activo e os serviços de Saúde, Justiça e Intendencia são attendidos por 417 officiaes addicionaes, que, com excepção de poucos, nos postos mais elevados, são civis assemelhados. Os 5.000 voluntarios fixados pela lei são todos profissionaes, graduados e sub-officiaes ou aspirantes a officiaes de reserva.

Nas escolas quando um rapaz chega aos 12 annos começa a receber instrucção militar e, aos 15, a de tiro.

A pratica do tiro é uma instituição nacional, havendo em cada municipio um polygono de tiro e tambem em todas as escolas, que o governo mantem ou apoia.

Os candidatos a officiaes de reserva devem ser estudantes ou graduados das escolas normaes ou institutos, passando a officiaes de reserva depois de darem provas de capacidade militar.

Entre os paizes sul-americanos a eficiencia da primeira linha argentina para uma campanha é considerada de primeira ordem, por todos os bons observadores.

O POVO ESTA' SATISFEITO COM SEU SYSTEMA MILITAR, TENDO ORGULHO DELLE E INTERESSE POR SEU FUNCIONAMENTO REGULAR.

Tendo em conta o clima excellente, a raça sadia e vigorosa e o espirito fortemente nacional, é facil comprehender o valor das condições physicas, moraes e a lealdade deste exercito; e tendo em conta tambem o *formoso corpo de officiaes e graduados, não é surpreendente que sua disciplina e valor sejam excellentes.*

E' um bello nucleo para incorporar reservas.

A Guarda Nacional, composta como vimos de homens dos 30 aos 40 annos, deve reunil-os em quatro periodos de duas semanas cada um, durante os dez annos.

A falta de instructores prejudica seu treinamento. Seu corpo de officiaes é formado, como o dos sub-officiaes, por elementos vindos do Exercito Activo. Não parece que se haja previsto o enquadramento na mobilização por officiaes vindos da activa. Desta forma ella é, de facto, uma segunda linha e não um segundo escalão da primeira linha.

A Argentina comprehende 5 Regiões de Divisão e 62 districtos militares para recrutamento e mobilização. Os Commandos de Divisão são: *Buenos Aires, Campo de Maio, Paraná, Córdoba e Tucumán.* As forças escalonam-se com logica ao longo das vias ferreas e conforme a importancia strategica das varias frentes.

A rede ferroviaria facilita concentrações rapidas e proporciona excellentes linhas de communicações.

A natureza do paiz cria a necessidade de cavallaria nas Divisões e convem recordar que a *Argentina*, como paiz criador, é terra de bons cavalleiros.

Com effeito; a *cavallaria é sua melhor arma*, na opinião de bons observadores. Os effectivos de guerra, 16.000 homens por Divisão, completam-se não só pelo augmento do numero de homens em cada unidade como pelo augmento do numero de unidades.

O exercito está bem fardado, sendo tudo fabricado nos estabelecimentos do governo, os quaes se podem desenvolver muito em caso de guerra. Não obstante produzir a *Argentina* lã, algodão, couros, carnes e cereaes em grande quantidade, faltam-lhe o carvão, o ferro e o enxofre e ha muito pouco cobre, nitrato e borracha.

Seu material de guerra é insufficiente e antiquado, MAS O GOVERNO CONHECE A SITUAÇÃO E TRATA DE REEQUIPAR TOTALMENTE O EXERCITO, INCLUSIVE EM ARTILHARIA. Firmou um contrato com uma companhia allemã para uma fabrica de polvora e explosivos para o Exercito e a Marinha. Uma fabrica de aviões, já prompta, deve entregar 50 aviões de instrucção no principio deste anno (1928). O arsenal de guerra vae ser melhor localizado e muito ampliado. *Este arsenal já faz peças de substituição de fuzis, metralhadoras, etc. e pôde produzir 1.000.000 de cartuchos por dia.*

Mas o poder militar da *Argentina* depende do mar, porque ella precisa de machinas e metaes que só pôde obter através do mar.

Ella conta, porém, indubitavelmente, não chegar a haver-se com qualquer potencia naval, tendo sempre bem presente a influencia moral da doutrina de Monroe."

* * *

"Agora os commentarios. O estudo do Tte. Cel. Geere faz ver a capital importancia que tem para nós (argentinos), em caso de guerra, ter livres as vias de communicações com a Europa especialmente. A liberdade de communicações significa contróle do mar, isto é, *dominio marítimo* porque nossas linhas de reaprovisionamento são maritimas.

O progresso dos meios de communicações por mar e por terra, pela introdução dos *motores mecanicos* transformou o mundo desde ha um seculo, affectando a vida de cada paiz e as relações dos povos entre si, facilitando o desenvolvimento das grandes agglomerações, dos centros industriaes e tambem augmentando a importancia do dominio do mar.

O mar vale tanto como o armamento ou a alliança com paizes de interesses communs.

E' verdade que a necessidade do dominio do mar irá decrescendo á medida que o paiz puder fabricar os armamentos e munições capazes de satisfazer nossas necessidades militares, mas existe sempre pela dependencia em que estamos para obtenção de materias primas e para a venda de nossos productos.

Uma forte marinha, que nos dê o mar, é a chave da victoria em terra. A historia nos ensina que sem isto é difficil obtel-a."

"A antiguidade é, sem duvida, titulo dos mais respeitaveis, mas não é o mais respeitavel dos titulos."

(DE BRACH)

A concentração e o plano austriaco contra a Russia

Pelo Cel. MEIRA VASCONCELLOS

Inicialmente 4 Exercitos se concentrariam, em meados de Agosto, na linha N. O.-S. O., desde a confluencia do San com o Vistula até a região N. de Stanislau. (Croquis 1)

O I Ex., sob o commando do General Dankl, se concentraria a E. de Tarnow, sobre o San. (I-V-X C. E. e 2 D. C.).

Missão: marchar ao longo do Vistula sobre Lublin. Um destacamento de flanco (constituído de Ldw. e uma D. C.), sob o commando do General de Infantaria V. Kummer, deveria avançar a O. do Vistula sobre Iwanogorod. Durante a marcha, este deveria se ligar a um C. E. allemão (Lds.), que se concentraria em Ezenstochau. A' direita do I Ex. marcharia por Iaroslau, no médio San, o IV Ex. (II-VI-IX C. E. e cerca de 2 D. C.), sob o commando do General v. Auffenberg. Este exercito deveria avançar para N. entre o Wieprcz e o Bug.

O III Ex. (XI e XIV C. E. do Lds. e a cavallaria necessaria) foram concentrados na região de Lemberg, sob o commando do General de Cavallaria v. Brudermann.

Finalmente, o II Ex., commandado pelo General v. Boehm-Ermolli, se reuniria na região de Stryj e Stanislau, ao Sul do Dinies-ter. Provisoriamente era constituído dos III e XII C. E., 11^a e 43 D. I., 35 Bda. do Lds., devendo ulteriormente ser reforçado com tropas puxadas da Servia. Commandava-o o General v. Koevess.

O plano de operações era, sem duvida, o seguinte: avançar contra a Polonia com a ala esquerda e o centro rumo N. E. e como primeiro objectivo apossar-se da linha do Bug, e depois os quatro exercitos iniciariam a marcha na direcção geral de Kiew.

Por esse modo o Commando Austriaco intencionava perturbar completamnte a concentração russa que suppunha far-se-ia na frente Iwangorod-Rawno-Shmermka e levar a guerra ao territorio inimigo.

A condição essencial para que isso se realizasse seria a demora da concentração russa, que se esperava só estivesse concluída em 2 a 3 mezes. Essa supposição era, entretanto, falsa, pois o Exercito russo tinha começado a mobilisar-se desde Maio, antes do attentado de Seravejo. E como a Austria no meado de Agosto não tinha concluído a sua, o seu plano de campanha, pelo que dissemos, fracassára desde o começo.

LUCTA AO SUL DA POLONIA

Em fins de Agosto iniciam os Generaes Dankl e Auffenberg o avanço para o N. E. do Sul da Polonia; aquelle entre o Vistula e o Wieprcz e o General Auffenberg entre este rio e o Bug.

Ao S. de Lublin choca-se o Exercito de Dankl a 23-8-914 com consideraveis forças russas em Krasnik, batendo-as depois de tres dias de lucta.

Os russos se retraem para Lublin e o General Dankl os persegue. Enquanto isso se passava, as forças do General Auffenberg encontram-se com o Exercito russo do commando do General Plehwe, a 26, na região de Zamosc e Komarow. Em consequencia do avanço do General Auffenberg, constituiu-se um destacamento de exercito sob o commando do Archiduque José Ferdinando com a missão de se intercalar na brecha que resultaria entre os IV e III Ex., indo esse destacamento occupar a região Uhnów-Belz. (Croquis 2)

Devido á inferioridade numericá do Exercito de Auffenberg, o Archiduque Ferdinando teve de apoiar-o na batalha contra o General Plehwe, avançando então para o N. Com esse auxilio são os russos envolvidos, principalmente por N. O. e finalmente batidos nas jornadas de 29[8] e 1^o 9[9], retirando para E., rumo ao Bug, deixando 30.000 prisioneiros, 200 canhões, consideravel numero de metralhadoras e demais material de guerra.

Apesar das victorias dos I e IV exercitos, o inimigo não fôra aniquilado e, para impedir-o de voltar á lucta, teria sido preciso continuar a perseguição energicamente.

Isso, porém, não foi possível, porque uma nova investida russa se fazia ao E. de Lemberg e se tornava necessario um reagrupamento de exercitos para attender á nova situação. Assim, as victorias ao Sul da Polonia não deram os fructos que eram esperados.

A victoria de Napoleão em 1815, em Ligny, tambem nada lhe adeantara, porque, dois dias depois, — 18 de Junho — elle era vencido pelo General Blücher.

LUCTA EM LEMBERG — 26 a 30[8]14

(Croquis 2)

Ao avanço concentrico de tres exercitos russos contra Lemberg se contrapunham o III

Ex. austriaco e parte do II, já reforçado, collocados na frente desde Zolkiew até Brzezany, com um effectivo de 240.000 homens.

Os russos que avançavam contra a Gallicia eram avaliados de 600 a 700 mil homens, dos quaes na 1ª batalha de Lemberg participaram 350.000 homens. A lucta iniciou-se desfavoravelmente para os austriacos, não só em consequencia da inferioridade de effectivos e artilharia como tambem pelo dispositivo pouco favoravel. A frente austriaca, medindo cerca de 80 kilometros, se defrontava com a dos russos, medindo 140 kilometros. Assim, pois, tinham os austriacos as duas alas excedidas pelo adversario. O duplo envolvimento os ameaçava e a situação piorava cada dia. A 26 os austriacos já não progrediam mais e, enquanto os XI, III e XII C. E., constituindo o grosso, mantinham suas posições, as tropas de cobertura — II D. I., destacamento de Brzezany e 8ª D. C. — eram forçadas a se retrahir para Dujanow, Narajow e Robotyn. Tambem ao N. a II D. C. fôra recalcada na estrada de Lemberg.

O perigo aqui, porém, não era grande até 26, por causa do destacamento do Archiduque Ferdinando, então na região Belz-Uhnow, podendo attingir o inimigo de flanco.

Mas a 27 esse destacamento avançou para o N., afim de auxiliar o General Auffenberg. Nessa data investem os russos entre os III e XII C. E. austriacos, recalam o destacamento de Narajow, ao Sul, e ao N. ganham terreno da direcção Kamionka-Strumilowa sobre Lemberg. (Croquis 6)

Que essa nova posição dos austriacos não offerencia maiores vantagens é claro e disso estava convencido o G. Q. G. Porém com a chegada de reforços (XXIII D. I. de Honved, uma Bda. de Lds.) foi possível deter o avanço do flanco da ala direita inimiga que iniciara o envolvimento do III Ex. por Kamionka. Ao mesmo tempo chegavam reforços para o II E. vindos da Servia (VII C. E. e 20 D. I. de Honeved), podendo assim ser prolongada a ala sul. Essas unidades avançaram entre Firlojow e o Dniester, enquanto que a 38 e 43 D. I. de Ldw. vindos por Halicz avançaram para o N. com o fim de envolver a ala direita russa.

Mas antes que o reforço da ala sul pudessem ali chegar, atacam os russos com cerca de 5 corpos de Exercito a frente Korowice-Firlejow dos III e XII C. E. Até 29 esses corpos se aguentaram com bravura extraordinaria, mas na tarde de 30 o terrivel fogo da artilharia inimiga permittiu-lhe romper entre os VII e XII C. E. a O. de Ruda, ameaçan-

do assim a ala direita do XII C. E. Uma lucta de cinco dias aguentou este corpo para obstar o envolvimento e por fim teve que se retrahir rapidamente, parte sobre Lemberg e a outra para Bobrka.

Em consequencia, todos os elementos do II E., que estavam ao sul da via-ferrea Lemberg-Brody, tiveram que se retrahir. (Croquis 2 c).

RETIRADA DOS AUSTRIACOS

A sorte do Exercito austriaco tinha sido decidida. Batidos, suas forças dividiram-se em tres grupos: o que anda existia do III Ex. ficou em defesa de Lemberg; em Chorodow o VII C. E. e a 20 D. I. de Honeved e para a cabeça de ponte de Halicz se retrahiram as 38 e 43 D. I., que já tinham obtido alguns successos.

Quanto á ala esquerda austriaca ao N., apesar dos successos parciaes conseguidos, não era possível permanecer onde se achava. Para poderem novamente enfrentar o poderoso adversario, impunha-se um reagrupamento de todas as forças austriacas á retaguarda, devendo, em consequencia, ser Lemberg abandonada. Essa resolução fôra assentada em vista das seguintes considerações: Ao sul da Polonia tinham os austriacos conseguido successos, enquanto eram batidos na Gallicia. Si fosse possível retrahir os II e III Ex. para a região de Godrec, ahi reunil-os, dar-lhes um pouco de repouso e completal-os, não estaria ainda tudo perdido. Entretanto reflectira-se que a resistencia nessa posição não era possível prolongal-a por muito, pois os russos poderiam abordar-a pelo N. e assim, não só as forças da Gallicia como tambem o IV Ex. de Auffenberg, seriam forçados a se retrahir.

Tornava-se necessario pensar numa nova offensiva, num golpe decisivo, afim de eliminar o perigo moscovita. Os exercitos russos, então em Lublin e Cholm, constituíam a mais séria ameaça. Descendo estes para o sul cahiriam á retaguarda dos austriacos na Gallicia Oriental e qualquer successo ahi nenhuma vantagem traria. A idéa de reunir rapidamente tudo que fosse disponível para bater os russos ao N. era inexequivel, porque a região não era como a Prussia Oriental cortada de estradas de ferro sufficientes e em reforços não se podia pensar no momento. (Croquis 3).

Marchando para conseguir esse objectivo, devia-se pensar que os russos ao Sul poderiam tambem ir em soccorro dos exercitos ao Sul da Polonia, pois não era de suppôr que elles se conduzissem como *Rennenkampf* na batalha de Tanneberg. Diante do que foi dito assentaram os austriacos então a idéa de retrahir o

IV Ex., reuniu-o ás forças da Gallicia e tentou ali uma decisão. O Exercito russo de Plehwe tinha soffrido um sério revez e era de suppor que pequenos elementos poderiam impedir ou retardar sufficientemente seu avanço para o Sul.

A resolução assentada originou a batalha de Lemberg, que se feriu de 7 a 11 de Setembro de 1914.

2ª BATALHA DE LEMBERG DE 7 A 11 DE SETEMBRO DE 1914

O IV Ex., rompendo o contacto com o adversario, deixou na região de Grubiezow o destacamento do Archiduque Ferdinando, constituido de 14 D. I. e 2 D. C. para conter o exercito de Plehwe. (Croquis 3 a).

A 6 de Setembro attinge o exercito de Auffenberg a frente Rzycki-Kurniki, collocando-se á esquerda do III Ex. No novo dispositivo que os austriacos tomaram, o IV, III e II Ex. se collocaram por trás da região do Wereszyca, promptos para atacar. Os russos, depois da ultima batalha a E. de Lemberg, avançaram lenta e cautelosamente.

Emquanto isto, reforçaram os austriacos sua ala direita, objectivando envolver a direita do adversario insufficientemente protegida. Porém o General Plehwe resolve atacar o destacamento do Archiduque Ferdinando conjuntamente com outras forças vindas de Warez, com o objectivo de isolal-o do grosso. Desse ataque resultou que o General Auffenberg já no dia 7 encontrava sua estrada de marcha barrada pelo adversario. O Archiduque, atacado directamente de tres direcções, se retraiu para Laszow e depois para Lubycza (croquis 3, 9 e 4). Si bem que fosse seu destacamento reforçado pelo XII C. E., não pdeu resistir á pressão ameaçadora, sendo forçado a se retrahir a 10 para Eissanow-Horieniec. Sua linha de retirada estava tambem ameaçada por Plazow. De Ravaruska marchavam fortes elementos adversarios que procuravam se intercalar entre o Destacamento e o IV Ex. O General Auffenberg, por sua vez, afim de evitar a ruptura, recuou sua ala esquerda até a região de Sezerceec e mesmo assim não supportou a formidável pressão por muito tempo. Na Polonia o Exercito do General Dankl, não podendo supportar a superioridade numerica do inimigo, começara a se retrahir desde 9, rumo á Gallicia. Embalde luctara com denodo um corpo allemão do Idw., nas alturas de Tarnawka, afim de conter a avalanche russa. Algumas divisões russas eram annunciadas marchando para Josefow e Bilgoraj (croquis 39 e 14), estando as communicações entre o I Ex. e o

Destacamento já interrompidas. A continuarem as cousas assim, estariam as forças austriacas desarticuladas e aniquiladas dentro em breve. Ao mesmo tempo chegavam informações de novos agrupamentos de forças russas no Dniester e seus ataques não deveriam tardar. Era, pois, chegado o momento de se tomar uma resolução capaz de salvar o Exercito, visto como successos locais não resolveriam a situação strategica nem obstaríam sua destruição. A 11 de Setembro se apresentavam duas soluções, a defesa da Gallicia até o ultimo homem e, por consequencia, o aniquilamento do Exercito austriaco ou o abandono doloroso, amargurado do pedaço da Patria para salvar o Exercito, na esperança de bater depois o adversario! (croquis 14).

Acertou-se na resolução tomada: a Gallicia foi entregue ao inimigo. Assim são se reproduziu o erro de Carlos de Lorena em Leuthen, de Mac-Mahon em Sedan e Schilinski em Tannenberg.

Com o abandono da Gallicia, o Exercito viera se collocar nos Karpathos e por trás do rio San. Augmentando consideravelmente a massa invasora, não poderiam os austriacos pensar numa retomada de offensiva para breve. Proseguindo os russos em larga frente a linha do San juntamente com a Fortaleza de Przemyel seria tambem envolvida pelo Sul desta. Só pois na linha dos Karpathos seria possível enfrentar a avalanche russa, pois nos apertados desfiladeiros os ataques só se fariam em profundidade com desvantagens para o atacante. Com o retrahimento dos austriacos para essa frente, só a sentinella dos Karpathos — Przemyel — na curva do San, virou impavidamente resistindo aos formidáveis ataques do adversario. Milhares de russos, diante do fogo mortifero da defesa, já ficaram mortos sempre e sómente a fome pdeu vencer a heroica guarnição. A lucta em torno dessas muralhas é hoje uma legenda para esse grande Povo! A natureza, porém, tinha dado aos austriacos uma fortaleza ainda mais poderosa — os Karpathos — e após uma resistencia longa e tenaz, diante da qual o inimigo mais uma vez se esgotasse, poderiam um dia retomar os austriacos a offensiva.

LUCTA DOS AUSTRO-ALLEMÃES DE FINS DE SETEMBRO A FIM DE OUTUBRO

Batidos os russos na Prussia Oriental, fica assentada pelos allemães uma investida contra a frente do Vistula-Varsovia-Iwahgorod, enquanto os austriacos, em harmonia com esse movimento, retomariam a offensiva.

Impulsionada energicamente essa offensiva, em breve se achavam os allemães na linha do Vistula, por outro lado, transpunham os austriacos o San, Przemysl era liberta e mais ao Sul attingiam estes Ezernowitz, enquanto avançavam sobre Lemberg. Em meados de Outubro, porém, uma avalanche russa cae novamente sobre a frente alliada. Os allemães resistem e outro tanto o fazem os austriacos diante de Iwangorod.

Mas a onda adversaria reaparece então ameaçadoramente de Nowogeorgwisk, á esquerda e á retaguarda de Hindenburg. Era difficil a situação do grande General. Elle não temia o numero, pois suas tropas estavam habituadas a se bater contra effectivos superiores. Mas a estrategia de Hindenburg era a do aniquilamento e a perspectiva do momento não lhe offereceria senão uma victoria sem o objectivo que elle idealisava. Proximo de seus reductos formidaveis, uma vez derrotados, os russos se acolheriam a elles rapidamente e uma perseguição a fundo estacaria nessas barreiras. Assim, resolve Hindenburg se retrahir e aguardar uma oportunidade para batel-os longe da linha poderosa de seus fortes. Tão rapidamente como avançara, elle assim se retráe; a presa lhe tinha escapo no primeiro salto e elle agilmente rompe o contacto com o adversario e eis-o então a espreita de uma occasião propicia. O avanço austriaco se coordenara com o dos allemães e diante da nova situação mais uma vez a Galicia ia cahir em mãos adversas, pois que, como seus alliados, se retraem elles tambem e vão ficar á espreita na formidavel linha dos Karpathos.

A CONTRA-OFFENSIVA

Em meados de Novembro, julgam os alliados que era opportuno retomar a offensiva des de Thorn até a Bukovina.

Depois do retrahimento tinha o Marechal Hindenburg reagrupado rapidamente suas forças, sem ser isto presentido pelo adversario.

Ao Sul de Thorn fôra constituida uma ala esquerda provida de poderosos elementos de ataque. Era commandada pelo General Mackensen. Em ligação com estes, fracos elementos, constituídos *essencialmente de cavallaria*, guardando a frente: Konin-Kalisch-Wielun. Na região de Ezenstochau um grupo de exercitos alliados e, mais para o Sul, na frente Bendzin-Krakovia, um exercito austriaco. No restante da frente até á fronteira da Rumania tropas austro-hungaras. A frente inimiga estava assim constituida: dois exercitos ao N. do Vistula contra a Prussia Oriental, formando a ala direita; cinco exercitos a Oeste da Polo-

nia, constituindo o Centro, e tres outros objectivando a Galicia. O conjunto desses exercitos ascendia a 2,5 milhões de homens. Iniciada a contra-offensiva, rompe Mackensen a frente russa entre a ala direita e o Centro, depois das batalhas de Wloclawek, Kutno, Lowitsch e Lodz. Com o deslocamento de reforços, a contra-offensiva se detem e nada mais do que isto conseguem os russos, cujas esperanças eram de poder simultaneamente penetrar pelo Centro contra Berlim e pelos Karpathos contra Vienna. Foi a mais formidavel offensiva que até então conhecia a Historia! 300.000 mortos e feridos e 250.000 prisioneiros havia ella custado aos russos.

COMEÇO DE 1915

Em fins de Janeiro e começo de Fevereiro, depois dos successos conseguidos no Centro, resolvem os alliados um ataque simultaneo contra as duas alas inimigas.

Em consequencia desse ataque é o 10º Exercito russo (Silvers, aniquilado na chamada "Batalha do Inverno").

Simultaneamente quasi, a ala sul desencadeia o seu ataque cedendo os russos difficilmente, excepto na Bukovina, de onde o Exercito de Pflazer-Baltin expulsara completamente o inimigo. A deficiencia de vias ferreas não permitiram, infelizmente, que o ataque na direcção N. pudesse proseguir, pois os reabastecimentos e transportes de tropas tornaram-se demasiado precarios. Só um reagrupamento de tropas poderia ter permitido ampliar o successo e isso foi impossivel.

No correr do mez de Abril depois de investidas contra a Hungria, começaram os russos mostrar symptomas de fadiga; segue-se em consequencia uma curta estabilisação da frente oriental.

* * *

Em fins de Abril calculara-se que a Russia, depois das enormes perdas que soffrera dispunha em toda a frente de 2.000.000 de homens. Desses 1/3 era constituido de gente sem instrucção. A falta de officiaes era muito sensivel. A perda do material era orçada em: 1.700 canhões, 1.500 metralhadoras, milhares de fuzis, viaturas, etc. Assim a capacidade do Exercito russo estava consideravelmente reduzida enquanto que os alliados se fortaleciam.

As compras de material feitas no Japão e na America mal cobriam as necessidades mais urgentes. As munições escasseavam.

Por esse tempo a frente russa de 1.200 kilometros (croquis 4-a) estendia-se desde o Niemen O. Kowno) para o Sul, por Ossowiez, fronteira da Prussia até Mlawa, proseguindo até a embocadura do Buzura com o Vistula, continuando pela Polonia, O. da Galicia, por Tarnow até a fronteira da Hungria e dahi até a Rumania.

NOVO PLANO DE OPERAÇÕES

A situação politica originou a concepção do novo plano de operações que os alliados iam emprehender contra a Russia. Não tinha sido possivel ainda libertar a Galicia e o objectivo essencial das novas

operações era esse. Para isto deveria ser executado um ataque na direcção da Kurlândia contra a extrema ala direita do adversário, envolver o flanco direito e, simultaneamente, uma ruptura do centro do dispositivo na região de Tarnow. Bem estudado e assentado esse plano os deslocamentos de tropas foram feitos com o necessario sigillo, aproveitando-se as magnificas communicações ferro-viarias. A ruptura do centro comprometteria seriamente as forças adversas que occupavam a região dos Karpathos e Leste da Biskidia. Para que ellas pudessem se salvar necessitariam um retrahimento rapido o que importaria em perdas consideraveis, principalmente de material. A pressão dos austriacos e o esforço para o Sul das tropas de ruptura, poderiam mesmo determinar uma verdadeira catastrophe, uma vez interceptadas as linhas de retirada que conduzem ás montanhas.

DISPOSITIVO GERAL AUSTRO-ALLEMAO

(Vide croquis n. 9)

RUPURA

Logo que o General Lauenstein a 1º de Maio tinha alcançado com sua cavallaria a região de Szawle e o rio Dubissa, inicia Mackensen seu ataque na Gallicia, ao Sul de Tarnow, sendo nelle secundado pelo Archiduque Ferdinando.

A 1º de Maio depois da preparação da artilharia o Archiduque alcança o primeiro successo no ataque da noite de 1º para 2º, fazendo muitos prisioneiros e tomando consideravel material de guerra.

Na manhã de 2, 1.200 canhões do Exercito de Mackensen iniciam a preparação até ás 10 horas.

Começa em seguida o assalto com extraordinario successo apesar das resistencias parciais do adversario. Estava tomada a posição principal russa de Gromnik-Gorlice-Malastow. A victoria consistira em 20.000 prisioneiros, 40 canhões, 50 metralhadoras. A 3 proseguiu o ataque á 2ª linha e até 4 mais 20.000 prisioneiros eram feitos. Compromettida como se achava então a retirada do 8º Exercito Russo, que se achava nos Karpathos, só o retrahimento immediato poderia salvar-o e elles assim o comprehendem.

RETIRADA RUSSA

Na noite de 4 para 5 começa esse Exercito sua retirada dos Karpathos pelas estradas que conduzião a Dukla-Rymanow-Bukowsko-Sanok e Lisko. O General Boroewic desembocando pela retaguarda inimiga persegue-o por tal modo que em breve a retirada se transforma em fuga. Não tendo o adversario destruido a ponte do Wisolka em Zmigrod, consegue o General von Emmich transpor-a e dominar com sua artilharia a estrada que vae ao passo do Dukla. Durante a jornada de 5 de Maio o inimigo abandonou a margem E. do Wisloka, retrahindo-se nesse rumo. Nas jornadas de 6 a 10, diante da pressão do Exercito de Mackensen, retirava-se o adversario offerecendo, porém, porfiada resistencia com tropas de retaguarda. No dia 9 o principe Radko Dimitriew investe com duas D. I. contra as tropas do commando do General Emmich afim de libertar o 8º Exercito russo da ameaça de destruição, caso Sanok fosse attingida e ultrapassada. Justamente havia aquelle General occupado Besko onde era atacado, emquanto uma outra D. I. inimiga investia contra Krosno já tambem occupada (croquis 11). Os dois ataques fo-

ram repellidos, entretanto, o adversario conseguiu seu intento, detendo temporariamente no Vislok o avanço do Exercito do General von Emmich. Os dois dias necessarios a este General para cortar a retirada do 8º Exercito russo foram perdidos em lutas de retaguarda. Assim, apesar de ter este Exercito inimigo perdido 50.000 homens consegue escoar-se das gargantas dos Karpathos e retrahir-se para a região de coxilhas da Gallicia onde o San lhe ia proporcionar uma nova linha de resistencia.

* * *

(Croquis 11) Nas jornadas de 10 a 13 prosegue o Exercito de Mackensen para Leste avançando entre o Vislok e médio San contra a nova posição russa. A ala direita constituida de bavaros approxima-se de Przemyl por S. O. Parte do Exercito de Boroewic por S. O. Por entre o Vislok e o Vistula avançava o Exercito do Archiduque Ferdinando depois da ruptura de Debica. Em frente aos Exercitos dos Generaes Boroewic e Boehm-Ermoli retrahia-se continuamente o adversario de suas posições nas alturas dos Karpathos. Esses dois exercitos objectivavam a região Dobromil-Stary-Sambor. O Exercito de Lissingen ainda mais ao Sul proseguindo tambem a 10, attingia a região do Sul de Dolina, com a ala direita. O Exercito de Pflanzner-Baltin prolongava este mais para o Sul.

* * *

A investida contra a linha do San começou a 14. A Guarda e o VI C. E. austriacos atacaram nessa data a cidade Joroslau. A Cidade e a região eram defendidas pelas 62-11 e 45 D. I. russas que offereceram tenaz resistencia, mas apesar disso foi nessa jornada occupada essa localidade e o inimigo deixando 4.000 prisioneiros se retrae para a margem oriental. Essa victoria importou na tomada de uma importante cabeça de ponte no medio San e com isso róta de novo a frente inimiga. A 17 e 18 prosegue o ataque das referidas unidades e no dia 20 as localidades de Wietlin-Suruchow e Bobrowka eram tomadas.

(Croquis 12) Enquanto se passavam as lutas referidas mais ao Norte as forças do Commando do Archiduque Ferdinando forçavam tambem o San e Sieniawa era tomada. Os contra-ataques que os russos emprehenderam de Nisko, Lezejsk e Przemyl contra as tropas alliadas que já se achavam a Leste do San foram repellidos. Em seguida tiveram os austros-allemaes necessidade de reorganizar os seus reabastecimentos, evacuações de prisioneiros, reorganisação das unidades, organizações defensivas e reparação das pontes sobre o San, tendo havido em consequencia uma pausa de tres dias nas operações.

Ao mesmo tempo, tres semanas faziam que as tropas do General Mackensen e do Archiduque Ferdinando combatiam ininterruptamente. Tornava-se necessario um certo repouso tambem mas que não permitisse aos russos se reforçarem e organizarem uma resistencia seria. Era preciso, pois, em pouco tempo recommear as operações rumo ao objectivo que era então Lemberg.

Para lá chegar, porém, era forçoso que os alliados se apoderassem da famosa fortaleza de Przemysl e dominassem toda margem oriental do San.

Sem a posse da cabeça de ponte de Radymno a fortaleza seria inacessivel. Só apoderando-se della seria possivel o cerco e depois a redução pelo ataque efficiente da artilharia.

“Lembrae=vos da Guerra”

Livraria, Papelaria, Lithographia

:: :: e Typographia :: ::

FUNDADA EM 1845

Endereço Telegr.: PIMENTAMELLO — Rio

Telephone — Norte 7828

LIVROS, REVISTAS E QUAESQUER

TRABALHOS DE ARTES GRAPHICAS

PIMENTA DE MELLO & Cia.

34, RUA NOVA OUVIDOR, 34

(Proximo à Rua Ouvidor)

Caixa Postal, 860

OFFICINAS:

419, RUA VISCONDE ITAUNA, 419

(Edificio Proprio)

Telephone — Villa 5996

A 23 começa o tiro da artilharia pesada que o prosegue na manhã de 24. O efeito foi terrível, pois a primeira linha de defesa foi em seguida assaltada na segunda o inimigo não esperou o ataque, abandonando-a. Só adiante elle resiste novamente na cabeça da ponte de Zagrody que foi tomada a 25 pelo VI Corpo Austriaco que em seguida assalta e toma Nienowice e Dimkowice, já na margem oriental. Enquanto isto a ala esquerda de Mackensen prosegue victoriosamente para Leste levando de vencida o adversario que deixa 30.000 prisioneiros, 90 canhões 70 metralhadoras. Assim, a região N. de Przemysl estava liberta. Ao mesmo tempo ao Sul o General Moroevice com sua ala direita avança até Hussakoff ficando assim a fortaleza quasi sitiada. Nessa situação os russos reforçados contra-atacam Mackensen o mesmo tempo pelo Norte, Leste e Sul, fazendo perigar quasi as vantagens alcançadas (croquis 12).

A CONTRA OFFENSIVA RUSSA NO SAN

A frente aliada corresponde nessa época a situação assignalada no croquis (12). O General Mackensen tinha feito uma enorme bolsa na frente inimiga afim de facilitar a tomada de Przemysl pelo Norte e a contra-offensiva do adversario tinha por objectivo obstar esse golpe de grande efficiencia militar e politica. A luta durou de 27 de Maio a 3 de Junho, sendo a fortaleza retomada.

RETOMADA DE PRZEMYSL

(Croquis 14).

Emquanto as tropas de Mackensen repelliam com energia os ataques nocturnos das avalanches russas as regiões Starzawa, Schotyniec e no baixo Lubawka, tropas austro-allemaes assaltavam Przemysl. O ataque principal foi feito pelo N. pelas forças do commando do General Kneussl e a S. E. pelo X corpo Austriaco.

O tiro da artilharia tinha começado a 30 de Maio; a intensidade do bombardeio já á tarde permitia que os austriacos pudessem iniciar o assalto pelo forte Pralkowce. O inimigo obriga-os porém a abandonar-o por uma concentração de fogos de sua artilharia. Voltada a attenção russa para o Sul foi possível um energico ataque pelo N. depois da preparação que durara todo dia com artilharia de grosso calibre. Assim, ao meio dia de 31 os fortes X^a-XI^a e XI destruidos não resistem quasi ao assalto. A brecha estava feita na cintura fortificada e mais uma vez se confirma a efficacia do canhão de 42 cm. ao qual as guarnições após algumas explosões não resistiam nem tampouco os revestimentos de concreto ou couraças. O forte X que ficara sitiado não querendo se entregar recebeu na manhã de 1^o/6 alguns disparos e capitulou. Durante a jornada prosegue o ataque para o Sul de sorte que o caminho para o ataque do nucleo central da defesa estava aberto. Resistissem as guarnições dos fortes de Leste e Sul teriam que cahir prisioneiras assim, no correr da noite de 2-3 os russos resolveram evacuar a praça que no dia 3 é occupada pelos vencedores. E' interessante recordar as duas investidas anteriores feitas pelos russos contra Przemysl. Livre por algum tempo do primeiro sitio quando os austriacos se retrahiram novamente em fins de Outubro-começo de Novembro parte das tropas de campanha cortadas na retirada se acolhera á Fortaleza, nella tambem ficando cerca de 50.000 trabalhadores que estavam reparando os danos causados. Assim os viveres calculados

para dois annos para a guarnição e população local em parte desfalcados para attender ás necessidades urgentes de outras tropas que avançavam, não eram sufficientes então para uma guarnição grandemente accrescida. Em consequencia, a 22 de Março de 1915 rende-se Przemysl pela fome. Atacada agora pelos austros-allemaes em quatro dias não resiste ao poder dos canhões. Assim tinham caído já Liège e Antuerpia e mais tarde Kowno, Nowogeorgiewsk e outros.

ACONTECIMENTOS NO SUL DA POLONIA E S. E. DA GALLICIA

A retomada de Przemysl, a conquista da margem oriental do San para além de Sieniawa preparam a posse de Lemberg (Carta Geral da Polonia). No começo da offensiva do General von Mackensen a 2 de Maio, achava-se ao N. do Vistula, em ligação com a esquerda das tropas do Duque José Ferdinando, o I Exército Austriaco (Dankl) na região a O. do Nida; a seguir, rumo N. O. o Exército Woyrch e no médio Pilica o Grupo Koevess. A' proporção que a ruptura produzida pelas forças de Mackensen progredia, os russos ao N. do Vistula se retraíam continuamente afim de conseguirem soldar novamente a frente. Em consequencia, a 8 de Maio avança o General Dankl, a 12, Woyrch, e a 14, o Grupo Koevess sem encontrarem inicialmente resistencias de valor. Em seguida, porém, os russos fazem alto a O. do San, na Gallicia e no angulo formado pelo San e o Vistula, do que resultou que ao N. do Vistula tambem o inimigo resolvera se contrapor a 15 de Maio ao avanço dos Generaes Dankl e Woyrch, nas regiões de Lysa-Gora e Opatow. Os contra-ataques feitos até 24 foram repellidos e foram os ultimos que os russos emprehenderam nessas regiões na grande offensiva que tinham desencadeado. A retirada do General Dankl para a frente italiana e a necessidade de repouso ás tropas para as futuras investidas paralisaram as operações no correr do mez de Junho nessa frente.

Para obscurecer os insucessos continuos tentaram os russos uma investida contra o Exército do General Pflanzer-Baltin que apesar de occupar uma grande frente com elementos relativamente fracos conseguiu, devido a grande iniciativa e actividade conhecida, reter numerosas forças russas obstando-as de colaborar nos ataques ao N. Os ataques de 9 de Maio, á excepção de successos locais, aliás consideraveis, não pesaram nas vantagens já conseguidas pelos austros-allemaes.

OFFENSIVA CONTRA O DINIESTER — BATALHA DE STRYJ

(Croquis 13 e Carta de Diniester.)

O Exército do commando do General Lissingen depois de ter forçado os passos Uszok e Ostry-Berge em combates iniciado a 9 de Maio, achava-se a 24 com seu Exército desdobrado, devendo então avançar na Direcção geral Stryj-Zidaczow, portanto, no rumo da linha de communicações do grosso das forças adversarias que se batiam no San. Essa linha pasava por Grodeck-Lemberg. Victoriosos ou bati-dos os russos nessa frente a situação delles se comprometia por cada dia de avanço das forças de Lissingen na direcção N. E. e elle se esforçava com energia, procurando os russos deter-lhe o avanço por todos os meios. Esa luta durou de 26 de Maio a 3 de Junho e tomou o nome de batalha do Stryj. A decisão se pronunciou de 30-31 quando então o Exército do Sul (Lissingen) rompeu a frente russa jus-

tamente em Stryj. Fortemente defendida a cidade não resistiu aos embates dos bavarezes do General Bothmer e austriacos da 38 D. I.; o inimigo deixou 12.000 prisioneiros, 14 canhões e 35 metralhadoras. No dia seguinte prosegue o ataque, retrahindo-se o adversario rumo Mikolajow depois de lutar desesperadamente. Os contra-ataques ultteriores foram repellidos. A 3 de Maio Bothmer e Szurmay conseguem se approximar do Dniester com suas forças, coincidindo com isto a queda de Przemyśl como já vimos. A luta no San tinha redundado num desastre para os russos. Si agora conseguisse o General Lissingen avançar para além do Dniester no rumo previsto e se apoderasse de Lemberg a posição russa de Siemiawa até aos pantanos do Dniester estaria comprometida. Ou o adversario teria que se aguentar a Leste do San evitando assim o envolvimento e consequente destruição ou então teria que se retrair opportunamente. Em ultima hypothese Lemberg seria tomada e com isto estaria a Galicia liberta. As possibilidades de retrahimento dos russos podiam se resumir nas seguintes:

a) — Para o N. entre o Bug. e o Vistula. Com isto as communicações com as forças do Sul do Dniester ficariam cortadas e não podendo ellas em consequencia resistirem ali por muito tempo, a frente russa teria que se romper.

b) — Retrahindo-se os russos com celeridade por Lemberg-Tarnopol, conservando porém as ligações com as forças do Sul não poderiam ser mantidas as ligações com o Centro na Polonia e a frente seria identicamente rôta.

b) — Escolhendo elles uma linha de retirada média, por Lemberg rumo Brody e região dos fortes Luck-Dobno-Rowno, então haveria possibilidades de manter a frente, porém insufficientemente guarnecida, portanto, susceptivel de uma ruptura facil onde os austros-allemaes entendessem produzi-la.

CONTRA-OFFENSIVA RUSSA NO DNIESTER

(Carta Geral região Dniester.)

O Grão Duque Nicolau tinha a Intenção de conservar Lemberg e com ella a Galicia ao mesmo tempo evitar o desastre que ameaçava o grosso de seus Exercitos, devendo para isso deter a marcha das forças do commando do General Lissingen. O Grão Duque Nicolau reconheceu o perigo e procurava por todos os meios evital-o. Seu plano era simples: elle queria recalcar por um ataque energico a ala esquerda muito fraca do General Pflanzer-Baltin, attingir a região Nadvorna abrindo por ahi caminho sobre a retaguarda das forças do General Lissingen, evitando assim a perigosa ameaça de envolvimento com uma manobra identica tal como fôra feito em Brzeziny contra as forças do commando do General Schefler-Boydell. Assim, no dia 3 de Junho o ataque principal se pronunciara com successo entre Nadwor-na e Kolomea, sobre o rio Pruth. A 5 batem-se os russos com tenacidade em Sadzawka afim de transpor o citado rio e conseguindo transpor-o ahi, installam uma cabeça de ponte na margem sul. Em taes condições o General Lissingen não poderia proseguir tendo o inimigo pela retaguarda e no flanco direito. Tornava-se preciso bater primeiramente o adversario. Uma resolução energica toma esse General. Apesar da luta que seu grosso sustentava elle fal-o mudar inteiramente de frente. Ao grupo Szurmay foi deixado a protecção do flanco ameaçado, enquanto o General Bothmer, justamente a 5 de Junho força a passagem do Dniester em Zurawno, o Ge-

neral Hoffmann, marcha sobre Kalusz e até o dia 8 combatendo ininterruptamente, avança sobre Halicz. Pflanzer-Baltin alliviado, atira o inimigo para o Norte e a 12 de Junho a linha do Dniester começa de novo a ser restabelecida. Os russos tinham reconhecido que um General do tino de Lissingen não se deixava impressionar, abandonando as grandes vantagens que conseguira. Por isto o inimigo tenta então um novo esforço agora pelo Norte procurando com esse movimento uma nova manobra envolvente contra o Exercito do Sul. Assim, já a 7 avançavam os russos por Litynia e Ruda procurando um duplo envolvimento contra as forças do General Szurmay. No dia seguinte tambem avançavam com fortes effectivos contra o General Bothmer (flanco esquerdo). Diante desses ataques são esses dois Generaes forçados ao retrahimento, tendo Bothmer transposto o Dniester e Szurmay veiu mais para o Sul. Mas o avanço russo não proseguiu pois já a 10, a ala esquerda das forças do General Szurmay num contra-ataque em Litynia, recalca o adversario enquanto que a ala direita auxiliada pelas forças do General Bothmer ataca tambem com successo, de sorte que até o dia 13 de Junho avançara bastante rumo ao Dniester.

Nesse dia recomeça o inimigo o ataque com grandes effectivos e paralysa o avanço do Exercito do Sul. Mas a tentativa do adversario contra este Exercito não conseguira seu designio pois que o ataque levado contra a ala esquerda fôra iniciado depois que o da ala direita fôra repellido. Feitos os dois simultaneamente haveria probabilidades de successo. Em todo caso, porém, tinham os russos conseguido evitar o perigo que os ameaçara pelo Sul.

NOVO ATAQUE CONTRA LEMBERG

(Croquis 13 e 15.)

O General Mackensen não tinha conseguido com os ataques no Pruth e no Dniester que os russos enfraquecessem a frente do N. da Galicia. Si bem que elle soubesse que a frente inimiga diante delle fosse muito solida, resolvera entretanto atacal-a e rompel-a. Toda região entre Lubaczow e Iwrow era tida como impraticavel a uma ruptura. Porém depois da tomada de Sieniawa a 12 de Junho pela ala direita do Duque Ferdinando surgira a possibilidade de uma investida de grande envergadura por ambos os lados de Lubaczow e do Sklow. Assim foi que investida a posição inimiga com resolução inabalavel na noite de 13 de Junho já a frente adversaria estava rôta numa extensão de 50 kilometros chegando os elementos avançados da Guarda prussiana diante de Wilkie-Oczy.

No dia seguinte, porém, contra-atacam os russos com 19 Divisões o Exercito do General Mackensen, na frente Oleszyce-Wilkie-Oczy-Krakowiec-Sadowa-Wisznia.

Mas o fogo da poderosa artilharia, o impeto da Guarda e VI Corpo Austriaco não permittiram ao inimigo successo algum. Os bravos do Marechal de Campo von Arz, a Guarda e Hanoverianos, produzem novas rupturas em Krakowiec e Lubaczow, na frente adversa.

Mas a 15 de Junho quando o IX C. E. Austriaco (do Exercito do Duque Ferdinando) sob o commando de Piskorowice ataca, logo que a floresta de Kolowka é tomada e tambem Oleszyce, pelos Hanoverianos, Sadowa-Wisznia, pelas tropas do General Boehm-Ermolli, os russos não tiveram outra solução a não ser a retirada geral para se installarem na chamada posição Godreck, sendo porém energicamen-

te perseguidos. Além das perdas consideráveis em mortos nessas jornadas elles deixaram 34.000 prisioneiros e 70 metralhadoras.

LUTA NA POSIÇÃO DE GODRECK

(Croquis 16.)

A linha do San estava de novo em poder dos austros-alemães. Faltava para coroar o exito da campanha a tomada de Lemberg. Mas para lá chegar era preciso vencer a poderosa linha do valle de Wereszyca e lagos da região de Godreck.

Essa frente correspondia a cerca de 80 kilometros. Apesar de successivamente batidos puderam os russos, graças aos continuos esforços, restabelecer novamente sua frente em ligação com a da Polonia, desde Miasko até Kolodrubny no Dniester e dahi até a Bucovina mais ou menos segundo o curso desse rio ora numa ora noutra margem. Perseguidos tenazmente após as ultimas lutas de Junho, attingem os russos a 16 e 17 a referida posição sobre o pequeno rio Wereszyca, já reforçados. Apesar dos esforços dos austro-alemães não conseguiram elles na perseguição que de perto faziam, penetrar na referida posição onde tropas de acolhimento já lá se haviam installado. A occupação de Lemberg iria então ser disputada. A perseguição teve pois que cessar. As vantagens que della tinham entretanto advindo foram de grande valor. Assim, as forças do Duque Ferdinando haviam attingido a região do Tanew; a Guarda conseguira se apoderar de Niemirow; o centro sob o commando do General Boehm-Ermolli havia se apossado da parte Oeste da Cidade de Godreck. O novo plano dos austro-alemães consistia num duplo envolvimento da posição russa de modo a desagregal-os, separando-os em dois ou tres grupos. Assim, o dispositivo de ataque consistiria no seguinte:

a) — O Exercito Boehm-Ermolli (centro) romperia com o grosso a linha do Wereszyca.

b) — O Exercito de Mackensen partindo da região de Niemirow atacaria rumo Léste, avançando a ala esquerda contra Ravaruska, o centro por Magierow e a ala direita por Wiszenka contra Zolkiew. Isto correspondia a ruptura da ala direita russa.

c) — Parte do Exercito do General Boehm-Ermolli que tinha convergido para o Sul, rumo ao Dniester, tinha a missão de agir em harmonia com o Exercito do General Lissingen (ala direita dos Exercitos) na direcção geral Norte, devendo transpôr o citado rio de modo a obrigar a ala esquerda russa a recuar, para depois cair a retaguarda do centro do dispositivo inimigo no Wereszyca. Em consequencia o destacamento de flanco do Exercito do General Boehm-Ermolli avançaria sobre Kolodrubny, o grupo Szurmey, contra Mikolajow, o Grupo do Centro do Exercito do Sul contra Zidaczow e Zurawno e por fim o Grupo do General Hoffmann avançaria sobre Halicz.

d) — A ala esquerda do Grupo de Exercitos atacantes seria protegida pelo Exercito do Duque Ferdinando, contra-ataques vindos do N. (Polonia) e, quanto a ala direita, a protecção caberia ao General Pflanzer-Baltin, contra-ataques partidos do Sul (região Nizniow). O Duque Ferdinando e o General Pflanzer-Baltin deveriam, porém, agir offensivamente afim de evitar que o adversario pudesse retirar forças.

A 18 de Junho proseguira o ataque do centro do dispositivo russo, no Wereszyca, iniciado na vespera.

Godreck e Komarno eram tomadas após uma luta encarnçada. No dia seguinte, 19, e noite subsequente as alturas a Léste eram uma após outras oc-

cupadas si bem que á custa de grandes sacrificios. Na manhã de 20 as tropas do General Boehm-Ermolli tinham bravamente se apoderado de toda posição do Wereszyca. A decisão se dera em Wilkopole, numa curva do Dniester, em Stradz e bem assim pela ruptura ao longo da frente Godreck-Lemberg.

Tambem na ala direita ao N. o General Mackensen tinha conseguido um successo completo.

O ataque principal feito na direcção de Magierow foi desencadeado depois da preparação de artilharia que fez calar a dos russos e a região a Este dessa localidade foi tomada. O inimigo evacua em seguida as posições ao N. da frente Niemirow-Magierow e quando esta ultima localidade foi occupada, o adversario tambem abandona as posições ao Sul da referida frente de sorte que a Guarda Allemã attinge então quasi a estrada Rowaraska-Lemberg.

Identicas vantagens obtiveram as forças que atacaram mais ao Sul. A 19 a missão das forças do General Mackensen estava realisada: a ala direita russa tinha sido recalcada e rôta e o inimigo batido, em franca retirada. (Croquis 16 e Carta Geral do Dniester). Parte das forças do General Boehm-Ermolli que operava ao Sul do Dniester, a 17 tinha recalcado o inimigo sobre Kolodrubny, depois que Litynia tinha sido evacuada. A 19 o ataque prosegue e os russos são atirados para a margem Léste do Dniester e apoderam-se ellas das passagens do rio. A 20 essas forças restabeleciam as ligações com o grosso em consequencia de terem tambem as forças do Sul do commando do General Szurmey transposto o rio. O grosso das forças do General Lissingen ataca a 20 de Junho a recalca os russos sobre Zydaczow e nos dias seguintes transpõe o rio nessa localidade e Zuranow. Assim, tinha o General Lissingen tambem realisado sua missão, recalcando a ala esquerda russa depois de tel-a batido.

A RETOMADA DE LEMBERG

(Croquis 16).

A passagem do Dniester em Mikolajow compromettera a ultima posição de acolhimento dos russos no flanco e retaguarda. Depois da tomada de Magierow e Godreck o alto commando russo se esforçava para puder aguentar o restante das posições. Assim, apoiados em Lemberg de onde irradiavam cinco estradas de ferro, elles tentavam resistir na frente: Zolkiew-Lemberg-Mikolajow.

Como já vimos a ultima localidade fôra tomada e a resistencia se tornara inutil. Coubera desta vez ao General von der Marwitz, que commandava a ala esquerda do General Boehm-Ermolli a tarefa de dar o ultimo golpe no adversario. Na noite de 21-22 de Junho arrancava elle aos russos a posição de Kulikow. Em consequencia a ala direita russa que combatia contra o General Mackensen, em Zolkiew, corria o perigo de se isolar do centro. Ao mesmo tempo o grosso das forças do General Boehm-Ermolli tinha então a possibilidade de envolver as posições a N. O. de Lemberg. Em consequencia a artilharia ponde na manhã de 22, muito cedo, começar o bombardeio da frente O. e N. O. da cidade. Ao clarear o forte Rzesna-Polska, a N. O., foi assaltado e tomado pelos austriacos e, até ao 1/2 dia cahiram mais dois outros. O General von der Marwitz avança por Kulikow e o General Mackensen por Zolkiew. A victoria estava decidida pois a partir das 12 horas o adversario se retrahia continuamente. As 16 horas podia o General de cavallaria v. Boehm-Ermolli entrar em Lemberg com grande jubilo para o povo. A Gallicia estava emfim livre!

SUCESSO — CONSIDERAÇÕES FINALES

(Croquis 10).

A campanha da Galicia durara sete semanas. Os fructos nella colhidos foram: mais de 400.000 prisioneiros, 330 canhões, 840 metralhadoras, etc.

Tres exercitos russos no minimo tinham sido destruidos. 40.000 km² do territorio austriaco tinham sido reoccupados, dois poderosos fortes haviam sido reconquistados com rapidez, a frente inimiga rôta e seus exercitos divididos em dois grupos. Tambem a efficiencia de conjunto dos Exercitos russos estava quebrada e para longos mezes desorganizada.

As unidades desfalcadas e misturadas, o material e munições gastos. Emfim, um conjunto desmoralizado. Em consequencia da retirada da Galicia foram os russos forçados a evacuar a Polonia. A luta em verdade tinha sido terrivel, em compensação, porém, o successo alcançado tinha sido estupendo. Em 10 grandes batalhas, innumeros combates tinham os russos tentado a sorte da Galicia. Por oito vezes detido o avanço austro-alemão e duas vezes emprehenderam ataques de larga envergadura, porém, tudo em vão. Devemos porém aqui assinalar tres causas principaes pelas quaes o Alto Commando não podia ser responsabilizado: *deficiencia de officiaes, tropa sem instrucção e falta de munições.*

Devemos reconhecer que a applicação dos reforços tinha sido bem regulada peols russos, que elles se utilisaram systematicamente de todos accidentes do terreno para a organização de posições de acolhimento e que muitas veez reconheceram com precisão os pontos fracos austro-allemaes procurando forçal-os.

Do lado austro-alemão a conducta das operações teve uma flexibilidade inteiramente de accordo com a situação que se apresentava. Alto Commando e Commando de Unidades subordinadas manobram por uma combinação de esforços que os levaram sempre a alcançar o maximo de successo. Não applicaram systematicamente o envolvimento ou o ataque frontal combinado com outro qualquer. Em Gorlice-Tarnow, em Lubaczow e Lemberg foi a frente inimiga rôta; em Krosno-Dukla, o envolvimento combinado com um ataque de flanco; em Magirow-Godreck-Mikolajow, operou-se um duplo envolvimento de grande envergadura e compressão dos flancos. Mackensen, Lissingen, Boehm-Ermolli, o Duque Ferdinando, Emmich, Marwitz, Szurmay e Arz agiram com exactidão e no momento preciso. Apesar da retirada de consideraveis forças para a frente italiana as operações não, soffreram retardamento, pois o aproveitamento continuo do successo creava situações vantajosas para novas operações. Nem os dias, nem as horas eram deixadas sem proveito para essas operações. E' digno de se salientar aqui, por exemplo, a energia do General von Emmich em sua perseguição ao inimigo em Zmigrod, evitando que elle destruísse a ponte do Wisloka; transpondo-a rapidamente e lançando para Léste todos os elementos disponiveis, proseguindo com energia as operações nesse rumo e depois para o Sul. As consequencias foram cortar a retirada do adversario em frente ao X Corpo Austriaco, nos Karpathos, innumeros prisioneiros e immensa quantidade de material tomada.

O successo fôra completo para o X C. E. Austriaco e X C. E. Alemão. Dessa data em diante o epilogo da grande tragedia russa se desenha nitidamente.

A aviação na America do Sul

A IMPORTAÇÃO DE AEROPLANOS NOS TRES ULTIMOS ANOS.

A importação para a America do Sul, de material de aviação fabricado nos Estados Unidos, segundo os calculos officiaes, attinge quasi 1/3 do total das vendas realizadas nessa republica, nos ultimos tres annos.

Uma estatistica do Departamento do Commercio, citada pelo jornal "Export Trade and Finance," põe em relevo o facto de serem os paizes sul-americanos os melhores compradores, e, por isso, representando o mais poderoso mercado estrangeiro para esse genero da produção industrial norte-americana.

Basta referir que o total da exportação do material de aviação, entre 1925 e 1927, tendo attingido a somma de 3.715.000 dollares, coube aos paizes sul-americanos uma contribuição correspondente a 32 %, ou seja o total a quanto montaram essas compras, calculado em 1.204.585 dollares.

A principio era a Republica Argentina

a que mais comprava, tendo cedido actualmente o primeiro lugar ao Perú, diz a noticia do "Export Trade and Finance."

Assim, pela ordem, os maiores compradores são: 1º, o Perú, 468.871 dollares; 2º, o Chile, 278.518 dollares; 3º, a Republica Argentina, 246.000 dollares; 4º, a Colombia, 114.275; 5º, o Brasil 90.628 dollares.

Accrescenta a referida noticia, que, nesses calculos, estão includos: 32 aeroplanos comprados pela Republica Argentina no valor de 215.037 dollares; 15 ditos, adquiridos pelo Perú, do custo de 280.196 dollares; 12 ditos, encommendados pelo Brasil, do custo de 78.264 dollares; 8 ditos, comprados pelo Chile, no valor de 215.500 dollares; e 4 ditos, adquiridos pela Colombia, cujo valor não menciona. A Bolivia e a Venezuela são tambem includas entre os paizes que representam bons mercados para o material fabricado nos Estados Unidos.

COMO SE FAZEM OS EXERCITOS EFFICIENTES

"Não se cream subitamente os chefes; é preciso tempo para os preparar."

CARNOT.

"O povo não quer decepções; reclama a victoria de seu corpo de officiaes, de seu estado maior, de seu commando. Estarão elles realmente preparados para isto?"

FOCH.

II

METHODOS DE ACCESSO E PROCESSOS DE SELECÇÃO DOS QUADROS NO EXERCITO ARGENTINO

No ultimo numero apresentamos um resumo bastante expressivo do *regime de promoções* adoptado no Exercito Francez. Da excellencia do processo, dil-o a conducta do grande exercito na guerra mundial, onde se constituiu o centro de resistencia victoriosa ás forças formidaveis dos exercitos centraes, pela importancia de sua instrucção militar, o admiravel valor de sua apropriada disciplina e *notadamente pela capacidade excepcional de seus chefes*. E' incontestavel que foi o Exercito Francez o *exercito director da guerra* do lado alliado, como foi do outro lado o Allemão, porque em torno delle sob seus conselhos e sua direcção technica é que se fundiram as grandes forças vencedoras de 1918.

Mas, por maiores que sejam todos os meritos nacionaes, mormente os da grande democracia franceza, nada disto teria sido possivel si os *quadros francezes* não estivessem á altura de suas missões.

E' ao official francez, *troupier, dos commandos, dos estados maiores e serviços* que cabe a maior parcella dos successos, e das tremendas responsabilidades daquella lucta, porque foi a *perfeita hierarchia militar* franceza que preparou a nação para a guerra, conduziu o *poilu* nas batalhas, tornou possivel a victoria — tanto mais digna pelas suas difficuldades e pelo valor do adversario vencido.

E essa hierarchia encontra o principal fundamento de seu valor nos processos de recrutamento dos diversos postos, patrioticamente observados como salientamos no numero anterior e de accordo com o *ambiente* e as necessidades francezas.

Apresentamos hoje novo resumo sobre o mesmo assumpto, mas conforme a sabedoria argentina. Não tem a consagração da guerra, mas revela a clareza do patriotismo de nossos intelligentes e progressistas vizinhos.

E' nova fórmula dos mesmos principios que presidem a lei de formação dos quadros francezes, principios que são universaes, mas variaveis em suas applicações.

A observancia patriótica, methodica e intelligente de taes regras permittiu ao Exercito Argentino ter um quadro de officiaes homoganeo e capaz de preencher as necessidades da preparação para a guerra, como de conduzir depois a nação á guerra.

Hoje, os *quadros argentinos* acham-se já *verdadeiramente hierarchisados* e gosam de conceito magnifico no seio da sociedade, que nelles deposita inteira confiança.

Não era assim ha poucos annos atraz. Tal situação é producto de um *regime de promoções nor-*

mal, isto é, ou de, no recrutamento dos diversos postos, *predomina exclusivamente o interesse geral, sem que as situações individuais* possam turvar os verdadeiros objectivos do accesso.

Em taes condições não é possivel duvidar do valor militar da nação argentina nem do rendimento de que é capaz em caso de guerra. E isto apenas porque tem quem a prepare e a saiba conduzir ao campo de batalha, sem improvisações nem receios.

Tal resultado é obtido por um conjunto de regras simples, mas fielmente observadas de que, a seguir, damos um resumo.

1.º — As promoções só se fazem uma vez por anno e obedecem aos principios da *antiguidade e do merecimento*. Mas o equilibrio é perfeito, nem a *pura antiguidade dá direito á promoção*, nem *um grande valor é condição bastante*.

2.º — Para a promoção, os officiaes de cada arma e posto, ordenados por antiguidade, são divididos em *grupos*. Os mais antigos formam o grupo dos que devem ser *promovidos ou eliminados* mediante reforma administrativa que os inhabilita para a promoção.

3.º — O numero de officiaes que constitue cada um destes *grupos* é determinado pelo quociente da divisão do quadro de cada posto pelo numero de annos fixado para a permanencia nos respectivos postos.

Os annos, fixados por lei, para a *permanencia* em cada posto são os seguintes:

General de Divisão, 4 a	5 annos
General de Brigada	4 "
Coronel	6 "
Tenente-Coronel	5 "
Major	5 "
Capitão	6 "
1º Tenente	5 "
Tenente	4 "
Sub-tenente	3 "

4.º — Ha annualmente um *numero minimo de vagas*, e portanto de promoções, asseguradas por lei, em cada posto.

Essas vagas são obtidas reformando-se administrativamente:

Os 2 mais velhos generaes de divisão e o mais velho general de brigada; e um certo numero de officiaes de cada posto, nas armas e serviços (conforme a composição de cada quadro) visando man-

ter o equilibrio no valor dos quadros das diversas armas.

A titulo de exemplo citemos o quadro minimo de vagas previstas na arma de infantaria:

Postos:	Vagas*	Promo- vidos	Elimi- nados
Coroneis	4	?	?
Tenentes-Coroneis	8	4	4
Majores	16	8	8
Capitães	24	16	8
1.ª Tenentes	28	24	4
Tenentes	28	28	0
Sub-tenentes	28	28	0

5.º — Os officiaes que attingem o prazo de permanencia normal em cada posto, sem que lhes caiba promoção, ou devam ser eliminados, passam a perceber um acrescimo de 10 % em seus vencimentos.

6.º — A selecção entre os que devem ser promovidos ou eliminados em cada grupo dos postos acima referidos é obtida mediante o computo das qualidades que o official deve satisfazer para a promoção, definindo o merecimento de cada um.

7.º — Para ser promovido o candidato deve satisfazer ás seguintes condições:

a) Para sub-tenente: idade minima 19 annos, curso do Col. Militar ou equivalente estrangeiro e, nesse caso, com approvação nos exames que fizer no C. M. de historia argentina, instrucção civica, legislação e historia militar argentina. Nenhum alumno sae do C. M. com mais de 25 annos.

b) Para o posto de tenente: 3 annos de serviço effectivo como sub-tenente.

c) Para os outros postos: intersticio minimo de 4 annos e mais curso do 1.º anno na Escola de Guerra, para o posto de capitão.

8.º — Além dessas condições indeclinaveis, a classificação para a promoção obedece, em cada posto, ao valor do official, assim apreciado:

a) Aptidão moral, comprehendendo as qualidades comprovadas de character, *espírito militar* e conducta necesarios á investidura da hierarchia militar e exercicio na totalidade das funções;

b) Aptidão intellectual e competencia para o desempenho das funções do posto;

c) Aptidão physica.

9.º — A apreciação dessas qualidades não é arbitrária e comprehende os minimos detalhes da conducta moral, intima, social e profissional do official. Segue um criterio fixo, systematico, ao qual, não escapando nenhum pormenor da vida do official, habilita sufficientemente a comissão de qualificação a um perfeito julgamento.

10.º — Taes apreciações se fazem em documentos escriptos e vão constituir o chamado — *legajo personal* — encerrando tudo que é necessario á avaliação do merito do official. Taes documentos têm forma regulamentar e determinada pela lei de promoções, sendo organizados periodicamente.

Damos aqui um exemplo relativo ao 3.º periodo de instrucção de uma unidade de artilharia, após uma inspecção, cumprindo notar que existem mais de 40 formularios como este para os diferentes postos, armas e serviços.

(*) Por eliminação ou promoção.

MATERIAS

Classifi-
cação

Apresentação do grupo, aspecto marcial, desembaraço, vivacidade, etc. da tropa e da officialidade.....
Instrucção e aptidões do grupo para o combate.....
Instrucção e aptidões do grupo para o serviço em campanha
Desempenho do Cmt. do grupo na participação que teve na instrucção dos officiaes..

Conceito sobre o official como instructor, director de instrucção e conductor de sua unidade.

Estado de conservação:

— do armamento
— do material
— do fardamento e do equipamento
— das atrelagens e arreia-
mentos
— dos animaes
— dos alojamentos, depósitos, etc.
— dos livros e utensilios.....
% de doentes
Numero de analphabetos incorporados
Numero dos que aprenderam a ler e a escrever.....
Previsões para a mobilização

Classificação synthetica (máo, mediocre, bom, muito bom, excellente).

No verso deste documento vem o juizo e observação do commandante da arma na Divisão, o juizo e observações do Cmt. da Divisão e a nota de *sciente*, lançada pelo official a quem se refere a inspecção.

11.º — Apezar de sua forma, esses documentos não podem servir de arma a odios e vinganças de chefes pouco escrupulosos. Elles são também julgados pelo criterio com que julgaram seus subordinados.

12.º — Os juizos emitidos pelos chefes sobre seus subordinados não são inappellaveis, inclusive o proprio julgamento da Comissão de qualificações. O official julgado pôde requerer inquerito cuja conclusão é averbada em seus assentamentos e nos assentamentos do chefe que o julgou. Da apreciação da comissão de qualificação ha recurso no prazo de 10 dias da data em que o official é notificado do que a elle se refere.

13.º — Toda documentação referente aos officiaes é annualmente remettida á Comissão Informativa de Classificações que é presidida por um General e da qual fazem parte os Cmts. de Divisão e o Chefe da Directoria do Pessoal. Esta comissão estabelece a classificação dos officiaes apresentando-a ao Poder Executivo. Este faz as promoções até Tenente-Coronel e submete ao Senado as propostas para as promoções a Coroneis e Generaes.

14.º — No decreto de promoções os officiaes são classificados por antiguidade, servindo o merecimento apenas para levar-os á classificação.

14.º — As vagas nos diversos postos cujo minimo é assegurado como vimos anteriormente, pôdem ser accessidas por outras causas, inclusive a da reforma compulsoria por limite de idade.

Taes limites são os seguintes:

Tenente-General	65 annos
General de Divisão.....	63 "
General de Brigada.....	60 "
Coronel	57 "
Tenente-Coronel	54 "
Major	50 "
Capitão	46 "
1º Tenente	43 "
Tenente	40 "
Sub-Tenente	40 "

Dada, porém, a situação dos quadros argentinos, estes limites só conseguem reformar officiaes de tenente-coronel para cima, sendo que os demais ou ao attingil-os já foram promovidos ou excluídos pelos outros principios.

15.º — Os resultados obtidos com este sabio regime de recrutamento de quadros pôdem assim ser resumidos:

a) estímulo para os officiaes que têm certeza de que o trabalho que realizarem será computado;

b) cuidado individual pelo proprio apuro das aptidões moraes, intellectuaes e physicas, estando todos crentes de que é da conducta de cada um que depende o successo na carreira;

c) equilibrio entre os diferentes quadros das "armas. E' evitada assim desigualdades muitas vezes injustas e odiosas que levam a altos postos officiaes com menores requisitos enquanto companheiros seus de promoções ao primeiro posto permanecem ainda em postos subalternos;

d) não produz duvidas e desanimos pela incerteza na carreira porque todos sabem qual o tempo que permanecerão em cada posto;

e) rejuvenescimento e continuo aperfeiçoamento dos quadros, levando aos altos postos officiaes ainda moços e vigorosos, bem seleccionados entre seus pares.

Pôde-se verificar esta situação dos quadros actuaes do Exercito Argentino examinando o almanach de 1926, onde os officiaes combatentes se acham comprehendidos entre as seguintes idades:

Generaes de Divisão.....	57 a 59 annos
Generaes de Brigada.....	51 a 58 "
Coroneis	47 a 57 "
Tenentes-Coroneis	40 a 52 "
Majores	34 a 44 "
Capitães	32 a 39 "
1º Tenentes	27 a 39 "
Tenentes	23 a 36 "
Sub-tenentes	19 a 30 "

f) Formação favoravel dos quadros de reserva, evitando que o grosso dos reformados seja constituído pelas altas patentes.

g) Boa utilização dos reformados que o são ainda capazes de bom aproveitamento em cargos pu-

blicos evitando-se assim que fiquem num puro ostracismo fartamente remunerado.

Eis, em resumo, o motivo fundamental da majestosa grandeza e rutilante brilho do excellente Exercito Argentino actual.

UM NOVO GAZ!... Trata-se de um sabio russo, o Dr. Egloff, que acaba de descobrir um gaz anestesiante, capaz de fazer adormecer uma cidade inteira, em alguns segundos! E como se trata tão sómente de um anestesico de effeito passageiro, é mais que provavel que a descoberta do Dr. Egloff — que se destina ás operações da proxima guerra — obtenha o beneplacito da Sociedade das Nações...

Assim, tendo inundado uma cidade de protoxydo de azoto (principal elemento componente do gaz Egloff) nella entrará o futuro conquistador como o Principe Encantado no Castello da Bella Adormecida... O progresso é muito mais humano que o dos gazes asphyxiantes, lacrymogénios e quejandas atrocidades!... E desde já, a Russia pôde annunciar — como os dentistas que annunciam a extracção sem dôr de queixaes, caninos, etc. — a submissão sem dôr dos seus futuros adversarios.

O perigo está, entretanto, na applicação do mesmo methodo nas luctas politicas europeas... Quem nos diz que os revolucionarios não adormecerão, qualquer deste dias, a população de Paris, o Governo, a força publica, o Parlamento, tudo emfim em que assenta o regime actual, para se apoderarem do Poder?...

O caso é grave... E se não fosse a esperança que temos de que o gaz-Egloff é tão sómente um "bluff," seria o caso de decretar o uso obrigatorio das mascaras antidotas, como as usavam os soldados da grande guerra contra os gazes asphyxiantes...

Mas imagine-se o que seria uma população de cerca de cinco milhões, como a de Paris, total e uniformemente ornada daquelles hediondos focinhos das taes mascaras! E além disso, ao nos encontrarmos uns com os outros, em vez de nos darmos os bons dias, o cumprimento habitual passaria a ser, como no carnaval, uma fórmula interrogativa:

— Você me conhece?...

O que valem os quadros

"Um exercito vale o que valem seus quadros."

"O espirito dos exercitos reside em seus officiaes."

E' incontestavel que qualquer profissional tem sempre interesse em conhecer os progressos que se fazem em toda parte naquillo em que emprega a sua actividade.

Os paizes novos voltam-se para os paizes mais velhos donde receberam e recebem ainda a civilização e os conhecimentos novos que vae a humanidade adquirindo sem cessar.

E'-lhes, porém, tambem summamente interessante lançar as vistas para os paizes jovens, e ver os progressos que têm conseguido com seus processos proprios de assimilação.

Assim poderão bem aquilatar da actividade de seu desenvolvimento e melhorar cada mez mais a *technica* de seu aperfeiçoamento até que um dia, attingindo á *maturidade*, passem a dar lições.

Em questões de organização militar ha tres paizes na America que estão a pique de ser independentes de lições alheias: Estados Unidos, Argentina e Chile.

O formidavel desenvolvimento geral do primeiro foi sem duvida o principal factor desta sua situação, que é nelle mais completa que nos outros; ao passo que a acção energica e systematica das autoridades publicas nos segundos, predominou para que attingissem ao estado de quasi madureza em que se encontram.

Para exemplificarmos, em parte, como se exerce esta acção e pôrmos em evidencia o carinho e meticoloso cuidado com que se zela pela efficiencia dos quadros, vamos aqui transcrever alguns trechos da circular que *Bmé Blanche E., Ministro de Guerra*, do Chile, expediu a todas as unidades delle dependentes, em 23 de Agosto de 1927.

Esta circular, precioso documento, é bem uma prova de como os *interesses*

reaes do Exercito Chileno predominam sobre as *situações pessoais* e de que este exercito jámais se esquece ser seu emprego em caso de guerra a principal razão de sua existencia.

Eis alguns trechos da circular que "El Mercurio" de 25 de Agosto de 1927 publicou na integra: (*)

"Por algunas calificaciones e informes de calificaciones expedidas por los Comandos de los cuerpos y por ciertos hechos de que han dado cuenta los mismos, este Ministerio ha podido imponerse de que el espirito de trabajo, la abnegacion en el desempeño de los deberes militares, el amor al estudio, inspirado en el deseo de perfeccionar los conocimientos profesionales, desgraciadamente no son virtudes y praticas que adornan a todos los oficiales del Escalafón Militar.

Hay varios casos en que oficiales y aún capitanes, comandantes de unidades; debidamente estimulados por Comandos diligentes y activos, se han quejado de exceso de trabajo de no tener tiempo para desarrollar sus tareas, ni aún para mantener al día sus obligaciones corrientes, deno tanto hastio y falta de energias para el desempeño de sus obligaciones.

Cumplo com el deber de hacer presente a los señores jefes y oficiales que las leyes últimamente dictadas *han perseguido como primordial finalidad abtener um cuadro de jefes e oficiales que, por su edad salud, actividad, capacidad y preparación, correspondan ampliamente a las exigencias de un perfecto servicio*, que es aspiración permanente de los oficiales conscientes de la alta misión del Ejército y *constituye también una indiscutible necesidad nacional*.

.....no sólo el estudio y la dedicación al desempeño de sus puestos, son las cualidades que exclusivamente deben poseer los oficiales del Ejército — el ejercicio físico tambien es de absoluta conve-

(*) Os gryphos são nossos.

As crises dos quadros de officiaes da Armada

De tempos em tempos a opinião se agita entre nos em torno de um problema de magna importancia para a officialidade da Armada; esse problema se apresenta, invariavelmente, sob um duplo aspecto: "rejuvenescimento" dos quadros e seu "descongestionamento".

Nem sempre o phenomeno abrange todos os quadros; mas a engrenagem do accesso marcha de tal maneira, que uma crise está sempre latente em certos postos, enquanto para outros se manifesta em actualidade.

Por uma coincidencia interessante, os periodos de oito annos tem marcado as épocas do debate, nem sempre, é verdade, seguidos de medidas correspondentes, mas

conduzindo, certamente á reflexão e á collaboração util de muitos.

Assim, quando, reajustadas as condições normaes de accesso depois da revolução de 1893, as turmas numerosas de Guardas-Marinhas ingressavam no quadro dos segundos tenentes, foi-se produzindo uma congestão que, de 1904 a 1906 preocupava seriamente a Administração naval, levando o Almirante Julio de Noronha a reduzir, de 120 para 80, o numero de matriculas da Escola Naval, receioso de que os jovens aspirantes só pudessem alcançar aos 41 annos o posto de capitão tenente.

Decorreram dahi os fundamentos da dilatação dos quadros realizada pela seu successor, o Almirante Alexandrino de

niencia praticarlo en personas que para el desempeño de sus obligaciones se ven amenudo en la necesidad de dar personalmente ejemplo a sus subordinados.

.....Y asi no es posible admitir, como norma, que ciertos grados de la gerarquía deban venir seguidos de la obesidad. Oficiales de esta naturaleza poco a poco van degenerando en sus actividades, seguramente en los momentos mismos en que más necesitan impulsar con su ejemplo a sus subordinados a seguir los procedimientos y tareas que exigen nuestros reglamentos. Los Comandos de Divisiones, principalmente, y los de armas, Brigadas y Regimientos, deberán controlar estréchamente a los jefes y oficiales puestos a sus órdenes, a objecto de que cumplan en fôrma más eficiente, activa y honrada, con las obligaciones de sus cargos, dejando amplia y claramente establecido en el numero correspondiente de la calificación la forma como se desempeñan.

No propondrán para el grado superior aquellos oficiales de no bien comprobada capacidad, que sólo cumplen mediocrementemente con sus obligaciones y que se contentan con el minimam de esfuerzo y sacrificio,

demonstrando asi egoismo personal y ausencia de un concepto exacto de su alta misión de educadores.

..... Mientras más alta es la gerarquía del oficial, más deben perfilarse en él las cualidades militares de tal modo que lléguen a ser praticamente para sus subordinados, modelos permanentes de conocimientos, disciplina moralidad, etc.

A los Comandos de Regimiento sólo deben llegar los oficiales que con verdadero entusiasmo profesional han hecho de su carrera un sacerdocio por la fôrma cómo han comprendido y desempeñado sus deberes militares y sociales.

La opinion publica y el país no quieren que al frente de los servicios del Estado se encuentren hombres ineptos o incapaces, y mucho menos han de querer que dentro del Ejército, la institución más representativa de las virtudes de la raza, y de las tradiciones y glorias nacionales, lleguen a asumir las altas responsabilidades del mando, hombres que no sean absoluta garantia de que tal mando ha de ejercerse con talento y honradez, que significan en este caso capacidad y eficiencia."

Alencar, e a criação dos capitães de Corveta, com relativo desfôgo dos postos subalternos, e, em 1910 o mesmo Ministro pleiteava no Congresso o abaixamento da idade de reforma compulsoria.

A crise, sentida fortemente em 1904, produziu a reacção compensadora até certo ponto.

Em 1911 e 1912 levanta-se outro debate, os Almirantes Marques de Leão e Belfort Vieira inclinavam-se para a constituição de uma "segunda linha"; o então Commandante Souza e Silva e o Capitão Tenente Aurelio Falcão defendiam essa idéa com vigor.

Como solução intermedia, foi tornado extensivo á Marinha o Quadro Supplemmentar (Novembro de 1911) creado em 1908 para o Exercito, descongestionando pouco os postos subalternos. Nunca executado integralmente, não chegou a dar os resultados esperados.

Oito annos mais tarde chegámos á crise de 1919-1920, que provocou discussões mais ampla e completa do que todas as anteriores. Pelas columnas do "Jornal do Commercio" e nas paginas da "Revista Maritima" o 1º tenente Muniz Barreto retomava o assumpto. A idéa da "segunda Linha" ganhava terreno, e o Ministro Raul Soares manifestava as suas preferencias pela solução; o deputado pelo Piauihy, Commandante Armando Burlamaqui, apresentava á Camara um projecto nesse sentido, e mais tarde um outro semelhante era tambem submettido ao Congresso pelo deputado Macedo Soares e defendido na imprensa pelo Commandante Alvaro de Vasconcellos.

A victoria colhida nessa jornada foi bem pequena. Do Parlamento apenas conseguiram os autores das propostas o adiamento da solução definitiva, e a ficha de consolação de um augmento diminuto de officiaes superiores e Capitães Tenentes.

Era já alguma cousa, não obstante.

Mais oito annos são passados, e eis novamente a questão em fóco.

Em 1927 o Commandante Vasconcellos, agora deputado pelo Ceará, renova a proposta da "segunda Linha", e a ultima Mensagem presidencial reflecte a intensão do governo de encarar este anno a questão geral dos quadros da Marinha, já começada a ser ventilada no ultimo Relatorio da pasta.

O Almirante Pinto da Luz mostra a conveniencia de um augmento de officiaes em diversos postos e da redução gradual da idade de reforma compulsoria. Muito embora não haja menção nos planos do Ministro, parece fora de duvida, entretanto, que a extensão á Marinha da reserva de 1ª classe, regulamentada para o Exercito em 1917, e agora incluída, para as forças de mar, em um projecto governamental em andamento no Congresso, deverá conduzir a uma solução proximaemente equivalente á que propunham os defensores do "quadro sedentario" ou "segunda linha".

Teremos, portanto, certamente, mais um interessante debate em torno do assumpto, ao qual virá sem duvida ligada a nova lei de promoções, que o departamento naval examina e — segundo parece — breve, será conhecida.

Haverá, então, oportunidade de examinal-a, de envolta com a questão dos quadros a que óra apenas summariamente nos referimos.

"A actual lei de promoções data de 1891 — é antiquada, por isso que tudo se tem modificado, menos ella; é anti-militar por que os seus processos entreteem o espirito politico nos quadros."

Instrução dos Quadros e da Tropa da 1.^a D. I.

(SOLUÇÃO DO THEMA POR CORRESPONDÊNCIA DISTRIBUIDO)

— Jan. 1928. —

Tomemos a 1.^a D. I., no dia 31 de Dezembro.

A CONCENTRAÇÃO:

As tropas e elementos de serviço já concentrados equivalem a pouco menos do seu effectivo total, e este será alcançado até o dia 5 de Fevereiro.

A COBERTURA:

Estabelecida na região de SANTA CRUZ, a cerca de 30 kilometros da zona de concentração, está a cargo do 1.^o R. C. D., menos um esquadrão.

Pode parecer, á primeira vista, que o encargo desse R. C., sobretudo desfalcado de um esquadrão, é superior ás suas possibilidades.

O estudo da situação mostra que, não só elle pôde desempenhar aquella missão, como também que foi muito acertada a sua escolha.

Começando pelo terreno:

Distingue-se uma successão de regiões, perfeitamente caracterisadas e mais ou menos orientada no sentido dos parallelos.

Essas regiões são, do S. para o N.:

1.^a) A região montanhosa, que cobre quasi toda a metade sul e pequena parte da metade norte do territorio do DISTRICTO FEDERAL.

E' accessivel apenas por um pequeno nudo de caminhos de cargueiros, e contornada ao sul por uma boa estrada de rodagem que, na maior parte da sua extensão, ora atravessa desfiladeiros, ora assenta em aterros em regiões de brejo, ora é aberta nas fraldas abruptas da montanha, beirando, porém, regiões de matas maritimas e brejos.

Não se presta, portanto, essa região, ás operações de grande vulto, e mesmo pela estrada de rodagem, só incursões com objectivos secundarios se podem esperar.

2.^a) Vem, em seguida, a região comprehendida entre a que acabamos de examinar e a Serra de MADUREIRA, estendendo-se da região de SANTA CRUZ até á BAHIA DE GUANABARA.

Essa região constitue vasto corredor de acesso facil, de SANTA CRUZ á CAPITAL FEDERAL.

Permite as operações de certo vulto, as manobras de um forte destacamento, e, mesmo, o desenvolvimento de uma frente de combate com effectivo consideravel. De qualquer fórma, porém, as operações são obrigatoriamente canalisadas dentro desse corredor, e isto favorece particularmente as operações defensivas, quer

de installação no terreno propriamente, quer de acções simplesmente retardadoras, pois que neste corredor, mais do que nos outros casos normaes, pode um effectivo restricto deter e especialmente retardar um inimigo nitidamente superior.

3.^a) — Segue-se a SERRA DE MADUREIRA.

Como a primeira, não se presta ás operações de grande vulto. E' também de difficil accesso.

4.^a) — Finalmente, a região mais ou menos plana, ao N. da SERRA DE MADUREIRA e na qual já operam os grossos dos dois Exercitos: Azul e Vermelho.

A região presta-se ás operações de grandes effectivos e estes podem vir actuar sobre a CAPITAL FEDERAL contornando a extremidade Leste da SERRA DE MADUREIRA.

A SITUAÇÃO:

Até o dia 31, não tinha o Cmt. da 1.^a D. I., nenhuma indicação — quer fornecida pelo Cmt. do Exercito, quer deduzida do exame da situação, quer provida de outra qualquer fonte — da região e do momento em que iria actuar a divisão.

A concentração ainda estava em meio, embora prestes a terminar.

CONCLUSÕES:

a) — Do exame do terreno chegou-se á conclusão que, para forças importantes, as possíveis vias de accesso á CAPITAL FEDERAL são: uma na direcção geral BELFORT ROXO e outra na direcção de SANTA CRUZ.

Da primeira destas direcções, a protecção da D. I., está assegurada pela presença do Exercito installado na frente BACURUBU' — IGUASSU' — BELFORT ROXO.

Da segunda, isto é, no corredor a Leste de SANTA CRUZ, impõe-se o estabelecimento da cobertura.

Outra direcção também que pode ser palmilhada pelo inimigo é a estrada á beira mar.

b) — Do exame da situação viu-se que nenhuma indicação havia da zona e do momento em que seria chamada a D. I. a actuar.

Nestas condições: impunha-se a necessidade de conservar disponivel, a maior parte da tropa.

Resalta dessas conclusões: que havia necessidade de attender á direcção de SANTA CRUZ, como a mais perigosa, e a do caminho á beira mar, de muito menor importancia; que a cobertura devia ser effectuada com o effectivo *estricamente necessario*.

Esta ultima condição implicava que a cobertura fosse levada o mais longe possível, afim de que, por uma acção retardadora pela tropa de cobertura dispuzesse o Cmt. da D. I., do tempo para reunir os meios que julgasse necesarios e empregal-os como fosse

conveniente, quer para reforçar, quer para acolher os elementos empenhados. Além disso, a tropa que recebesse o encargo da cobertura, deveria ter a possibilidade de reunir-se á D. I., com a presteza exigida, no caso de ter essa G. U. que actuar em direcção excentrica.

A tropa, por conseguinte, que melhor correspondia a essa necessidade, era o 1.º R. C. D., e elle recebeu effectivamente esse encargo, diz-nos o thema.

O esquadrão divisionario não fez parte delie, para não ficar o Cmt. da D. I. privado de cavallaria, logo de inicio, e na hypothese de ter essa G. U. que actuar numa direcção excentrica da de cobertura.

Resta, finalmente, dizer onde deveria ser estabelecida a frente de cobertura, que vimos haver necessidade de ser levada o mais longe possível.

Impunha-se a região de SANTA CRUZ, que, além do mais, attendia tambem a direcção do caminho á beira mar.

Que missão teria, pois, recebido o 1.º R. C. D.?

"De cobrir, na região de SANTA CRUZ, a concentração da D. I. — Caso o inimigo fôsse á retirada, deveria retardal-o o mais possível, até que fosse apoiado. Em todo caso a progressão do inimigo deveria ser detida nos corredores do mediano de SANTISSIMO".

E' esta, pois, a situação da 1.ª D. I., no região de SANTA CRUZ.

A ultima informação datava das 16 horas, e admittiu-se que ella tivesse chegado ás 18 horas.

De que é que se tratava?

O estudo que acabamos de fazer responde: "Reforçar a cobertura".

Realmente não era outra cousa que se devia fazer.

O inimigo tentou obstinadamente durante todo o dia atravessar o rio GUANDU', até que o conseguiu apoiado por um Btl.

Que queria esse inimigo? Difficil por emquanto de se concluir, acertadamente.

Em todo caso, algumas hypotheses verosimil-meis se podem fazer, tendentes a orientar o commando:

1.ª) — Pôde tratar-se de uma cavallaria que recebera o encargo de perturbar a concentração da D. I.;

2.ª) — Ou então de assegurar a entrada de tropas importantes, vindas do N. ou de O. de SANTA CRUZ, no DISTRICTO FEDERAL.

No primeiro caso, provavelmente, essa cavallaria não receberá mais auxilio além do Btl. que já a apoiou na passagem do GUANDU'; no segundo caso, provavelmente, estabelecer-se-á defensivamente, para proteger a entrada das taes forças.

Todavia, o que ha de certo, é que atravessaram o GUANDU' um regimento de cavallaria e um Btl. de infantaria, que podem vir perturbar a concentração da D. I.

Vae ainda o Cmt. da D. I. aguardar ou informações para agir? Não. Os elementos para a decisão, de reforçar a cobertura, são já bastantes, e, de mais, esse reforço já estava previsto.

Qual a composição e o effectivo desse reforço?

Perdura ainda a necessidade de ter disponível a maior parte de effectivo da D. I. pelo motivo que já foi exposto, isto é, de poder este G. U. actuar numa zona excentrica, por exemplo, no proprio dispositivo do grosso do Ex.

Qual a missão? O melhor é restabelecer a antiga frente de cobertura e, em ultimo caso, deter o inimigo a uma distancia tal, que a zona de concentração da D. I. fique a coberto dos seus tiros de artilharia.

Destas considerações deduz-se o effectivo do Dest: um R. I., um G. A. M., uma Sec. Sap. e mais o 1 R. C. D., com a missão acima.

A's 18h. 30ms., o Cmt. da D. I., que tem ao seu lado o Cmt. da 1.ª Bda. I., o da 1.ª Bda. A. e o da Eng., communica-lhes a sua decisão e elles designam as unidades que vão fazer parte do Dest., ao mesmo tempo que inteiram os Cmts. interessados, da missão, para que estes tomem, desde logo, as providencias para a marcha, á primeira ordem.

A's 19 horas, é distribuida a ordem do Cmt. da D. I.

Em resumo, contém essa ordem além das informações sobre o inimigo e do 1.º R. C. D., o seguinte.

— Fica constituido sob o commando do Gen. Cmt. da 1.ª Bda. I. um Dest. composto do:

1.º R. I.

1.º R. C. D. (3 esqs. já na cobertura)

1| 1.º R. A. M.

1 Sec. de Sap. Min.

— Missão: Restabelecer a antiga frente de cobertura, ora de posse do inimigo; em caso de superioridade deste, barrar a todo custo a sua progressão, entre a SERRA DO MENDANHIA e maciço ao sul de SANTISSIMO.

— T. C. Com as unidades.

— T. E. Regulados pela D. I.: — Todas grupados, amanhã, ás 8 horas em Bangú.

— P. I. Passagem de nivel (E. F. C. B.) a 1700 ms. a S. O. da Estação Villa Militar.

O primeiro elemento do grosso passará ás 20h. 30ms. pelo P. I.

De todas estas resoluções o Cmt. da D. I. deu parte ao Cmt. do Ex. e ao Cmt. do 1.º R. C. D.

"A promoção não é um direito, nem constitue premio, mas deve seleccionar capacidades em cada um dos pontos da hierarchia."

DA PROVINCIA...

Anno de Instrucção de 1928 - 7.º R. I.

N. DA R. — Consoante nossa promessa do numero anterior, publicamos hoje o *Programma de instrucção do Cmt. do 7.º R. I. (S. Maria)* para o 1.º periodo.

A *approximação deste programma com o do Cmt. do 11.º R. I.* serve para mostrar as diversas modalidades que pôde apresentar um trabalho de tal natureza.

Nos dois *programmas* o Coronel organiza a instrucção do regimento com o *metodo* de quem sabe o que quer obter; em ambos a mesma *preoccupação* de descer até ás menores minucias; em ambos pronunciada *semelhança* na orientação, nas exigencias e nas idéas apresentadas, *semelhança* resultante da unidade de doutrina que começa a revelar-se entre nós, em ambos bem definidos os meios á disposição, as tarefas e as actividades dos escalões subordinados.

Mas onde elles se separam (note-se bem, sem se afastarem, contudo) é na complexidade dos objectivos a atingir e na adaptação dos processos de execução ás *circumstancias* ambientes.

De resto, no *programma* do 7.º R. I. ha verdadeira "novidade" — a organização de unidades de instrucção no *ambito* do Btl. — para a qual chamamos, especialmente, a *atenção* dos interessados.

PROGRAMMA PARA A INSTRUCÇÃO NO PRIMEIRO PERIODO

(De 7 de Maio a 8 de Setembro)

De accordo com as prescripções regulaméntares e directivas da Região, a instrucção durante o 1.º periodo de 1928 será ministrada, tanto quanto possível, dentro do *programma*, de terminações e horarios que seguem.

A) DIVISÃO DA INSTRUCÇÃO

a) — A Instrucção fica dividida em tres grandes agrupamentos:

1.º — Instrucção da tropa, visando particularmente a preparação dos combatentes e como complemento indispensavel, a sua boa apresentação nas paradas e desfiles.

2.º — Instrucção dos quadros, destinada ao seu adestramento no commando e na conducção das pequenas unidades, tendo como complemento o aperfeiçoamento de sua educação physica, moral e intellectual.

3.º — Instrucção dos especialistas e serviços, destinada á preparação dos auxiliares indispensaveis ao commando.

b) — O Commandante do Regimento tomará á sua conta, neste periodo:

I) — A Instrucção do quadro de officiaes, sem prejudicar a acção dos Commandantes de Batalhão.

II) — A instrucção dos especialistas e serviços.

c) — O Cmt., do 7.º R. I. espera que todos os instructores e, em geral, todos os seus subordinados, se esforcem para que os homens possam apresentar-se, no fim deste periodo, perfeitamente adestrados, disciplinados, manobristas, capazes de tirar do armamento o maximo rendimento, aptos, enfim, para o combate moderno, em qualquer circumstancia.

B) — ORGANIZAÇÃO DA INSTRUCÇÃO (1.º periodo)

a) — Achando-se actualmente o R. I. com o effectivo muito reduzido, tão sómente

com a possibilidade de formar uma companhia em cada Batalhão, e acrescendo ainda que o 11.º Batalhão está destacado na cidade de Rio Pardo, o Commandante do Regimento, de accordo com a autorização conferida pelo artigo 79 do R. I. Q. T., resolve organizar, para o 1.º periodo de 1928, em cada um dos Batalhões, uma Unidade de Instrucção, que, tanto quanto possível, terá o effectivo de uma companhia, conforme o quadro da pag. 10 do R. E. C. I. (1.ª parte).

b) — Os Commandantes de Batalhão serão os directores da Instrucção e organizadores das respectivas Unidades, tendo como auxiliares:

1 capitão commandante da Unidade de Instrucção (chefe dos instructores) 2 primeiros tenentes; 2 segundos tenentes effectivos e 2 comissionados (instructores). O 1.º Batalhão disporá de mais de dois aspirantes, Sargentos e cabos monitores que foram preparados nos mezes de Março e Abril (auxiliares).

I) — O cargo de commandante de Unidade de Instrucção será revesado pelos capitães, cabendo no primeiro periodo ao cap. Miguel de Freitas Travassos no 1.º Batalhão e ao cap. Mario da Veiga Abreu no 11.º Batalhão.

c) — Quanto á parte disciplinar e administrativa, todos os homens ficarão inteiramente subordinados aos respectivos commandantes de companhias.

d) — Todos os recrutas, de cada Batalhão, serão apresentados, sem excepção alguma, 15 minutos antes de começar a Sessão principal, aos seus respectivos instructores.

e) — A instrucção será fiscalizada pelos Commandantes de Batalhão, que resolverão todos os casos, recorrendo sómente ao Cmt.

do Regimento quando aquelles escaparem do ambito de suas attribuições.

f) — As escolas serão constituídas sempre por unidades organicas (esquadras).

g) — Sómente os cabos que tiverem feito o curso de monitores ou outros de reconhecida competencia e aptidão serão aproveitados como monitores.

h) — Os Commandantes de Batalhão tomarão providencias immediatas para que nada falte ás suas Unidades de Instrucção.

i) — Salvo caso de emergencia, nenhum recruta será designado para serviços que impeçam o seu comparecimento á instrucção.

QUADRO DE TRABALHO:

a) — Cada Unidade de instrucção preparará o seu respectivo quadro de trabalho de accordo com o programma que se segue.

b) — A instrucção do Regimento se desenvolverá da maneira seguinte, durante o 1.º periodo, e em duas phases distinctas: 1.º) — Puramente individual; 2.º) — Collectiva.

I) — Instrucção individual sem arma, até o fim de Maio. A instrucção physica para todos os recrutas no 1.º mez seguirá o regime estabelecido para os grupos de fracos.

II) — De 4 a 16 de Junho, os homens receberão instrucção de soldado armado de fuzil e começará a ordem unida por escolas de esquadras.

III) — A instrucção de tiro será organizada para o conjunto de cada Unidade de Instrucção e praças promptas; os exercicios começarão, para o fuzil e mosquetão, logo após a incorporação para os que já trouxeram noções sufficientes e, desde que seja possível, para os demais. Essa instrucção será á tarde.

1) — O tiro do F. M. começará logo que seja possível.

2) — A instrucção do tiro real será realizada: para o 1.º Batalhão nos Stands de Santa Maria; para o II.º Batalhão, o Stand de Rio Pardo.

3) — A instrucção tactica individual começará a 18 de Junho.

4) — A partir desta data, continuando todos na instrucção do fuzil, será também iniciada a instrucção dos petrechos, permanecendo esta instrucção puramente individual. Serão organizadas tantas escolas quantos forem os petrechos.

5) — Na 5.ª semana serão realizadas as provas para classificação dos grupos de instrucção physica.

IV) — As marchas de treinamento começarão na quarta semana, na razão de uma por semana, aos sabbados pela manhã e irão aumentando gradativamente de percurso, desde 8 kilometros até 30, contadas a ida e a volta.

V) — Na 2.ª quinzena de Julho será apresentada a proposta dos metralhadores e ser-ventes da Cia. Mtr. P. e Pelotão de Leves, em numero que lhes será opportunamente reservado.

VI) — A partir dessa data será reservado um tempo para o preparo dos recrutas nos diversos papeis que lhes podem ser attribuidos, mas a instrucção continuará ainda individual, sendo unicamente dada no quadro do G. C.

Os especialistas serão relaccionados nos Memoraduns que para tal fim devem ter os Commandantes de Cias. e das outras sub-unidades.

O resto do tempo será empregado na instrucção tactica individual nas mesmas condições do mez precedente.

VII) — Na 10.ª semana os homens devem estar perfeitamente aptos para as funcções diversas no G. C., e receberão o armamento especial, começando então a instrucção collectiva que deve sempre ser subordinada a um pequeno thema, fazendo com que o grupo trabalhe no ambito do Pelotão.

VIII) — Nas 14.ª, 15.ª e 16.ª semanas serão reservados dois tempos para os exercicios do pelotão (um tempo de dia e um á noite).

IX) — No inicio da 13.ª semana os aprendizes de musica, clarim, tambor serão postos á disposição da Unidade de instrucção, fóra do exercicio principal, afim de preparar o seu emprego.

X) — Na 1.ª quinzena de Julho as sub-unidades proporão os candidatos a cabo.

XI) — No dia 10 de Setembro os Cmts. de Batalhão da Cia. Extranumeraria e Mtr. P. apresentarão ao Regimento os seus programmas para o exame do 1.º periodo.

XII) — No inicio da instrucção os Cmts. de sub-unidades apresentarão a relação dos analfabetos. A Escola Regimental começará a funcionar no dia 14 de Maio.

XIII) — No dia 16 de Julho será iniciada a Escola dos candidatos a cabo. O exame terá lugar em dia préviamente designado pelo Cmt. do Regimento.

DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

a) — Semanas de instrucção.

I) — Os Cmts. de Unidades de Instrucção apresentarão ao Cmt. do Regimento no fim de cada semana o programma e horario da semana seguinte.

1) — As materias serão distribuidas pelos dias e até pelos minutos pois sómente desse modo poder-se-á verificar como vae sendo cumprido o programma, como também será constatado o adeantamento obtido em cada parte da instrucção, vendo-se assim os ensinamentos que deverão ser introduzidos em cada uma dellas ou as repetições que devem ser feitas.

2) — Não convém que os Cmts. de Unidades de Instrucção estabeleçam quadros de trabalho de maior duração porque precisam ser attendidos os atrazos resultantes de causas imprevistas.

3) — Um programma especial para os dias de chuva será organizado como complemento.

4) — O Cmts. do Regimento e dos Batalhões serão prevenidos de véspera sobre o local onde se vão realizar os exercícios.

5) — O tiro se realizará: nas 2.^{as} e 5.^{as} para a 1.^a e 2.^a Companhias; nas 3.^{as} para Cia. Mtr. e Pel. Mtr. Leves; nas 6.^{as} para o C. E.; o Bt. organizará o seu horário.

b) — Os dias da semana.

I — Cada jornada de instrução (dia de semana) comportará duas sessões e um tempo à noite (intercorrentemente).

1) — A sessão principal, pela manhã, é dividida em tres tempos de 45 minutos. O primeiro tempo será reservado á instrução física; o segundo e terceiro á instrução relativa á ordem e parada, serviço de campanha e combate.

2) — Uma segunda sessão á tarde, na qual serão ministradas as instruções geral e moral, technica individual e tiros de instrução. Esta será dividida em dois tempos e a sua duração de duas horas.

3) — Uma sessão nocturna, que durará uma hora para o ensino dos cuidados com os uniformes e escola de analfabetos.

4) — Depois do segundo mez será reservada uma destas sessões, por semana, para a instrução das operações á noite.

PRESCRIPÇÕES ESPECIAES

a) — Os exercícios á noite serão executados quer ao cair da tarde, quer de madrugada.

b) — Como é natural nos exercicios inicias o trabalho não será tão rigoroso como nos seguintes. Esse rigor deve ir augmentando gradativamente para que possa ser alcançada a perfeição.

I) — Se houver alguma vez a necessidade de prolongar a duração de um exercicio o Cmt. da Unidade de Instrução pedirá a devolução da permissão ao Cmt. do Batalhão.

c) — A instrução será a mais variada possível, para que não se torne monotona e os descansos não muito prolongados, principalmente quando o sólo estiver humido ou o frio for intenso. Nestes casos é preferivel augmentar o numero de descansos, diminuindo a sua duração.

1) — Em cada descanso, os recrutas ficarão completamente livres, afim de poderem aproveitar o do melhor modo possível. Apesar disso, o instructor exercerá acurada fiscalização afim de regular o bem estar geral.

2) — Constitue um grave erro abreviar os descansos para occupar os recrutas com pequenos trabalhos.

d) — A tarde de sabbado será reservada á limpeza dos alojamentos e quartel e a de 4.^a feira (uma semana sim e outra não) á revista de armamento, equipamento e fardamento.

e) — Fica expressamente prohibida aos recrutas a frequencia de tavernas ou de casas duvidosas, onde possam adquirir maus hábitos.

I) — Os officiaes e sargentos deverão cuidar que esta recommendação seja cumprida, aconselhando os homens e procurando mostrarlhes o bom caminho.

Todos os soldados antigos encontrados nestas casas em companhia de recrutas serão punidos severamente.

UNIFORME

a) — Os officiaes instructores auxiliados pelos monitores revistarão escrupulosamente os uniformes de seus homens, no inicio dos trabalhos da jornada, não se limitando tão sómente ao exterior, porque o asseio do corpo e da roupa muito concorrem para a conservação da saude e o desgarranjo desta influe immediatamente sobre o seu moral.

I) — Assim sendo, não devem consentir que os homens conservem as unhas sujas e os dentes, bocca, orelhas e nariz em más condições de hygiene.

b) — Os uniformes dos recrutas devem ser bem folgados, principalmente quanto á golla e peito. Os instructores verificarão se isso acontece.

1) — E' necessario que o proprio recruta se acostume a accusar espontaneamente os defeitos que notar em seu uniforme, principalmente no calçado e nas meias, e isso com oportunidade, porque se o facto se verificar em uma marcha, por exemplo, a qual é então irremediavel.

2) — De todas as reclamações feitas o instructor scienciará directamente o Cmt. da Unidade de Instrução, que se entenderá por sua vez, com o Comandante da companhia a que pertence o recruta, afim de serem tomadas as providencias necessarias.

AOS INSTRUCTORES:

a) — Os nossos regulamentos, tanto na letra como no espirito, conferem ao official o duplo papel de instructor e educador.

I) — Indubitavelmente, estas duas missões são simultaneas e permanentes, e os officiaes devem cumprilas com o maior zelo e especial carinho, considerando o conjuncto das duas como o seu dever quotidiano.

II) — O esforço conjugado de todos os instructores visará sempre obter o aperfeiçoamento constante da instrução dos homens que lhes são entregues.

III) — Principalmente como educador e instructor de recrutas o desempenho torna-se arduo, pois trata-se de transformar civis em soldados capazes de cumprir o seu dever, ainda com o sacrificio da propria vida.

IV) — Para educar o official precisa:

1) — Estudar e conhecer a natureza dos seus homens;

2) — Collocar a tropa num ambiente de confiança;

3) — Dar constantemente o exemplo executado rigorosamente o que exige;

- 4) — Ser energico, bondoso e justo;
- 5) — Tratar os subordinados como colaboradores e não como escravos de sua vontade;
- 6) — Desenvolver a consciencia do dever e o poder da vontade;
- 7) — Ter sempre em vista o lemma do 7.º R. I.; "Alegria e Trabalho".
- V) — Para instruir elle precisa:
 - 1) — Fixar sempre o fim a attingir;
 - 2) — Ter methodo, ter mais acção que palavras, não falar difficil, não se cançar de repetir;
 - 3) — Dosar a instrucção de accordo com as capacidades physicas e intellectuaes;
 - 4) — Fortificar os homens, para tornal-os ageis e resistentes;
 - 5) — Adextrar os recrutas no uso de armas e petrechos, dando-lhes a habilidade necessaria para delles se servirem no combate, em qualquer circumstancia.
 - 6) — Desenvolver o sentimento do dever e a disciplina, temperando-lhes a vontade.
 - 7) — Ter confiança em si e na sua missão.
 - 8) — Conservar sempre o senso da realidade, a calma e o bom humor.
- b) — Para obter uma boa tropa de infantaria é preciso instrui-la, educal-a, para depois organizal-a.
 - I) — Eis as tres grandes idéas que presidem a sua preparação para a guerra.
- c) — Para que todos possam conseguir este desideratum é absolutamente necessario, que o interesse geral seja sempre collocado acima do particular, e o trabalho executado num ambiente de franca camaradagem e absoluta disciplina.

c) Instrucção da tropa:

1.ª CLASSE RECRUTAS:

PROGRAMMAS PARA AS DE UNIDADES DE INSTRUCCÃO

PARTES DA INSTRUCCÃO

- a) Moral — (Corsi e outros livros approvados pelo Commandante do Regimento).
 - I) — Ministrada por meio de preleções, citações, exemplos praticos e, particularmente, pela constante exploração dos factos que occorrem na vida diaria do Corpo e da Guarnição, sobre os quaes seja possivel tirar ensinamentos proveitosos.
 - 1) — FIM: — Incutir no espirito de todos a concepção do esforço e do dever; do devotamento e do sacrificio á causa commum da defesa da Patria.
 - 2) — Concorrerá grandemente para o exito desta instrucção o exemplo constante dado pelos superiores a seus subordinados.
- II) — De um modo geral, será seguido o seguinte programma:
 - 1) — Deveres para com a Nação; missão do soldado;
 - 2) — O cidadão e a sociedade; o cidadão-soldado;

- 3) — A família; o Exercito; a Patria e a Bandeira;
- 4) — A dignidade individual (respeito á propriedade, criterio, sobriedade, vigor, trabalho, dever e vontade);
- 5) — Virtudes peculiares ao bom cidadão e ao bom soldado (disciplina, camaradagem, solidariedade, bom humor, generosidade, lealdade, abnegação, honra);
- 6) — Ligação moral entre o chefe e seus subordinados; deveres no combate;
- 7) — A força publica ao serviço da Nação (Exercito; Marinha; Forças Estaduales). Sua necessidade.
- 8) — Considerações geraes sobre os grandes interesses nacionaes (trabalho no campo, nas fabricas, nas repartições; vias de comunicação).
- 9) — Grandeza do Brasil (superficie, população, riqueza, etc); situação da nossa Patria entre as Nações do Continente Americano (necessidade e vantagens das relações internacionais); o braço e o capital estrangeiros concorrendo para o engrandecimento da Patria;
- 10) — Apreciação geral sobre as exigencias da guerra; ponto de vista moral; ponto de vista material.

NOTA — O homem, feito soldado na sua permanencia na caserna, deve tornar-se pelo aperfeiçoamento adquirido nas suas qualidades e habitos, ao ingressar novamente no meio civil, um cidadão ainda mais util do que dantes era, um factor social mais efficiente. Quando vier a guerra, o valor moral da tropa se incarnará a synthese de todas as suas qualidades: a vontade de vencer.

Nelle se encerra o segredo da victoria, a qual pertencerá aos que marcharem sempre para a frente, aos que tomarem a offensiva, aos que fizerem, enfim, tudo o que lhes seja pedido, mesmo nas circumstancias mais criticas.

Sómente terão esta vontade os homens de moral forte, isto é, os que tiverem a verdadeira comprehensão do dever e da honra.

b) Physica (R. I. Ph. M.)

I) — Ministrada de tal modo que, no fim deste periodo de instrucção os homens tenham adquirido a resistencia exigida para o combatente de infantaria.

- 1) — FIM — Preparar o homem para desempenhar a sua funcção de combatente, tornando-o capaz de resistir ás fadigas da guerra;
- 2) — De um modo geral, o programma será o seguinte;

- 1) — Gymnastica educativa; jogos; desportos individuaes e collectivos; applicações (por meio de lições completas);
- 2) — Treinamento do volteador, fuzileiro granadeiro, metralhador;
- 3) — Esgrima de bayoneta.

NOTA — Inicialmente até a 4.ª semana todos os normaes serão submittidos ao regime correspondente ao grupo de fracos; os poucos receberão lições especiaes (flexiona-

mento, exercicios educativos, pequenos jogos. Serão sempre observadas as restricções impostas pelo medico.

Para ministrar uma instrucção proveitosa é necessario conhecer o valor physico de cada homem afim de poder dar-lhe o trabalho de que necessita e que elle pôde fazer.

O valor physico de cada homem será pois nitidamente determinado, na 5.^a semana, porque a evolução physiologica apresenta sempre modalidades diversas nos individuos que ingressam na caserna. Dahi a necessidade de uma classificação, que permitirá dosar o esforço a exigir dos recrutas para que possa ser obtido o fim almejado, sem arriscar-se a pedir muito a uns e muito pouco a outros.

Nada poderá ser feito de util sem esta classificação, que é a base do methodo de educação physica adoptada no nosso Exercito.

Ella depende da collaboração constante do instructor e do medico.

A especialização do esforço tem por fim o accrescimento de sua productividade. Esta especialização tem seu logar determinado em materia de educação physica; permite accrescer o rendimento do esforço, graças a uma classificação em grupos, dividindo cada grupo em séries, como a condição especial de cada uma das fracções do mesmo grupo ou de uma mesma série effectue identicamente o mesmo trabalho.

O instructor deve abster-se do desejo de conseguir resultados immediatos. O treinamento será lento, progressivo e continuo.

O caracter attrahente dos exercicios é conseguido pela sua alternativa e variedade, como tambem pela execução de jogos.

Deste modo, o resultado obtido torna-se particularmente efficaz, conseguindo-se;

1.^o — O retardamento da fadiga muscular nervosa, que precede sempre á fadiga physica;

2.^o — Um esforço muscular completo coordenado, inconsciente, e realizado sem restricções nem apprehensões;

3.^o — Todos os beneficios resultantes duma alegre emulação no decurso do treinamento.

Entretanto, é preciso notar que os jogos devem ter curta duração, regulada pelo instructor, nunca sendo executados desordenadamente como brincadeiras de collegiaes.

IDEAS DIRECTRIZES:

Para os fracos: trabalho de preparação por pequenos jogos, movimentos educativos;

Para os médios: gymnastica educativa de applicação em terreno preparado em forma de pequenos e grandes jogos, desportos individuais e collectivos;

Para os fortes: gymnastica de applicação, em terrenos preparados e depois variados; preparação em forma de grandes jogos desportivos e desportos propriamente ditos, em maiores proporções.

EXECUÇÃO DO TRABALHO E VERIFICAÇÃO:

O instructor deve:

— Regular e dirigir a composição das lições, de accôrdo com a cathegoria dos individuos aos quaes são ellas destinadas.

— Realisar o exame physico (n.^o 11 do artigo 7) na 2.^a quinzena de Junho. Na ultima quinzena de Agosto proceder-se-á a novo exame que permitirá fazer modificações na classificação.

— Fazer, tanto quanto possivel, os exercicios ao ar livre e de uniforme apropriado á estação, sómente trabalhando no interior quando a isso fôr obrigado pelo mau tempo.

— Desenvolver o gasto pelo esforço, a audacia, o espirito de disciplina, sem contudo reprimir o enthusiasmo nem a alegria indispensavel a um bom desenvolvimento physico.

COMO LEMBRANÇA:

E' absolutamente impossivel obter uma boa technica em individuos incapacitados, physicamente, sobretudo se o seu moral não lhes permite exercer a firme vontade de agir. Muito concorre para a falta de exito desta instrucção uma hygiene imperfeita: a gymnastica e a hygiene formam um todo inseparavel.

c) — **TIRO** (R. T. A. P.)

I) — Ministrada theorica e praticamente, com especial cuidado.

II) Divida em duas partes essenciaes;

1) — Technica, que tem por fim especial desenvolver a habilidade, augmentar o valor moral do combatente, dando-lhe a confiança em si e no armamento que vae usar na guerra.

2) — Tactica, com o fim de ensinar o homem a utilizar-se, nas melhores condições e conforme o seu papel, da habilidade adquirida na parte technica.

III) — De um modo geral, seguirá o seguinte programma:

1) — Instrucção preparatoria; tiros de instrucção; alvos regulamentares; serviços nos Stands;

2) — Technica do armamento, petrechos, munição (nomenclatura, desmontagem, incidentes, reparações);

3) — Instrucção de atirador para o combate;

4) — Avaliação de distancias; procura e determinação de objectivos; modos de referir o tiro no terreno.

5) — Emprego tactico do armamento e petrechos.

NOTA — Não sómente é mister fazer de todos os homens bons atiradores como tambem que todos os instructores sejam bons atiradores, para que o seu exemplo seja imitado.

— As explicações dadas aos recrutas terão o caracter objectivo, evitando-se as theorias que trazem como consequencia a fadiga, principalmente no inicio da instrucção.

— Se fôr possivel, os homens serão exercitados, na mesma serie em todas as armas e

petrechos (a partir do segundo mez) de modo o perderem o treino o haver a variedade nos exercicios.

— Com particular cuidado deve-se ensinar o soldado a não desperdiçar a sua munição e fazer sempre o tiro com oportunidade e conscientemente: a tropa que atira a pretexto de tudo revela o seu mau preparo tecnico e tactico.

— O fuzileiro metralhador deve sobretudo adquirir duas qualidades essenciaes: calma e sangue frio.

d) — Geral (R. I. S. G.)

I) — Ministrada aos recrutas por meio de preleções e exemplos de um modo continuo e variado, em tempos curtos, podendo ser intercalado com a instrução moral, afim de que a sua memoria guarde com mais facilidade os ensinamentos recebidos.

1) — FIM — Ensinar ao recruta a organização do Exercito; os seus deveres e direitos; as penas e recompensas que lhe cabem.

2) — De modo geral o programma será o estabelecido do Appendice no R. I. Q. T. á pags. 139-140.

NOTA — Os instructores farão, constantemente, perguntas sobre os varios assumptos desta instrução; outrossim, corrigirão sempre os homens que não fizerem a continencia perfeita, como tambem os que se apresentarem com desalinho nos uniformes.

e) — LIGAÇÃO E TRANSMISSÃO (R. E. M. T.)

I) — Ministrada no terreno com especial cuidado e procurando fazer selecção.

1) — FIM) — Preparar os auxiliares indispensaveis ao Chefe para que elle possa bem exercer as funções do mando.

II) — O programma constará de um modo geral, do seguinte;

1) — Agentes de ligação; agentes de transmissão. Sua differença, utilidade e applicação.

2) — Signalização (a braço, com lanterna, com meios de fortuna) Signaes Morse.

3) — Emprego dos paineis e artificios.

4) — Notícia sobre os cães estafetas e pombos correios.

f) — Serviço de campanha (R. S. C.)

1) — Ministradas por theorias (estricamente indispensaveis) e principalmente, pela pratica no terreno (longe do quartel).

1) — FIM — Ensinar as regras que devem ser observadas na vida de campanha: a acção individual; acção de conjuncto (G. C. e Pelotão). No serviço de segurança (em proveito do Chefe e da tropa).

II) — Seguirá de um modo geral o seguinte programma;

1) — TECHNICA:

— Serviço de guarnição;
— Execução das marchas e estacionamentos. Disciplina;

— Serviço de segurança nas marchas e estacionamentos;

— Material de estacionamento;

— Embarques em estradas de ferro;

— Transmissão de ordens e informações.

2) — TACTICA:

— O esclarecedor. A patrulha;

— O observador. A sentinella;

— Direcção e orientação, guias, balisadores;

— Colheita de informações.

3) — INSTRUCCÃO A' NOITE:

— Educação da vista e do ouvido;

— Emboscadas;

— Pequenos golpes de mão.

NOTA — Por uma instrução detalhada e continua e sobretudo variada é que se conseguem soldados de memoria firme e decisões rapidas e sensatas. Sobretudo incutir no espirito dos homens que de sua constante attenção, de sua observação acurada, de sua calma e justeza nas apreciações, depende o exito da operação. Fazer com que elle perceba claramente os efeitos desastrados de uma surpresa.

A MARCHA:

— A marcha é por excellencia o desporto do infante.

— A sua aptidão é desenvolvida muito mais pela pratica do que por processos pedagogicos.

— Os movimentos não devem nunca ser decompostos em tempos e differentes passos serão ensinados conforme prescreve o R. S. C.

— O treinamento da marcha deve ser lento, progressivo e continuo, o que se obtem mais por pequenos exercicios de marchas moderadas e repetidas diariamente do que pelas marchas hebdomadarias, que constituem a prova.

— Apezar de ser uma coisa muito natural e instinctiva, é preciso notar, porém, que cada individuo marcha de uma maneira differente e, muito difficil, será transformar a marcha de um homem. Entretanto, pode-se ensinalo a evitar os movimentos inuteis (oscillações exaggeradas dos braços e dos quadris. flexão irregular das pernas. etc.)

— O rythmo natural em cada um nunca deve ser ultrapassado e principalmente o rythmo uniforme (passo cadenciado) não deve tambem ser mantido por longo tempo. Quando seja necessario augmentar a velocidade da marcha o resultado será obtido pelo alongamento do passo e nunca pela sua acceeração.

— Sempre que forem atravessados logares povoados, deve ser mantida a marcha cadenciada; no campo a regra será a marcha sem cadencia.

ESTACIONAMENTO — Depois do segundo mez, e, uma vez por mez será feito um bivaque, cuja duração não ultrapassará de 48 horas.

g) — Ordem e parada (R. E. C. I.)

I) — Ministrado, no começo, no quartel e nos terrenos proximos; em seguida, sempre antes de sair para o campo (5 minutos) e no regresso, antes de debandar. (5 minutos).

1) — **FIM** — Desenvolver a disciplina e a cohesão pela execução de movimentos e manobras, realizados com a maxima precisão.

II) — O programma, de um modo geral, constará do seguinte:

— Manejo d'arma, posições, voltas e passos.

— Formações de marcha e de parada (grupo e pelotão).

NOTA — No fim deste periodo, devem-se notar: uma perfeita uniformidade, energia e precisão, característicos de uma tropa bem instruída nesta parte.

Não são permittidas modificações nas prescripções regulamentares.

h) — **Combate**:

a) — **Defensivo** (R. E. C. I. — R. O. T.).

I) — Ministrado no terreno da linha do tiro e no campo.

1) — **FIM** — Ensinar o homem a utilizar-se dos abrigos do terreno, melhorando-os com a ferramenta de sapa, e a construir com ella abrigos artificiaes afim de melhor fazer uso do fogo, resguardando-se ao mesmo tempo dos effeitos do fogo inimigo; nunca, porém, com o fim de entrar o movimento para frente.

II) — De um modo geral, o programma será o seguinte:

1) — Conhecimento da ferramenta de sapa (nomenclatura, emprego, conducção).

2) — Estudo e aproveitamento do terreno para a defesa.

3) — Melhoramento dos abrigos naturaes; construcção de abrigos artificiaes (individuaes, trechos de trincheiras e sapa de communicação). Tarefas.

4) — Installação defensiva de um grupo de combate (3.º mez).

5) — Organização de um ponto de apoio eventual do pelotão.

6) — Tiros de defesa; serviço nas trincheiras (ambito do Pelotão).

7) — Ligações, transmissões e communicações.

NOTA — Deve-se inculir no espirito do soldado que a defensiva é somente um estado passageiro do combate; entretanto, torna-se necessario, pela potencia do fogo actual, que todos saibam manejar tão bem a ferramenta de sapa como o proprio fuzil.

— Os homens devem ficar convencidos que no combate defensivo o fogo é o elemento principal e portanto, para defender uma porção de terreno será preciso organizal-o convenientemente de accordo com a maneira pela qual queremos applicar o fogo.

b) — **Offensivo** (R. E. C. I.)

I) — Ministrada no campo em terrenos variados.

1) — **FIM**: — adextrar o homem individualmente e em conjuncto (G. C.) incutindo-lhe a firme vontade de avançar, para vencer.

II) — De um modo geral, o programma será o seguinte:

1) — Estudo do terreno e seu aproveitamento para avançar (individual).

2) — Emprego do fogo das armas e petrechos. Noção sobre o fogo das metralhadoras e do apoio da artilharia.

3) — Missões individuaes; missões especiaes.

4) — Acção pelo fogo e pelo movimento (conjuncto).

— Da esquadra; do grupo de combate; do pelotão.

NOTA — O caracter desta instrucção será essencialmente pratica.

— A infantaria de hoje deve ser, antes de tudo, uma boa infantaria, isto é, um conjuncto de homens conscientes, agindo num ambiente perfeitamente comprehendido por elles.

— Na instrucção individual, se tratará, pois, de desenvolver a raciocinio dos recrutas, despertando sempre a sua attenção para os menores detalhes e fazendo com que se habituem a tirar illações dos factos que se passarem no decorrer dos exercicios, em seu proprio proveito, como tambem em proveito da tropa, e do Chefe.

— Incutir no seu espirito certas idéas capitales, como, por exemplo: atacar é avançar; unicamente pelo fogo não se consegue que o inimigo abandone a posição ou se renda: é preciso e indispensavel que se avance para assaltal-o.

— O essencial é que todos fiquem possuidores desse reflexo inveterado de avançar, mas agindo conscientemente e não temerariamente sem nenhuma protecção do fogo amigo ou do terreno, sem attender tambem á cohesão necessaria ao movimento de conjuncto, dada pela ligação entre os homens e entre as unidades. Quanto ao aproveitamento do terreno, procurar destruir a tendencia natural que têm os homens no começo do fogo inimigo de se aferrar aos abrigos, trazendo em consequencia a paralysação completa do movimento para a frente.

2ª CLASSE — SOLDADOS ANTIGOS

I) — Ministrada com a de recrutas, na sessão principal, mas, formando uma escola a parte.

1) — **FIM**: — aperfeiçoar a instrucção que receberam.

II) — O programma será, de um modo geral, o seguinte:

1) — Patrulhas (fixas e movel)

2) — Observação, ligação, transmissão.

3) — Avaliação de distancia; procura e designação de objectivos.

4) — Estudo minucioso do terreno. Croquis a simples vista.

5) — Prática de monitor de recrutas e commando de esquadra.

NOTA — Quando os Cmts. de Batalhão organizarem os pelotões de candidatos a cabos deverão prever a entrada de soldados antigos, mesmo que o effectivo seja maior de um pelotão.

Neste pelotão os commandos de grupos serão dados, de preferencia, aos graduados empregados, afim de treinal-os.

— Os empregados externos comparecerão á instrucção na fórma do artigo 33 do R. I. S. G.

AOS OFFICIAES

"Se queremos estar á altura da nossa missão de educadores e instructores, devemos cada manhã metter mão á obra com vigor e novo esforço; dedicarmo-nos completamente ao exito da nossa tarefa, e perguntar a nós mesmos, ao cair da tarde, se temos correspondido á responsabilidade que pesa nós". (Palavras do General Schmidt).

— Se o mais elevado dever do official é este, expresso em palavras tão simples. — educar e instruir o soldado — o interesse no quadro de officiaes, a sua honra, a honra do Exercito e da Patria exigem que a esse dever consagremos toda a nossa alma, toda a nossa dedicação, que deve ser tanto maior quanto o nosso desejo de ver fortalecido o caracter da nossa raça em todos os lares que se perdem por este immenso Brasil.

D) — INSTRUÇÃO DE QUADROS

CABOS

a) — Ministrada com o fim de aperfeiçoar a sua instrucção, tornando-os capazes de commandar um G. C.

b) — O programma, de um modo geral será o seguinte:

1) — Segurança nas marchas e estacionamentos.

2) — Grupo de combate:

— Generalidades, commandos, meios.

— Technica das formações.

— Combate do Grupo.

— Missões particulares do G. C.

3) — Ligações e transmissões dentro da companhia.

4) — Emprego tactico das armas e petrechos do grupo.

5) — Tiro de fuzil e do F. M.

6) — Avaliação de distancias; procura e avaliação dos objectivos

7) — Esgrima de baioneta.

8) — Prática de monitor de instrucção physica.

9) — Execução de um croquis com a bussola e a simples vista.

SARGENTOS

a) — Ministrada com o fim de aperfeiçoal-os, tornando-os capazes de commandar eventualmente um pelotão.

1) — Segurança (marcha, estacionamento e combate).

2) — Pelotão como Ponta de vanguarda e como Posto Principal, Flanco guarda na marcha e no combate (ligação com as unidades vizinhas).

3) — Pelotão no combate (aproximação, ataque, defesa).

4) Ligações do Avião com a terra. Ligação Infantaria-Artilharia.

5) — Secção de Commando do capitão.

6) — Topographia: leitura de cartas; angulo de marcha; levantamento de um itinerário; execução de um croquis com a bussola e sem ella; esboço panoramico; designação de um ponto por suas coordenadas.

7) — Instructor de educação physica (organização de lições completas).

8) — Noticia sobre os carros de assalto, canhão 37 e morteiro Stocks (theorica, por não possuir o R. I. taes petrechos).

9) — Aperfeiçoamento do tiro (fuzil e pistola).

10) — Uso do binoculo e do telemetro na avaliação das distancias.

11) — Papeis da companhia.

NOTA — Os sargentos reengajados assistirão algumas sessões da Instrucção dos officiaes (vide programma e horarios especiaes).

OFFICIAES

a) — Algumas palavras explicativas.

O programma especial para a instrucção do quadro de officiaes foi, tanto quanto possivel, organizado dentro do verdadeiro espirito com que deve ser encarado esta importante parte da instrucção do Regimento.

Effectivamente, nella se nota a decisão de sahir definitivamente do estreito limite da propria arma, o que se justifica pela necessidade de incutir no espirito dos officiaes a idéa da cooperação de todas as armas no combate. As armas não combatendo mas isoladamente, aquella restricção constitue um grave erro quando se trata da instrucção ministrada pelo Cmt. do R. I.

Esse ponto de vista não exclue, que a parte especial da arma seja ministrada no ambito do Batalhão pelos respectivos commandantes.

O desejo do Cmt. do Regimento, ao organizar este programma foi que até o mais joven official pelo menos em esboço, fique conhecendo o vasto quadro no qual vae agir quando vier a guerra.

Indubitavelmente, a tactica das pequenas unidades trabalhando isoladamente (a pequena guerra como alguns chamam) existe ainda, principalmente para nós; mas fórma uma excepção, e methodicamente deve-se estudar primeiramente a regra, para depois examinar a excepção.

O grande quadro é sempre o mesmo: o âmbito da DIVISÃO, que representa a machina da qual todas as unidades são as engrenagens principaes ou secundarias.

A intensão não foi, pois, entrar a fundo no assumpto que affecta directamente a grande unidade, nem isso seria admissivel; mas, tão somente dar uma idéa do ambiente, fazendo com que todos se acostumem a agir dentro d'elle.

Tão erroneo será que um Cmt de Regimento passasse todo o seu tempo ensinando a seus officiaes a tactica do grupo de combate; considerando-a como a pedra philosophal para resolver todas as situações de combate, como os capitães se dedicassem com seus subalternos ao estudo da tactica e conducção de uma grande unidade.

b) — Programma dos officiaes

Nas condições em que se acha o Regimento difficil se torna confeccionar um bom Programma para a instrucção de officiaes, principalmente na parte referente aos exercicios com tropa. Accresce mais que carecendo collocar primeiramente as mentalidades de todos os officiaes sob a mesma doutrina, tal trabalho não pôde ser realizado sómente em um anno de instrucção.

I) — Por essa razão o programma que se segue representa o 1º passo para ser attinido o fim proposto.

II) — Para abreviar e não perder tempo, o estudo commentado dos Regulamentos em suas partes essenciaes será feito nos exercicios sobre a carta.

c) — Estudo do R. S. C., R. E. M. P., R. E. C. I., R. O. T. e R. T. A. P.

O TERRENO

I) — Seu estudo do ponto de vista topographico e tactico.

1) — Esboço topographico e panoramicos.

OS MEIOS PROPRIOS DA INFANTARIA

I) — O armamento; os petrechos

1) — Technica.

2) — Emprego tactico.

A TROPA

1) — O Batalhão, unidade tactica essencial.

1) — Organização, dispositivos.

LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

I) — Ambito da D. I. (Regio., Btl. C.).

II) — Ligação do Btl. com a artilharia e com o avião.

EXERCICIOS NA CARTA (acção simples).

I) — Applicaçõ da Doutrina (Regimento, Batalhão, Cia.).

f) — O raciocinio tactico.

Situação; missão; emprego dos meios; decisão; ordem.

II) — Segurança do chefe e da tropa.

1) — Nas marchas (Btl. vg.).

2) — Nos estacionamento (Btl. P. A.).

III) — Combate.

1) — Estudo de uma situação defensiva (Btl.).

2) — Estudo de uma situação offensiva (Btl.).

EXERCICIOS NO TERRENO (Quadros e tropa).

I) — Estudo de uma situação defensiva:

1) — Organização e estudo do plano de fogo fundamental. Barrage.

2) — Postos avançados. Reservas.

3) — Contra ataque (fogo e movimento). — Immediato.

— Por unidades reservadas.

4) Ligações.

II) — Progressão sob um angulo de marcha dado na carta (Btl.).

1) — Contacto, engajamento.

III) — Ataque a um Btl.

1) — Objectivo, direcção do ataque.

2) — Acção pelo fogo.

3) — Manobras do Btl.

4) — Ligação com a artilharia e avião.

IV) — Assalto (Btl.).

1) — Partida de uma base. Acção da artilharia.

— Atraz de uma base já mantida. Passagem de escalão: ligação com a artilharia

3) — Passagem do ataque ao assalto sem parada.

d) — TRABALHOS ESCRITOS E CONFRENCIAS.

e) — PRATICA DA LINGUA HESPAHOLA.

f) — TIRO, ESGRIMA, EQUITACÃO, TENNIS NATAÇÃO.

NOTA — Os exercicios de Btl., com tropa, terão sómente uma Cia., com effectivo completo sendo as outras figuradas.

E) — INSTRUCCÃO DOS SERVIÇOS E ESPECIALIDADES.

a) — THESOURARIA.

1) — O programma constará, em geral, do seguinte:

1) — Conhecimento das tabellas de vencimentos (officiaes e praças); soldo, etapa, gratificação, diarias e percentagens, substituições, descontos (consignações, indemnizações, etc.).

— Calculo do valor da etapa.

— Organização pratica das respectivas folhas.

2) — Recebimento e applicação dos dinheiros. Prestação de contas. Balancetes Responsabilidades.

3) — Concurrências, contractos e compras administrativas.

4) — Lei do sello, recibos, documentos.

5) — Prática da escripturação por partidas dobradas.

b) — ALMOXARIFADO, (sargenteantes, sargentos e cabos furrieis).

1) — O programma constará, em geral do seguinte:

1) — Conhecimento das tabellas de fardamento, equipamento e outros materiaes, sua distribuição e escripturação.

2) — Tabellas que autorizam os fornecimentos, pedidos, requisições.

3) — Depositos (acondicionamento e conservação do material).

4) — Officinas (distribuição do serviço)

5) Illuminação (escripturação, fiscalização, material).

6) — Consumo e descarga do material.

7) — Embalagem e transporte do material.

8) — Reserva de guerra (maneira de fazer e applicar).

9) — Venda do material imprestavel (leilões, venda directa).

10) — Applicação do materia inservivel (transformações, reparações, etc.).

11) — Material adquirido (exame, responsabilidade pela sua imperfeição, remessa, avarias soffridas, etc.).

12) — Material perdido, damnificação ou inutilizado.

c) — APROVISIONAMENTO (sargentos, cabos furrieis e soldados do rancho).

1) — O programma de um modo geral, constará do seguinte:

1) — Conhecimento das tabellas de rações.

2) — Distribuição dos generos. Escripuração.

3) — Noções sobre a organização dos Trens de estacionamento (restabelecimento e distribuição).

4) — Reabastecimento em carne verde. Atribuições do pessoal encarregado deste serviço.

5) — Carros cozinha, marmitas thedmicas (funcionamento e utilização).

6) — Technica das viaturas (conservação, limpeza, lubrificação, revistas). Systema de atrelagem. Cargueiros (arreiamento, descripção, motagem, cuidados com os animaes e com a carga).

7) — Adextramento dos conductores (bo-léa redeas, atrelar, desatrelar, conversões, passagem de obstaculos).

d) — ENFERMEIROS

O programma, de um modo geral, é o seguinte:

Generalidades.

1) — Noções summarias sobre a organização do serviço de saude em tempo de Paz e Guerra.

2) — Atribuições e deveres do enfermeiro.

3) — Explicação do Cap. V. do Reg S. S.

Hygiene da tropa

1) — No quartel (alojamentos, rancho, xadrez, latrinas, etc... concentração de prisioneiros, etc.).

Technica

1) — Contabilidade e escripturação do S. S.

2) — Elementos de anatomia e physiologia.

3) — Hygiene da roupa, corpo e cama.

4) — Rações e dietas. Regimen alimentar.

5) Remedios. Pequena cirurgia. Curativos.

6) — Cuidado e vigilancia com doentes graves.

7) — Soccorros de urgencia.

e) — Padiroleiros..

Generalidades

1) — Noções summarias sobre a organização do S. S. em tempo de Paz e Guerra.

2) — Deveres e attribuições dos padiroleiros.

3) — Leitura e explicação do Cap. V.

Hygiene da tropa:

Identica á dos enfermeiros.

Technica

1) — Noções sobre o esqueleto humano e diversas partes do corpo e suas funções.

2) — Manobra com os feridos (levantamento).

3) — Transporte de doentes e feridos.

4) — Padiolas regimentaes e improvisadas.

5) — Viaturas de saude (equipamento e carregamento).

NOTA — Os padiroleiros regimentaes serão utilizados fóra das horas de instrucções de medico chefe.

f) — VETERINARIA, (enfermeiros e ferradores).

1) — Anatomia do cavallo, especialmente do pé.

2) — Applicações de curativos e injeções intramusculares e intravenosas.

3) — Assepsia e anteseptia.

- 4) — Cuidados e transportes dos doentes.
- 5) — Principaes molestias.
- 6) — Cuidado com os animais bons e doentes nas marchas e estacionamento.

7) — Ferragem do pé do cavallo. Ferraduras regulamentares, correctivas e pathologicas. Exame da ferradura, cravo, etc.

8) — Exterior do cavallo. Hippologia.

g) — TRANSMISSÃO (sargentos e cabos, radio-telegraphistas, telephonistas, signaleiros, soldados idem, idem).

PARA SARGENTOS

1) — Generalidades sobre a escripturação do material de transmissão.

2) — Noções concretas e indispensaveis de radio-communicações.

3) — Descrição e principio dos accumuladores (emprego, conservação, defeitos, carga).

4) — Emprego e conservação dos amplificadores (defeitos, reparações).

5) — Serviço de escuta, (signaes horarios, abreviações usadas pela convenção internacional).

6) — Serviços que competem ao mechanico electricista. Pratica.

PARA CABOS:

1) — Circuito telephonico.

2) — Traçado da linha. Réde telephonica. Centros.

3) — Defeitos na linha e sua reparação.

4) — Descrição do aparelho telephonico, sua manipulação e conservação.

5) — Descrição dos aparelhos opticos (nomenclatura, reparações).

6) — Paineis, foguetes e outros artificios (nomenclatura, reparações).

7) — Escolha do local para o posto. Central optica. Redes opticas.

8) — Ordem para o estabelecimento de uma ligação optica.

9) — Descrição e montagem de uma estação radio-telegraphica de campanha.

10) — Regulação da recepção e da transmissão.

11) — Conservação das fontes de energia (antennas e terra) defeitos e reparações.

12) — Codigo Morse.

13) — Manipulação com cigarra. Leitura de ouvido.

PARA SOLDADOS

1) — Característica da transmissão telephonica.

2) — Cabo leve, fio nu, cabo protegido. Accessorios.

3) — Montagens, desmontagens.

4) — Funcionamento e manejo dos aparelhos telephonicos e commutadores.

5) — Classificação, composição, relação e taxação dos telephonemas. Caderneta dos despachos.

6) — Regras relativas aos telephones; maneira de pedir e dar as communicações. Regras particulares para a transmissão e recepção.

7) — Funcionamento, verificação e regulação dos aparelhos opticos regulamentares.

8) — Focalização dos aparelhos. Procura de correspondência com os outros aparelhos dos postos proximos. Manutenção das communicações.

9) — Transmissão e recepção. Cadencia, manipulação incidente.

10) — Manejo e emprego dos artificios luminosos e dos paineis.

11) — Montagem de uma antenna. Tomada da terra.

12) — Codigo Morse, Manipulação do aparelho de T. S. F.

13) — Viatura de transmissão (carregamento, arrumação, limpeza, conservação, revisitas), movimento da viatura.

14) — Cuidado com os animais de tracção; atrelar, desatrelar, conversões, passagem de obstaculos.

15) — Serviço de estafetas.

16) — Sinalação especial de cada arma.

h) — MATERIAL BELICO (Sargentos e cabos do material bellico, soldados auxiliares e armeiros, conductores).

ARMAMENTO

1) — Recapitulação da nomenclatura do armamento, conservação (limpeza apoz o tiro ou exercicio, etc., lubrificação, material empregado e prohibido). Montagem, desmontagem.

MUNIÇÃO

1) — Recapitulação da nomenclatura, conservação nos paíes e viaturas, etc., acondicionamento para o transporte (viatura typo, de requisição, cargueiro, homens).

REMUNICIAMENTO

1) — Pelotão e esquadra de remuniciamento. Aproveitamento da munição.

2) — Composição e emprego do T. C.

“Ninguém deve chegar aos altos postos sem que possua capacidade criadora. Faz-se necessario, estudar a fundo as possibilidades de nossos officiaes a esse respeito, de procurar desenvolver-a em tempo util, isto é, fazendo-se, nos postos intermediarios, as selecções necessarias.”

(GEN. SERRIGNY)

ESCOLA DE CONDUCTORES

1) Nomenclatura das viaturas, cargueiros e respectivo arreamento.

2) — Modo de ensilhar e desensilhar; atrelar, desatrelar; governo da boléa em sela. Conservação e limpeza das viaturas e cargueiros. Reparos urgentes.

3) — Tracção a 1 e 4 animais.

4) — Embarque e desembarque das viaturas e cargueiros por estrada de ferro.

i) — ESCLARECEDORES MONTADOS (se for possível).

I) — O fim é obter optimos patrulheiros e agentes de transmissão.

II) — INSTRUÇÃO TECHNICA

1) — Escola de cavalleiro, trabalho preparatorio, trabalho de bridão, de freio e em grandes linhas.

2) — Educação physica de cavalleiro.

3) — Tiro.

4) — Instrução moral e geral.

III) — TACTICA

1) — Conhecimento e utilização do terreno.

2) — Instrução do tiro para o combate.

3) — Patrulhas (dia e noite).

4) — Agentes de transmissão.

5) — Guias e balisadores.

IV) — ESPECIAL

1) — Topographia — (levantamento de croquis; uso da carta; orientação).

F) — INSTRUÇÃO DOS SEGUNDOS TENENTES COMMISSIONADOS

a) — FIM

— Ampliar os seus conhecimentos militares e a sua instrução preparatoria.

b) — De um modo geral o programma constará do seguinte:

I) — Mathematica (Arithmetica e Geometria).

II) — Portuguez.

III) — Geographia.

IV) — Historia do Brasil (principalmente a militar).

V) — Topographia (conhecimento do terreno, leitura de cartas, orientação, levantamentos expeditos).

VI) — Combate da infantaria (grupo e pelotão).

NOTA — Estes officiaes commissionados assistirão a todos os exercicios e conferencias da instrução do quadro de officiaes.

— Os Cmts. de Batalhão serão os directores desta instrução e indicarão os respectivos instructores.

G) — HORARIOS

Vigora durante o anno de instrução 1928 o seguinte horario: (nº3 do R. I. G. T. e artigo 58 do R. I. S. G.).

NOTA — O horario especial para a Instrução dos officiaes e dos Commissionados será publicado em tempo opportuno no boletim regimental.

Designação	Maio e Agosto e	Junho e Julho	Setembro	Outubro	Novembro e Dezembro
Alvorada	6,00	6,30	5,30	5,00	4,30
Agua e forragem	6,10	6,40	5,40	5,10	4,40
Café com pão	6,30	7,00	6,00	5,30	5,00
Instrução e ensaio de corneteiros	7,00-9,30	7,30-9,30	6,30-9,30	6,00-9,00	5,30-8,30
Officinas	7,00-10,30	7,30-10,30	7,00-10,30	6,30-10,00	6,00-9,30
1º Expediente	8,00-11,30	8,00-11,30	7,30-11,00	7,30-11,00	7,00-11,00
Forragem	9,30	9,30	9,30	9,30	9,30
Almoço	10,00	10,00	10,00	9,30	9,30
Parada	11,00	11,00	11,00	10,30	10,30
Limpeza da cav.	10,30	10,30	10,30	10,00	9,30
Ensaio de musica	11,00-14,00	11,00-14,00	11,00-14,00	10,30-13,30	11,30-12,30
Officinas	12,30-16,30	12,30-16,30	14,00-16,00	14,00-16,00	14,00-16,00
2º Expediente	14,00-16,00	14,00-16,00	13,00	13,00	13,00
Agua dos animais	13,00	13,00	13,30	13,30	13,00
Café com pão	13,30	13,30	14,00-16,00	14,00-16,00	13,30-16,00
Instrução e ensaio de corneta	14,00-16,00	14,00-15,30	16,30	16,30	16,30
Jantar	16,30	16,30	18,30-20,30	18,30-20,30	18,30-20,30
Escolas reg. e de analphabetos	18,30-20,30	18,30-20,30	19,00	19,30	20,00
Agua e forragem	19,00	18,00	21,00	21,00	21,00
Recolher	21,00	21,00	22,00	22,00	22,00
Silencio	22,00	22,00			

“Lembrae-vos da Guerra”

Notas á margem de exercicios tacticos(*)

Primeira serie

(Sobre o sentido tactico do terreno)

pelo Cap. MARIO TRAVASSOS

III — FLEXIBILIDADE ÁS REGRAS DE LEITURA DE CARTAS

5. Sobre medidas na carta.
6. Sobre designação de objectivos.
7. Sobre levantamento de perfis.

GENERALIDADES

Os assumptos do presente capitulo vão soffrer, tal como aconteceu com os do capitulo anterior, as junções tacticas indispensaveis á emprestar-se *sentido tactico* ás regras de leitura de cartas.

Dessas regras, como se vê do programma que nos traçamos no capitulo I, sómente nos interessarão as que se referem ás *medidas na carta*, á *designação de objectivos* e ao *levantamento de perfis*, por isso mesmo que são as mais communs e aquellas em que se registam as maiores impropriedades quanto ao emprego corrente que dellas se faz.

Taes impropriedades se notam principalmente na tendencia em só considerar-se a *technica dos processos*, nada se fazendo quanto ao desenvolvimento do *sensu pratico* nas applicações, ás adaptações a que deve obrigar o *emprego tactico dos processos technicos*. O exame dessas impropriedades, constituirá mais uma prova de que, em tactica, o problema é sempre o mesmo — seja qual fór o aspecto que se encare: *partir de meios technicos, com determinado rendimento proprio e tirar delles, conjugando-os com a situação e o terreno, o rendimento maximo de que são assim capazes*.

5. SOBRE MEDIDAS NA CARTA

Os meios para a medida de distancias na carta, todos os sabemos: o *duplo decimetro*, o *curvimetro*, o *compasso*, a *aferição da mão e dos dedos*. As regras para a applicação *tactica* desses meios é que, apesar de espontaneamente estabelecida, nem todos a seguem.

Com effeito; é muito commum vêr-se um cmt. de cia., armado com sua carta na escala de 1/10.000, munir-se de um *curvimetro* (!) para calcular o tempo necessario á sua cia., para attingir e desembocar uma passagem estreita do terreno; ou um chefe qualquer fazer suas medidas com uma *abertura de compasso arbitraria* (!) quando de suas estimativas sobre alguns itinerarios dentre os quaes quer escolher, adoptar um.

Esses dois exemplos bastam para caracterizar todas as impropriedades que se commettam quanto ás *medidas na carta*, e revelam o desconhecimento de dois principios que devemos admittir como basicos a respeito desse assumpto, a saber:

a) de um lado, nunca esquecer que dos meios de medida uns são mais exactos do que outros (razão technica);

b) de outro, que a *escala da carta*, a *situação*, ou a *intenção* que temos, limita praticamente o emprego dos meios de medida (razão tactica).

(*) Vide:

N. 151 — onde se encontra o capitulo I: *Motivos e objectivos dessa Primeira Serie das "Notas á margem de exercicios tacticos"*;

N. 154 — onde se encontra o capitulo II: *Questões de nomenclatura* — ensaio de nomenclatura topographica, do ponto de vista tactico.

Vejamos como desdobrar as idéas contidas nesses principios, nessas duas ordens de razões.

Dos meios de medida, os que conduzem a resultados exactos, consideradas as sinuosidades mais ou menos communs a todas as extensões que geralmente nos interessam, são o *curvimetro* e o *compasso*. Aquelle demonstra a sua maior exactidão por si mesmo, por isso que percorre minuciosa e pacientemente todos os caprichos da extensão a medir-se. Este tem seu grau de exactidão proporcionado á abertura que se admitta para unidade de medida e, quasi sempre, relativa ás menores inflexões da extensão considerada — desde que, de accordo com a escala geographica se admitta uma *abertura judiciosa* e só applical-a tantas vezes quantas as necessarias. Os erros provindos desse segundo processo são sempre insignificantes e tanto menores quanto maior fór a escala e melhor escolhida a *abertura de compasso*.

Os demais processos podem-se classificar de *menos exactos*, pois o do duplo decimetro tem contra si a rigidez dessa pequena regua e o da aferição da mão (palmo, chave grande, chave pequena) e dos dedos (phalanges e phalanges do index e do pollegar) não passam de meros estimadores.

Ora, como se vê desde já, a *escala da carta* significa muito e, com ella, o *escalão de cmd.* em que se está, bem como a *situação tactica* e a intenção que se tenha.

Exemplifiquemos. Se se trata de conduzir uma patrulha de 1., installar um P.P., etc., trata-se de conduzir pequena unidade ou mesmo pequeno elemento, de lidar, portanto, com uma *escala grande* em que os erros de medida não têm nenhuma repercussão sobre o que se tem de fazer. Ao contrario, se se trata de cobrir o flanco de uma grande unidade, trata-se de operar numa região mais ou menos extensa, em circumstancias de tempo e espaço (situação tactica) quasi sempre exigentes, com dist. mais ou menos forte, enfim, de lidar com *escalas pequenas* em que os erros commettidos nas medidas podem acarretar prejuizos na conducta da operação.

Não póde haver duvidas sobre que, no primeiro caso os meios *menos exactos* bastam. Os erros commettidos no espaço (medida) não se tornam sensiveis no tempo (operação). Inversamente, é facil concluir-se que devemos recorrer aos *meios mais exactos* quando se trate de um caso como o segundo e tanto mais exacto quanto fór a escala considerada ou mais cerradas as condições de tempo e espaço (situação tactica).

Do mesmo modo, devemos em *qualquer caso*, escolher o meio de medida proporcionando-o á intenção que temos. Se, por exemplo, fazemos apenas uma *estimativa de itinerarios* não ha necessidade em nenhum caso, de usar processos *dos mais exactos*. Estes devemos guardal-os para depois, quando as *estimativas* tenham eliminado alguns itinerarios e tenha-

mos que nos decidir *medindo-os*, por um, entre dois que restem.

Os processos decorrentes da aferição da mão e dos dedos são francamente indicados e devem ser de uso corrente quando se fazem *estimativas* ou se lida com *escalas grandes* (pequenas unidades).

6. SOBRE DESIGNAÇÃO DE OBJECTIVOS

Os processos são bem conhecidos, um menos preciso que o outro:

- tomar um ponto de referencia sufficientemente notavel e a elle amarrar-se (distancia, orientação) o objectivo a designar (processo menos preciso e mais commun);
- recorrer a coordenadas kilometricas ou hectometricas, segundo a escala (processo mais preciso e de uso limitado).

Sobre o emprego desses processos não ha duvidas. Elles são empregados sempre a proposito. E' opportuno, porém, lembrar o disparate que seria estarmos sempre a designar objectivos por coordenadas (para lançar uma patr., dar um ponto de direcção a um pel, de base, etc.). Tal como muitos pretendem usar o curvimetro nas medidas correntes de distancias na carta!

Quanto ao primeiro processo — o *processo commun* — alguns reparos devem ser feitos. Estes se referem ás simplificações que circumstancias especiaes podem levar ao seu emprego. Aliás, não serão essas simplificações outra coisa mais que as que se fazem quando se usa o processo das coordenadas. Assim como o objectivo 52.300/34.500 póde ser enunciado 52.3/34.5 e ainda 2.3/4.5 (todos sabemos as razões dessas simplificações), se o designamos pelo *processo commun* podemos admittir certas deformações deste processo, se assim o permittirem as circumstancias particulares em que se encontre tal objectivo.

Taes deformações podem resumir-se na *omissão* da distancia ao ponto de referencia ou no *baptismo* do objectivo, dependendo os resultados deste artificial da maior ou menor habilidade do *padrinho*.

Com effeito; se ao S. de um ponto de referencia, na folha de carta que se está usando, só existe a Faz., ou a ponte, ou o capão que precisamos designar, por que não dizermos o capão, a ponte ou a Faz. do Sul de tal? E' certo que os interessados pela designação, tomando como origem o ponto de referencia e esquadrinhando a carta no rumo Sul, encontrarão seguramente o objectivo designado.

Do mesmo modo, se ha dois objectivos do mesmo nome ao S. e ao N. de uma referencia notavel (E. F., povoação, etc.) porque não chamal-os pelo nome accrescentando-se-lhes do Sul, do Norte? Os recursos de *baptismo* são muitos e frutuozos. Quem não será capaz de encontrar o entroncamento B do M° S. Bento? Haverá difficuldades em encontrar-se o entroncamento B a N.E. do M° S. Bento ou o entroncamento V a Oeste de Ricardo de Albuquerque?

Se levarmos em conta que certas unidades operam largo tempo em determinadas zonas, então, a simplificação pelo *baptismo* poderá attingir seus ultimos limites.

O que não resta duvida é que o *preconceito* da designação de objectivos pelo processo commun, com todos os sacramentos, é que ás vezes torna inintelligivel certos textos de ordens, tal a sobrecarga das designações. Ha casos em que se usam designações de designações — a bifurcação 3.500 ms. ao S. de tal que está immediatamente a S.O. de tal.

Em regra, os exaggeros e mais absurdos da designação de objectivos são consequencia da ausen-

cia de pontos de referencia em certos trechos de carta (a regra quando se vae dos "*terrenos regulamentares*"), da rigidez do que prescreve o R. S. C. e tambem da falta de habilidade de certos operadores.

7. SOBRE LEVANTAMENTO DE PERFIS

A questão do *levantamento de perfis* é tratada, quasi sempre, de modo tal que de modesto meio, essa simples operação sobre a carta chega a apparecer com verdadeiro fim.

O *levantamento de perfis* póde servir para esclarecer duas sortes de questões principaes — as de *visibilidade* (observação terrestre) e as de *vulnerabilidade* (efeitos do fogo).

Quando se resolvem problemas referentes a qualquer dessas questões, de duas ordens são as impropriedades que se commettem.

— A primeira diz com o numero de perfis que, em regra, se exige para cada caso.

E' que se não conta com o *golpe de vista* do operador, nem se dá importancia á necessidade de *desenvolver-o*. Do mesmo modo não se leva em conta o caso em *presença*, ás vezes de esmagadora evidencia. Ainda, nem sempre se distingue a natureza do problema a resolver-se: se de *visibilidade* (menos exigente), se de *vulnerabilidade* (maior exactidão).

Dahi, o vicio de numerosos perfis, sempre que se determina a alguém, dizer da visibilidade ou vulnerabilidade de um trecho. Esse alguém julga-se logo em cheque, esforça-se por demonstrar que levantar perfis, para si, é coisa de nonada. No emtanto, quanto seria agradável sentir-se-lhe a preocupação de não ir além do indispensavel — demonstração cabal de *estudo prévio* do trecho, com os recursos do proprio *golpe de vista*! (senso topographico, sentimento do relevo e da relatividade de suas linhas).

— A segunda se refere ás escalas dos perfis, quer a horizontal, quer a vertical.

Não se distinguem casos. Utilizam-se indifferentemente as regras em uso — ambas na escala da carta, a vertical o dobro da horizontal, etc. No emtanto, quer parecer que para a escolha das escalas de um perfil dever-se-a de preferencia precisar sempre as exigencias do problema que com elle se tem de resolver. Esquece-se mesmo o *processo de occasião*, consistindo em admittir-se para a escala horizontal a da propria carta e para a vertical uma medida arbitraría qualquer.

E o peor é que as impropriedades de ambas essas ordens se mostram sempre conjugadamente depreciando trabalhos de valor, deturpando o velho principio de que na guerra só dá resultado o que é simples.

NOTA

Todas essas coisas são muito simples e, longe de nós, a supposição de que alguém tenha o que aprender nesse "*agrupamento de notas*, sem outra intenção que focalizar os assumptos, estabelecendo, se possivel, uma base de partida para as pesquisas de camaradas melhor avisados", tal como diziamos no artigo de apresentação desse trabalho (N. 151).

Mas, ao nosso vêr, essas mesmas coisas, como muitas outras que se lhes assemelham, têm grande importancia na *formação tactica* dos quadros. Creemos que ellas são capazes de resaltar as possibilidades de um executante numa prova de tactica, por isso que são capazes de revelar o sentimento que elle tenha das *circumstancias tacticas* em que se encontra, o que é um primeiro signal do senso no emprego dos meios.

"Pelo dedo se conhece o gigante". A melhor directiva será *fazer tactica*, sempre que se esteja no dominio da tactica — proporcionar os meios de que se dispõe ás necessidades que se apresentam.

Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten.-Cel. Hugues

VI CONFERENCIA

A COMBINAÇÃO DOS FOGOS DA INFANTARIA COM OS DA ARTILHARIA E DA AVIAÇÃO. — A LIGAÇÃO NA OFFENSIVA

SUMMARIO

A — Ligação Infantaria-Artilharia:

I — O "fogo unico", combinação dos fogos de infantaria e das outras armas é obra do General de Divisão, que realiza esta ligação pelo alto, graças á maior ou menor centralização dos meios.

II — Modificações do problema da ligação de accôrdo com as regras de centralização:

1) Centralização maxima — Ataque de frente fortificada: Barragem rolante; horario: a Artilharia governa o combate, a Infantaria acompanha, subordinada á Artilharia.

a) Inconvenientes do systema: Divorcio inevitavel entre a Infantaria e a Artilharia — Extrema rigidez — Concepção linear, sómente justificavel para o assalto.

b) Tentativas para diminuir os riscos do divorcio mantendo não obstante a formula da centralização: Parada intermediaria — Adiamento do horario a priori ou a pedido da Infantaria.

2) Os primeiros passos para a descentralização: Flexibilidade da barragem rolante, obtida pela criação do Agrupamento de apoio directo, directamente ligado ao commando da unidade apoiada, que pôde dirigir pedidos áquelle — Persistencia do horario.

3) Novos progressos no sentido da centralização — Ataques a terrenos pouco organizados:

a) Suppressão do horario, sendo a barragem rolante conservada sómente no inicio do ataque.

b) A Artilharia age a pedido da Infantaria que além disso governa o combate;

c) A ligação Infantaria-Artilharia repousa principalmente na — aproximação dos P.C. do Agrupamento de Apoio Directo e da Infantaria apoiada; — constituição de destacamentos de ligação.

III — Actuaes desiderata da Infantaria:

1º) Maior descentralização no commando da Artilharia:

a) Manter a centralização sómente para o acção de ruptura;

b) Larga descentralização para a exploração da ruptura, indo até á subordinação completa do agrupamento de apoio directo ao commando da Infantaria apoiada;

2º) Criação da Artilharia de acompanhamento immediato.

B — Ligação Infantaria-Aviação:

1) Officiaes aviadores destacados junto dos P.C. dos commandantes das unidades combatentes;

2) O avião de Infantaria — Balizamento da frente.

Vimos que o fogo da Infantaria constitue uma das partes do fogo offensivo unico e que, qualquer que seja sua potencia e a aptidão para fazer face com seu fogo ás diversas circumstancias do combate, a Infantaria não pôde, na maioria dos casos, cumprir sua missão sem a cooperação das outras armas, isto é, sem recorrer ao fogo da Artilharia e mesmo da Aviação que constituem a outra parte do fogo unico citado.

Cabe ao General de Divisão realizar a combinação desses fogos e aqui estudamos o problema sob o ponto de vista do infante.

A — Ligação da Infantaria com a Artilharia — Este complicado problema varia de accôrdo com o gráo de centralização, imposta pela propria natureza do combate.

I — Quando a posição a atacar apresenta o caracter de frente fortificada, isto é, pos-

suindo não só um systema de fogos bem estabelecido mas ainda abrigos solidos e defesas accessorias, a resistencia encontrada pela Infantaria é maxima e por isso ella recorre á uma artilharia poderosa, numerosa e bem reunida para abrir-lhe o caminho através dos sérios obstaculos.

Durante a preparação a artilharia, centralizada o mais que fôr possível, destroe por phase a Infantaria se contenta em designar os pontos a bater e a verificar as destruições por meio de reconhecimentos mixtos de officiaes de infantaria e de artilharia. Desse modo o problema da ligação é muito facil em tal periodo.

Mas na execução do ataque crescem as difficuldades da ligação. A Infantaria pede á

Artilharia não só tiros precisos contra todos os órgãos de fogo que possam prejudicar-lhe a progressão mas que taes tiros sejam mantidos até que sua primeira vaga de assalto atinja o objectivo. Ora, nesse caso o papel da Artilharia é difficil porque não conhece todas as resistencias e não pôde acompanhar com a vista a infantaria.

Adoptou-se então a solução, pouco elegante, da barragem rolante, cortina movel de granadas, sufficientemente profunda e densa para neutralizar todos os órgãos de fogo inimigos na zona em que actuar. A Infantaria deve acompanhar como em um scenario organizado pelo General de Divisão, os tiros da Artilharia, sempre com os olhos no relógio, até que se chegue ao limite dos tiros da Artilharia, quando a Infantaria se deterá.

Esta solução consistiu em substituir-se a ligação entre a Infantaria e Artilharia pela ligação entre a primeira vaga de assalto e os projectis de sua artilharia; solução verdadeiramente humilhante, embora necessaria, para a Infantaria.

Mas raramente as cousas passam-se assim; e é quasi inevitavel que um tal scenario, fructo da centralização, deixe de fracassar. Emquanto a Infantaria é detida em face de resistencias inopinadas, a barragem continua sua marcha sem resultado, dando-se então o divorcio entre as duas armas. São innumerous os exemplos que comprovam essa fallencia da barragem mas, ao lado destes, outros ha em que o emprego da barragem se impoz, para romper frentes solidamente organizadas, o que não será muito de esperar em uma guerra sul americana.

Apezar disso, a barragem rolante em nosso caso particular pôde ser empregada em guerra de movimento para impulsionar durante alguns minutos a infantaria no inicio de ataque em terreno fracamente organizado ou durante o engajamento.

Um tal processo choca pela sua rigidez e pela sujeição da infantaria á artilharia, o que exclue toda possibilidade de manobra e não assegura em troca á primeira certeza de protecção completa e efficaz.

II — Procurou-se dar mais flexibilidade á barragem rolante e reduzir as probabilidades do divorcio estabelecendo-se tempos de parada mais ou menos longos, sobre linhas relativamente approximadas (1500, 1800 ms.), durante os quaes a Infantaria fazia o balizamento e a Artilharia reajustava a sua barragem.

Se se verificava ainda um divorcio entre dois tempos de parada, devido ao atrazo de certas unidades, prolongava-se um dos tempos de parada até que as unidades retardadas retomassem a ligação com a artilharia. Esse adiamento do horario (uma hora mais ou menos) era previsto no plano de engajamento e uma unidade retardada não tinha permissão de pedir-o directamente á artilharia (por signaes),

sob pena de produzir-se a desaggregação do ataque. Só o commandante da Divisão pôde fixar esse adiamento para toda a frente da sua unidade ou excepcionalmente por uma parte dessa frente.

Apezar desse melhoramento, o processo continua rigido e com os mesmos defeitos assinalados, garantida sómente á Infantaria a certeza de poder restabelecer a ligação com sua barragem todos os dois kilometros. Entre os dois tempos de parada a Infantaria corre ainda os riscos de ter que agir sosinha, sem nenhuma cooperação da artilharia.

Esta solução não convém ao infante que pede ao commando que descentralize sua acção sobre a artilharia e a esta que quebre a rigidez da concepção linear da barragem, decompondo esta em tantas partes quantas forem as unidades de combate (Btls ou T. I.). E' a idéa nascente do agrupamento de apoio directo, o primeiro passo para a descentralização do commando da artilharia.

No interior da Divisão a artilharia será repartida em:

a) — Agrupamentos de apoio directo (um ou varios Gs. de 75) com a missão de executar tiros de apoio directo na frente da unidade de infantaria que deva apoiar;

b) — Agrupamento de conjuncto de 75 (um ou varios Gs.), encarregados, principalmente de reforçar, durante o ataque, a acção dos agrupamentos de apoio;

c) — Agrupamento de A. P. C. podendo agir em toda a frente da D. I.;

d) — Em certas circumstancias, um ou varios agrupamentos de artilharia de trincheira.

Todos esses agrupamentos dependem directamente do Commandante da A. D. que lhes determina a missão; além disso, os agrupamentos de apoio directo se ligam aos Cmts., das unidades de infantaria que devem apoiar de modo a poderem intervir em caso de necessidade mediante simples pedido esses Cmts. Para isso cada agrupamento de artilharia destaca um official para junto do Cmt. da unidade interessada.

A descentralização é ainda incompleta, porque de facto o Cmt. da A. D. continua a dirigir o fogo de sua artilharia, fixando-lhe as missões, isto é, dando-lhe ordens, ao passo que os Cmts. de unidades de infantaria só têm o direito de dirigir pedidos a sua artilharia de apoio directo. E' verdade que os Cmts. de agrupamentos de apoio directo devem attender aos pedidos da infantaria, mas acontecendo que para satisfazer a esses pedidos terá, muitas vezes que infringir as ordens recebidas da A. D., é muito provavel que sacrifique os pedidos da infantaria para cumprir as ordens da A. D., o que constitue um motivo para condemnar o systema.

Na realidade, esses processos (adiamento de horario e agrupamentos de apoio directo) nunca foram sufficientes para garantir entre a

infantaria e a artilharia uma ligação que permita á infantaria obter o apoio de fogo desejado quando fôr detida por um incidente qualquer do campo de batalha. A infantaria continuou emparedada pelos tiros fixados pelo Cmt. da D. I., sem que a ligação tivesse que funcionar. Do mesmo modo essa ligação não funcionava quando a barragem rolante era substituída por concentrações, successivas levantadas a horario, ou quando no fim da progressão, os enjaulamentos fixos eram substituídos por barragens moveis.

A guerra de movimento, anciosamente desejada, traz consigo a fallencia da formula linear da guerra de posição (formações lineares de assalto e barragem rolante linear). Deixa prever a manobra, baseada na dosagem dos esforços. Enquanto a Infantaria evolue para a tactica dos grupos a Artilharia flexiona as suas barragens, modelando os seus tiros pelas manobras previstas da Infantaria e dando a esses tiros densidade e profundidades maiores nos pontos em que a Infantaria tiver que fazer maior esforço.

Os deslocamentos da artilharia devem ser preparados de modo a garantir apoio constante e tão poderoso quanto possivel durante toda sua profunda progressão.

As barragens rolantes de horario rigido só são previstas no inicio do ataque e uma vez transposta a zona das organizações inimigas são substituídas por tiros sobre objectivos precisos sob a fórma de concentrações feitas a pedido da Infantaria.

Então é a Infantaria que governa o combate, cabendo á Artilharia regular os seus tiros de accordo com a manobra da Infantaria.

A ligação Infantaria-Artilharia resume-se, em ultima analyse, na ligação das unidades de ataque com o Agrupamento ou Grupo de apoio directo correspondentes. Realiza-se por meio da aproximação dos P. C. dos Cmts. de artilharia de apoio directo e os dos Cmts. de unidades de Infantaria interessados e por meio dos destacamentos de ligação.

A justa posição dos P. C. permite informações mais completas e ordens mais nítidas e mais apropriadas á situação e por isso deve ser preferida, mas a ella se oppõem as necessidades do Cmt. de apoio directo ter que se ligar com suas Bias, e com o Cmt. da A. D., que deve estar sempre em condições de poder manobrar os fogos de toda a sua Artilharia.

Nas maioria das vezes a questão será resolvida facilmente se o artilheiro e o infante fizerem concessões reciprocas: o primeiro concordando em afastar-se de suas Bias, enquanto isso não prejudicar o exercicio do commando e o segundo preocupando-se não só com a ligação para a frente mas tambem com o contacto da artilharia e ligações para traz.

Essa solução crea ainda uma situação falsa e hybrida porque o artilheiro continua, como no passado, oscillando entre o infante e o commandante da A. D. e porque este, con-

servando toda a artilharia á sua disposição, pôde retirar em dado momento á infantaria os agrupamentos de apoio directo respectivos, sob pretexto de manobrar fogos.

A criação dos destacamentos de ligação constitue um passo na solução do problema. O papel destes destacamentos será estudado nos cursos de artilharia e sobre elle não insistiremos.

A importancia desses destacamentos exige que sejam constituídos com cuidado, que o seu commandante não se limite a ser agente de transmissão e sim exerça o papel de conselheiro tecnico do commandante da infantaria e que todos os outros elementos do destacamento sejam artilheiros de escol. As ultimas condições são facilmente satisfeitas mas a primeira é de solução mais difficil porque não é facil designar um commandante de destacamento de quem se possa exigir a experiencia, o saber e o conhecimento da situação do commandante do G. ou do Agrupamento que o destaca.

Desse modo, a existencia dos destacamentos de ligação não exonera os commandantes de unidades da artilharia da obrigação de visitarem com maior frequencia possivel os P. C. dos commandantes de unidades de infantaria que apoiam, já que ahí não podem estar constantemente.

III — Tal é o estado actual do problema, cuja solução ainda não é satisfactoria e é natural que procuremos indagar dos progressos a realizar no futuro.

(Ora, vimos que todas as vantagens obtidas resultaram de maior descentralização no commando da artilharia. Assim sendo, pôde-se prever que a evolução continuará no mesmo sentido até que attinja a subordinação completa (não tenhamos receio do termo) no combate da artilharia de apoio directo á unidade de infantaria correspondente sem dispensar, além disso, a artilharia de acampamento immediato que organicamente deverá fazer parte da dotação dos R. I., a razão de uma Bia de seis peças para cada R. I.

Deve ficar bem claro que essa subordinação é momentanea e só applicada nos casos em que não seja efficaz a centralização do commando da artilharia, isto é, quando a batalha se apresenta com uma justaposição de acções localizadas.

O General de Divisão poderá além disso reservar parte de sua artilharia para acção de conjuncto e retomar sob suas ordens immediatas a artilharia de apoio directo, sempre que se tornar necessaria a centralização de toda a artilharia, como por exemplo no caso de encontrar-se em toda a frente resistencias que exijam preparação methodica e de conjuncto.

Em resumo, centralização para o acto de ruptura de uma frente ou para o engajamento, descentralização para o aproveitamento rapido da ruptura e para a tomada do contacto.

Na phase da descentralização o Cmt. de G. poderá deixar alongar-se os laços que o pren-

dem ao cammandante da A. D. e approximar-se de sua infantaria, levando para frente seus observatorios e suas Bias. Assim a artilharia satisfará os desiderata da infantaria, agindo espontaneamente, em seu proveito e abrindo fogo automaticamente contra os objectivos moveis que se podem apresentar. E' a ligação real sobre o objectivo.

Uma tal descentralização é o maximo que se pode pedir da artilharia e actualmente os artilheiros ainda não a aceitam. A tolerancia destes se limita á dotação da artilharia de acompanhamento immediato aos R. I.

Mas isto não satisfaz á infantaria. O canhão de acompanhamento immediato é effcaz quando se trata de reduzir ninhos de metralhadoras isolados, resistencias estreitas e sem profundidade, mas quando surge resistencia extensa ou mais consistente só a artilharia de apoio directo resolverá a diffculdade.

O processo de fortuna adoptado actualmente de collocar o 75 (Bias. Secs. ou peças) como acompanhamento immediato dos Btls. deverá desaparecer com a adopção de um material apropriado. E' uma boa medida porque o emprego do 75 em tal missão apresenta muitas vezes mais inconvenientes do que vantagens. Entretanto, enquanto se espera por esse novo material, ter-se-á que recorrer a esse processo de fortuna principalmente em terrenos cobertos que permittam deslocamentos desenhados ao material 75.

O Material de acompanhamento desejado póde ter os caracteristicos medios seguintes: obus baixo, blindado, transportado, sobre lagarta, alcance maximo de 3000 a 4000 ms. e formando bias. de 4 a 6 peças para cada R. J.

B — Ligação Infantaria — Aviação.

Não ha muita cousa a dizer sobre tal assumpto.

Durante a ultima guerra as bruscas intervenções aereas sobre o campo de batalha provocaram mais de uma vez a desordem sobre o adversario e os infantes são os primeiros a reconhecer o auxilio effcaz que os aviadores lhes proporcionaram com seus fogos. Entretanto, na maioria das vezes, essa intervenção se fazia sem ligação directa com a infantaria.

Ora, actualmente, com os progressos realizados em aviação, as occasiões de intervenção desta arma em ligação directa com a infantaria augmentarão de dia para dia; agirá para deter um contra ataque, retardar a entrada em linha de reservas inimigas; voando a baixa altitude poderá intervir contra ninhos de resistencia (mtrs., bombas, granadas ordinarias e de gaz, etc.); lançará o panico sobre as columnas inimigas em retirada (mtrs., bombas).

Esta collaboração será realizada por meio de officiaes de aviação destacados como agentes de ligação junto aos differentes P. C. interessados de modo a recolher integral e realmente as informações que permittem a entrada em acção dos Gs. de bombardeio nas melhores condições possiveis.

Ao infante caberá corresponder-se com o avião de acompanhamento, balisando sua frente pelos meios uteis e tranmittindo-lhe seus pedidos.

Finalmente, para o infante constitue um reconforto moral a chegada no momento critico da batalha, dos aviões de bombardeio, em consequencia de seu proprio pedido.

Casa Rodrigo Vianna

TELEPHONE — NORTE N. 840
END. TELEGR. — RODIVANA

CORREARIA E SELLARIA
LAVRADIO NS. 115 E 130

ARTIGOS DE VIAGEM — TAPEÇARIAS — ARTIGOS PARA SPORTS —
ARTIGOS DOMESTICOS
A MAIS ANTIGA EM FORNECIMENTOS AOS GOVERNOS FEDERAL,
ESTADUAES E MUNICIPAES

ROCHA VIANNA & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 64

RIO DE JANEIRO

O VALOR DAS IDEIAS... Simples coincidência, mas quem sabe poderá significar essa coincidência nos profundos archanos do destino das coisas? Nada! seguramente nada! Somos do continente da Paz e o paiz-reducto de todos os pacifistas, tanto é verdade que conseguimos fazer vida internacional, completamente desarmados, arruinados militarmente, embora em torno de nós e por toda a parte não haja senão organizações militares que se aperfeiçoam, armamentos que se fabricam ou se adquirem.

O facto, porém, é que já por duas vezes passamos grandes datas nacionaes em plena manobra de quadros de grandes unidades...

Dessa coincidência "o espirito novo do Exercito" já tirou o unico partido — ao seu alcance — transbordar de todos os corações, affirmativamente, magnificamente sob a fórmula altisonante do hymno nacional, cantado por todos os presentes.

Quando surgiu a ideia, sua execução não foi além do ambito da propria E. E. M., então em exercicios sobre o terreno gaúcho. Agora, evoluiu. Tratava-se da grande manobra de quadros de fim de anno, sob os auspícios directos dos chefes da M. M. F. e do E. M. E., manobra de Exercito em que tomaram parte chefes e officiaes de varias procedencias.

Era 15 de Novembro e pela ultima vez o grande conjunto de officiaes se veria reunido. A' sobremesa do jantar novamente "o espirito novo do Exercito" manifestou-se e com inegualavel successo, considerada a ampliação do ambiente.

Desse successo podem julgar quantos ouviram as palavras brilhantes do Sr. Gen. Chefe do E. M. E., visivelmente impulsinado pela força viva do cantico patrio, cupola esplendente em que S. Ex. gravou com entusiasticas affirmações os

serviços e o merito da M. M. F. ao par da capacidade de trabalho e intelligente proveito dos officiaes brasileiros.

Nossos votos são para que assim terminem sempre nossas manobras de quadros, mesmo que não coincida sua terminação com alguma data nacional de vulto.

Curem-se pela Homœopathia, fazendo uso dos nossos afamados especificos

Antipapirus — o melhor, o mais poderoso remedio para curar a gripe — um vidro 2\$000.

Antiferinus — Cura Coqueluche em 15 dias e preserva as creanças desse mal — 1 vidro 2\$000.

Angasturium — E' o grande remedio das infecções intestinaes de caracter grave — 1 vidro 2\$000.

Arsenico Todado Composto — O melhor e o maior fortificante da homœopathia — 1 vidro 3\$000.

Vitirus — Cura as tosses e as bronchites — vidro 2\$000.

Cardusmajus — Poderoso remedio para curar as doenças do figado — 1 vidro 2\$000.

Cepyl — Cura o corysa, os resfriados — 1 vidro 2\$000.

Purgina — Ideal combinação contra a prisão de ventre — 1 vidro 2\$000.

Solurius — Cura diarrhéas das creanças e dos adultos — 1 vidro 2\$000.

Phosphorina — Faria — O melhor remedio para as creanças. Facilita a denticção — 1 vidro 3\$000.

Rhus composto — Cura o rheumatismo — 1 vidro 2\$000.

Matifolium — Indicado nas doenças do estomago — azia, dyspepsia, gastralgia — vidro 3\$000.

Ouubenzol — Contra a syphilis e suas manifestações — um vidro em tablettes 5\$000.

Uriacido — Poderoso medicamento para combater o acido urico, as affecções dos rins e da bexiga, o arthritismo e o rheumatismo — vidro em tablettes 3\$000.

Crema Medicinal de Hamamelis — Preparação scientifica para o embelezamento da pelle, sem substancia gordurosa, indicado nas espinhas, rugas, pannos e manchas de pelle. Pote pequeno 4\$000 — grande 7\$000.

Subonete de Hamamelis — um 2\$000 — duzia 20\$000.

Guia de Medicina Homœopathica do Dr. Nilo Cairo

A maior parte destes remedios existe tambem em globulos.

Enviamos pelo correio qualquer medicamento, mediante a remessa da importancia por vale postal.

Loção Curativa de Hamamelis — Feridas, doenças da pelle, queda dos cabellos, etc. — Vidro 4\$500.

CORTONICO — Indicado nas doenças do coração — Vidro 5\$000.

Hemcovermil — A mais completa e inofensiva preparação, contra todas as variedades de vermes, oxiuros, ascaridas, necator e outros. — 1 vidro em tablettes, 4\$000 — Duzia 45\$000.

DE FARIA & C.

R. S. José, 75 — Tel. C. 2247 — C. Postal 2564 — Rio de Janeiro.

AMARO DA SILVEIRA & C^o

CASA FUNDADA ANTES DA GRANDE GUERRA

OPERAÇÕES BANCARIAS
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

89, 91, Av. Rio Branco, 89, 91

Caixa do Correio 1791 — Telephones Norte 3237 e 1006.

End. Electr. "ARA"

Cod.: Ribeiro, A. B. C. 5.^a e 6.^a Edição, Bentley's e Marconi

RIO DE JANEIRO

S. Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Paris, Londres,
Nova York, Bruxéllas e Bérlim.

O problema dos grandes alcances (Soluções allemã e franceza)

pelo Major PERICLES FERRAZ

A resposta ao Bertha que atirou contra Paris

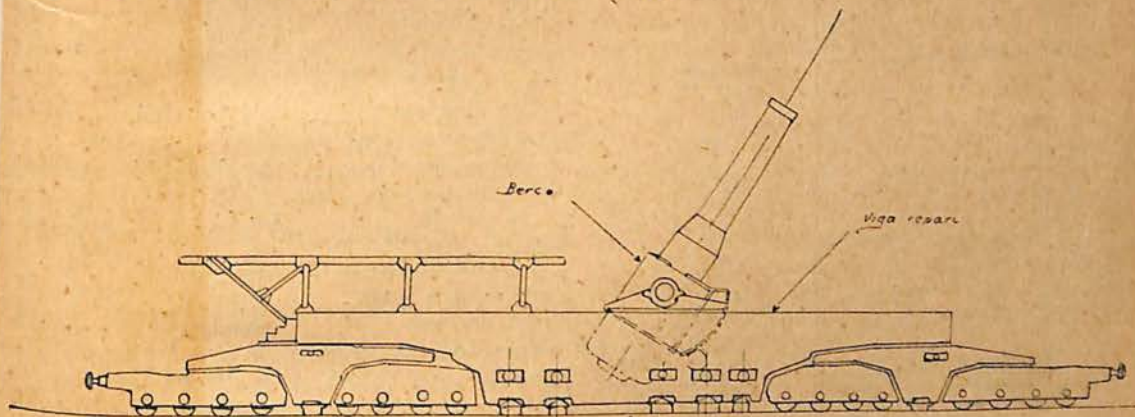
OBUZEIRO SCHNEIDER 520 C/16

A industria bellica franceza respondeu ao producto maravilhoso, que se denominou, Bertha, com este obuzeiro pesado de grande alcance. Ao Krupp respondeu Schneider.

E' installado em reparo-truck de deslizamento systema Schneider. O material permite a execução do tiro vertical (angulo de tiro 60°); seu alcance maximo excede francamente de 17 kilometros com a granada de 1.370 kilogrammos lançada com a velocidade inicial de 500 m/s com uma carga de projecção de 139 kilogrammos de polvora BM 13.

em calibre: 16 calibres. Comprimento da parte raiada: cerca de 6m215 (11, calibre). Fechamento da culatra do systema Schneider, podendo-se manobrar, quer a braço, quer automaticamente por intermedio de um recuperador de ar comprimido.

Parafuso-culatra com obturador plastico de sectores escalonados. A haste da cabeça movel é atravessada em todo seu comprimento pelo ouvido, este é alargado em sua parte posterior para permittir o alojamento da estopilha.



SCHEMA DO OBUZEIRO SCHNEIDER 520

EM BATERIA

Emprega 4 cargas reduzidas, a menor é de 69k 200 de polvora BM 9.

1º — Projecteis

1º — Granada de aço com o traçado D com a espoleta de ogiva, pesando 1370k e contendo uma carga de arrebrandamento de 300 kilogrammos de explosivo. O comprimento total desta granada é de 1m,99.

2º — Granada de aço com espoleta de culote pesando 1k,654 e uma carga de arrebrandamento de 197k,7 de explosivo.

2º — Canhão e culatra

Calibre 520 m/m; 168 raias de passo constante; inclinação: 7º á direita, Comprimento total do canhão: 8m 350, comprimento total

O parafuso do disparo produz por sua elevação a ejeção da estopilha. Disparo electrico.

3º — Freios recuperadores

As hastes dos pistons dos freios e dos recuperadores são presas por uma jaqueta de culatra, na parte posterior da bocca de fogo. Esta recua ao tiro no interior de um berço com guias de bronze e no qual estão collocados os 4 cylindros do freio e os 2 recuperadores com reservatorios de ar.

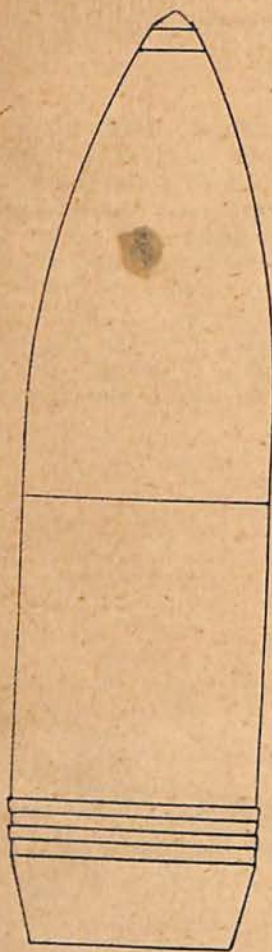
Os freios de contra-haste central e os recuperadores hydropneumaticos são analogos aos do material Schneider.

O comprimento do recuo permittido é de 945 m/m.

4.ª — Organização geral

O systema oscillante (peso de 86 toneladas), composta da bocca de fogo, do e do sector de pontaria em altura, repousa sobre as partes inferiores da viga-reparo por intermédio de munhões de suspensão electrica.

Para o transporte, a viga-reparo repousa em dois cabeços de pião central, collocados um



*Granada explosiva do obuzeiro
Schneider 520*

na frente e outro atrás do reparo. Estes dois cabeços são por sua vez supportados cada um por duas peças de quatro eixos.

Os esforços do tiro são transmittidos ao terreno por sete vigas que se apoiam numa plataforma metallica collocada na via.

Duas dessas vigas são fixadas embaixo do eixo-pião dos cabeços; as outras são dispostas em baixo da viga-reparo.

Todas as vigas são manobradas por meio de macacos.

A pontaria em altura é realisada por manobra electrica ou a braços.

O reparo não tem dispositivo de pontaria em direcção; esta realisa-se deslocando-se o material numa via curva. Para isso as vigas na frente e atrás são accionadas por motores electricos dirigidos pelo apontador.

As munições são transportadas dos vagons de remuniamento num carrinho transportador movido electricamente. Um caminho de rolamento situado atrás da bocca de fogo permite fazer passar as munições do carrinho á plataforma de carga.

O corrente electrica necessaria ás diferentes manobras da peça é fornecida por uma estação electrica rodante que acompanha o material.

O peso total do truck em bateria é de cerca de 250 toneladas; seu atravacamento longitudinal não excede sensivelmente de 30 metros.

O obuzeiro 520 m/m C/16 não chegou a receber o baptismo de fogo; antes de ser empregado nas linhas de frente veio o armistício

Dados principaes

Alcance	18.000m
Calibre	520 m/m
Velocidade inicial....	500 m/s
Recuo maximo.....	945 m/m
Peso total do truck em bateria.....	250 toneladas
Comprimento total da bocca de fogo....	8m,350 (16 calibres)
Comprimento da parte raiada.....	6m,215 (11 calibres)
Angulo maximo para o tiro vertical....	60º
Numero das raias....	168
Fasso das raias.....	constante
Inclinação das raias..	7º
Direcção	á direita
Disparo	electrico
(1) Peso da granada explosiva (forma D) com espoleta de ogiva.....	1.370k
Altura da granada...	1m,991
Carga de projecção..	139k
Carga de arrebatamento	300k de explosivo
Especie de polvora...	BM13
Emprega 4 cargas reduzidas. A menor, de polvora...	BM9 é de 69k,200
Peso da granada explosiva com espoleta de culote.....	1k,654
Carga de arrebatamento	197k,7 de explosivo
Projecteis... emprega as duas granadas explosivas acima.	

(1) Ha no saguão da Directoria do Material Bellico um exemplar deste projectil que depois de ter figurado na Exposição de 1922, foi offerecido ao Ministerio da Guerra.